



**Rafael Raymundo Schmidt**

**Análise exegética do Sl 8:**

**A temática da criação**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Leonardo Agostini Fernandes

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

**Rafael Raymundo Schmidt**

Graduou-se em Teologia pela FAK em 2012. Durante o Mestrado em Teologia Bíblica foi bolsista da CAPES.

Ficha Catalográfica

Schmidt, Rafael Raymundo

Análise exegética do Sl 8 : a temática da criação / Rafael Raymundo Schmidt ; orientador: Leonardo Agostini Fernandes. – 2019. 99 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2019.  
Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Salmo 8. 3. Exegese. 4. Criação. 5. Criador. I. Fernandes, Leonardo Agostini. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

## Agradecimentos

Eternamente grato ao Criador dos céus e da terra, que tudo possibilitou em minha vida, e por ser sempre a minha principal inspiração, que concede-me a cada dia o seu fôlego para que eu possa perscrutar seus imensuráveis caminhos e seus detalhes extraordinariamente exibidos em sua criação.

À minha mãe, com todos os seus esforços e dedicação, e por todo o suporte para que hoje eu pudesse estar aqui,

Ao meu orientador, Prof. Dr. Pe. Leonardo Agostini Fernandes, por tão cuidadosamente ter me conduzido pelas veredas do conhecimento, indicando os melhores caminhos para a conclusão do trabalho exegetico, e por ter sido aquele que em todo meu percurso no mestrado, abriu meus horizontes, me possibilitando ver além, e trazendo-me ainda maior prazer pelos estudos bíblicos.

Aos meus colegas da PUC Bruno José, Jivaldo Filho, Leniziane Ramos, Doaldo Belem, Marcelo Miguel, Cláudio Martins, que participaram da minha caminhada, motivando-me a prosseguir nos meus estudos, e fazendo-me mais vigoroso na jornada acadêmica.

Aos meus amigos e todos aqueles que sempre acreditaram em mim, e ainda os que foram a minha inicial motivação para ingressar no mestrado.

Aos professores do departamento de teologia da PUC-Rio, Pe. Dr. José Otácio Oliveira Guedes, Profa. Dra. Maria de Lourdes Corrêa Lima, Pe. Dr. Waldecir Gonzaga, Prof. Dr. Pe. Heitor Carlos Santos Utrini, que contribuíram de forma grandiosíssima na minha caminhada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Resumo

Schmidt, Rafael Raymundo; Fernandes, Leonardo Agostini (orientador). **Análise exegética do Sl 8: A temática da criação**. Rio de Janeiro, 2019. 99p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O Sl 8, objeto de estudo da presente pesquisa, é uma poesia que descreve um aspecto da criação, como um louvor descritivo, emoldurado por um refrão corálico. O salmista se dirige a YHWH sempre na segunda pessoa, com exaltações inesgotáveis. Apresenta a figura do homem de maneira central no poema, sem no entanto ofuscar a centralidade de YHWH no que tange sua posição dentro do Sl 8. Enquanto unidade poética, o Sl 8 estrutura-se em duas seções (vv. 1-5 e vv. 6-10), que possuem nuances bem específicas e patentes devido a sua métrica. A primeira seção é iniciada com uma exaltação plural (v.2), que poderia ser a comunidade manifestando sua exaltação a YHWH, tem uma alternância para o singular no v.4, como o louvor de um indivíduo, e retoma na segunda seção a exaltação plural no v.10. Como parte do livro dos Salmos, que pode ser entendido como uma retribuição humana a Deus, o caráter doxológico é sempre muito presente, principalmente nos Salmos onde se referem a criação, visto que é sempre entendida como uma manifestação da grandiosidade do Deus de Israel, que tudo criou. O Sl 8 apresenta então a criação de YHWH para o homem, e o homem devendo remeter-se sempre a YHWH.

## Palavras – chave

Salmo 8; Exegese; Criação; Criador

## Abstract

Schmidt, Rafael Raymundo; Fernandes, Leonardo Agostini (advisor). **Exegetical analysis of Sl 8: The creation theme**. Rio de Janeiro, 2019. 99p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Sl 8, object of study of the present research, is a poetry that describes an aspect of the creation, like a descriptive praise, framed by a corallitic refrain. Sl 8 addresses YHWH always in the second person, with inexhaustible exaltations. It presents a central figure of man in the poem, without principle overshadowing the centrality of YHWH in regards to himself. 6-10), such as those with very specific nuances, and patented by their metrics. The first section begins with the exaltation of the plural (v. 2), which could be a manifestation of the exaltation community of a YHWH, it has an alternation to the singular in v. 4, as the degree of exaltation of an individual, and reiterates a plural exaltation in v.10. As the book of Psalms, which can be understood as a human retribution to God, it is a theme that is always present, especially in the Psalms where creation is concerned, since it is always understood as a manifestation of the greatness of the God of Israel, which created everything. Psalm 8 presents a creation of YHWH for man, and man should always refer to YHWH.

## Keywords

Psalm 8; Exegesis; Creation; Creator.

## Sumário

1. Introdução	9
2. O tema da criação no saltério	12
2.1 Questões introdutórias	12
2.2 A criação no Salmo 19	15
2.3 A criação no Salmo 33	21
2.4 A criação no Salmo 104	26
2.5 A convocação para que toda a criação louve ao Senhor (SI 148)	31
3. Análise exegética do Salmo 8	34
3.1 Texto e tradução segmentada	34
3.2 Crítica textual	35
3.3 Crítica literária ou da constituição do texto	42
3.4 Crítica da forma	45
3.5 O Gênero literário	53
3.6 Época e datação do SI 8	57
3.7 Crítica das tradições	58
4. Comentário do Salmo 8 e sua aproximação com Gn 1,1 – 2 ,25	62
4.1 A primeira seção (vv. 2-5)	62
4.1.1 Título (v. 1)	63
4.1.2 A exaltação inicial (v. 2ab)	64
4.1.3 A grandiosidade de YHWH e seu baluarte (vv. 2c-3)	66
4.1.4 A grandiosíssima obra do artífice (v. 4)	69
4.1.5 O homem enquanto um todo frágil (v. 5)	71
4.2 A segunda seção (vv.6-10)	73
4.2.1 O homem coroadado (v. 6)	73
4.2.2 O governo humano (v. 7)	78
4.2.2.1 Sobre os animais terrestres (v. 8)	82
4.2.2.2 Sobre os animais aéreos e aquáticos (v. 9)	83
4.2.3 A exaltação final (v. 10ab)	85
5. Conclusão	87
6. Referências bibliográficas	91
6.1 Fontes	91
6.2 Dicionários e léxicos	91
6.3 Bibliografia principal	93
6.4 Bibliografia de apoio	96
6.5 Artigos e capítulos de livros	97
6.6 Ferramentas	98

## Siglas e abreviações

a.C.	Antes de Cristo
AOP	Antigo Oriente Próximo
ApTh	Apulia Theologica
AT	Antigo Testamento
AYBD	Anchor Yale Bible Dictionary
BDB	The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon
BHS	Bíblia Hebraica Stuttgartensia
Cf.	Conferir
DBHP	Dicionário Bíblico Hebraico - Português
d.C.	Depois de Cristo
DDD	Dictionary of deities and demons in the Bible
DLF	Dictionary of Latin Forms
Dt-Is	Dêutero-Isaías
HALOT	The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament
JBL	Journal of Biblical Literature
JM	Joüon – Muraoka
JSOTSup	Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series
LSJ	A Greek English Lexicon. Oxford: Claredon Press, 1996.
LXX	Septuaginta
NDITEAT	Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento
TDCH	The Dictionary of Classical Hebrew
TDOT	Theological Dictionary of the Old Testament
TM	Texto Massorético
v.	versículo
vv.	versículos
vol.	Volume
VT	Vetus Testamentum

A abreviação dos títulos dos livros bíblicos segue a Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulos, 2002.

*A glória de Deus é encobrir as coisas,  
mas a glória dos reis é esquadrihá-las.*

(Pr. 25:2 ARA)

## Introdução

A presente pesquisa tem por objeto de estudo o Sl 8 e suas relações temáticas com os relatos da Criação de Gn 1 e 2, bem como as relações existentes dentro do Saltério. Serão trazidas também algumas afinidades temáticas com a literatura do AOP. O Sl 8 situa-se no livro I do Saltério, e inaugura no mesmo a temática da criação<sup>1</sup>. O objetivo da pesquisa é, por meio da análise exegética, perscrutar o Sl 8, a fim de que se possa compreender sua mensagem, sua importância dentro do Saltério, bem como sua relevância dentro da temática da criação.

Muitas outras passagens da TANAK fazem referência à criação<sup>2</sup>, entretanto, essa pesquisa visa estreitar o estudo do Sl 8 e os Sl 19A; 33; 104; 148, com o pioneirismo do tema da criação na Torá em Gn 1, 1- 2, 25, por considerar que são duas narrativas de extrema importância no que tange esta temática.

No segundo capítulo, os Salmos que serão tratados, são aqueles cuja característica criacional seja de maior evidência, enquanto o Sl 8 será amplamente abordado no terceiro capítulo. Alguns Salmos possuem menções à criação, sem no entanto, centralizar-se nesta temática. Neste caso, a ênfase no segundo capítulo se dará em alguns Salmos que possuem claramente um enfoque no tema da criação, os quais são Sl 19A; 33; 104, finalizando com o Sl 148 que parece arrematar os que anteriormente foram mencionados, conduzindo para um perfeito e proposital desfecho temático no Saltério.

Considerando que o tema da criação apareça em todo o Saltério, se faz necessário compreender dentro dessa dinâmica temática, os enlaces existentes não só entre os Salmos criacionais, mas as relações com as narrativas da criação de Gn 1, 1- 2, 25, avaliando também o aspecto sincrônico do Saltério, as peculiaridades de cada Salmo criacional, trazem de alguma maneira uma completude do tema, ou seja, parece ter sido amalgamado dentro do Saltério, concepções específicas acerca

---

<sup>1</sup> Cf. L. A. FERNANDES. “Deus, a pessoa humana e a criação, Salmo 8”. p.34.

<sup>2</sup> Cf. Jô 9,6-7; 22,14; 26,7.10; 36,27; 38,1-31; Pv 3,19-20; Is 40,22.

da criação, mas que convergem para um mesmo eixo, em que se tem um Deus criador e absoluto.

Embora o livro de Salmos represente 150 unidades, deve se considerar como e de que maneira essas unidades funcionam juntas<sup>3</sup>. Nesta perspectiva, deve-se ler os Salmos de criação no decorrer do Saltério, não de uma forma desconexa, mas interpretando-os como havendo uma propositalidade conectora, ainda que nas suas diferenças. Assim, não se entende somente possíveis significados nas unidades maiores, mas também em todo o Saltério.

Sabendo que Israel dispõe provavelmente de sua fé na criação num tempo relativamente tardio<sup>4</sup>, e, cercado por toda uma antiquíssima atmosfera religiosa, repleta de mitos da criação (do mundo e do homem) do AOP, se fez necessário a utilização de literatura comparada, a fim de que se obtenha também certa clareza sobre os possíveis influxos que possa ter recebido não somente o Sl 8, mas também os demais Salmos que serão analisados dentro da temática da criação no segundo capítulo.

Perceber os enlaces temáticos dentro do Saltério, e também com Gn 1 e 2, possibilita a visualização teológica e seus desdobramentos internos, ou seja, dentro da TANAK; a percepção dos enlaces temáticos com outras literaturas de seus confrades politeístas, permite a visualização das ressignificações teológicas realizadas pelos autores hebreus.

Após a explanação temática da criação dentro do Saltério (Sl 19A; 33; 104; 148), seus contatos com Gn 1 e 2 e o Sl 8, ter-se-á no terceiro capítulo, uma particularização exegética do Sl 8, com sua tradução, segmentação, e seguindo os passos do método histórico-crítico, considerando o aspecto diacrônico, bem como o aspecto sincrônico, dado a comunicação do texto em sua forma final<sup>5</sup>.

Intenta-se no terceiro capítulo alumiar o Sl 8, fazendo-o manifestar sua inteireza, também seus delineamentos poéticos na sua forma, a maneira como

---

<sup>3</sup> Cf. W. D. TUCKER. Jr. *Psalms 1: Book Of*. In T. Longman III & P. Enns (Orgs.), *Dictionary of the Old Testament: Wisdom, Poetry & Writings*. p. 589.

<sup>4</sup> Cf. G. VON RAD. *Teologia do Antigo Testamento*. p. 135.

<sup>5</sup> Cf. M. L. C. LIMA, *Exegese bíblica*, p. 53-54.69-71.

estrutura-se, seu gênero literário dentro do Saltério e as tradições nas quais o texto possa estar ancorado.

A análise feita no terceiro capítulo, viabilizará uma melhor compreensão no quarto capítulo, onde será feito o comentário exegético. No comentário do quarto capítulo serão tratados os vocábulos mais relevantes de cada versículo, também o significado dos mesmos dentro da dinâmica do Sl 8, bem como os possíveis paralelos semânticos dentro da BHS, e ainda suas conexões com as literaturas do AOP.

## 2.

### O tema da criação no saltério

#### 2.1

##### Questões introdutórias

O TM traz a divisão do Saltério, em cinco livros ( Sl 1-41; 42-72; 73-89; 90-106; 107-150)<sup>6</sup>. Tal divisão basear-se-ia nas cinco doxologias, que finalizam cada um desses livros. Por isso, é proposto que o Saltério estaria estruturado de maneira a concentrar o louvor em YHWH no final de cada livro<sup>7</sup>. É suposto que as quatro primeiras doxologias tivessem sido adicionadas à semelhança de algumas coleções de Salmos sumerianos do séc XXI a.C<sup>8</sup>.

Entende-se tal reunião dos Salmos, em cinco livros ou coleções, não meramente por propósito organizativo, mas significaria uma interpretação, na qual as recitações corresponderiam aos cinco livros da Torá<sup>9</sup>, ou seja, o povo recebe de Deus<sup>10</sup> a dádiva de uma lei (Torá), e Lhe retribui com cânticos onde Ele deva ser perenemente louvado e exaltado.

Os cento e cinquenta Salmos, originaram-se como cânticos individuais, e foram organizados mais tarde em uma coleção<sup>11</sup>. É de difícil determinação com relação ao processo pelo qual os Salmos foram compilados, entretanto, algumas etapas desse processo são propostas, as quais são dispostas em quatro etapas<sup>12</sup>:

---

<sup>6</sup> Cf. A. F. KIRKPATRICK. *The Book of Psalms*. p. xvii; D. J. ESTES. *Handbook on the Wisdom Books and Psalms*, p. 146; D. KIDNER. *Psalms 1–72: an introduction and commentary*, vol. 15, p. 17; H. J. KRAUS. *A Continental Commentary: Psalms 1–59*, p. 16; J. P. LANGE., P. SCHAFF., C. B. MOLL., C. A. BRIGGS., J. FORSYTH., J. B. HAMMOND., Conant, T. J. *A commentary on the Holy Scriptures: Psalms*, p. 8-9; L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 75.

<sup>7</sup> Cf. J. L. MAYS. *Psalms*. p. 62.

<sup>8</sup> Cf. S. TERRIEN. *The Psalms: strophic structure and theological commentary*. p. 16.

<sup>9</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 13.

<sup>10</sup> Considerando que os nomes sagrados, Elohim, YHWH são usados em textos diferenciados, no presente trabalho o substantivo “Deus” será utilizado de maneira genérica.

<sup>11</sup> Cf. D. J. ESTES. *Handbook on the Wisdom Books and Psalms*, p. 145-146.

<sup>12</sup> Cf. P. C. CRAIGE., M. E. TATE. *Psalms 1–50*, vol. 19, p. 28.

- a) O Salmo é composto;
- b) Liga-se a outros Salmos para formar uma pequena coleção;
- c) Várias pequenas coleções são reunidas para que se forme uma unidade maior;
- d) Surge o atual livro dos Salmos, sendo uma “coleção de coleções”, com adições de Salmos individuais por editores do último livro.

A ideia de que os dois primeiros Salmos serviriam como uma introdução a toda coleção, sendo o Sl 1 a pré-condição da vida sob a Torá de YHWH e o Sl 2 apresentando YHWH como o rei que reina sobre todos<sup>13</sup>, é verossímil, e além disso, apesar do reinado de YHWH ser amplamente abordado no livro IV, que os Salmos cujos temas referem-se a criação, O apresentam sempre como o governante maior, sobre tudo e todos (cf. Sl 8; 19A; 33; 104), o que também corroboraria com a afirmação de que o tema do reino de Deus seria o centro integrador da teologia de todo o IV livro, de forma que tudo o mais estaria em dependência dessa soberania divina<sup>14</sup>.

O tema da criação ou do Criador é um importante objeto de atenção nos Salmos de louvor, e os impressionantes atos de Deus na história humana, devem ser vistos à luz de sua obra majestática<sup>15</sup>, como quando se tem a ideia da salvação, que primariamente surge delineando a compreensão do Deus Criador, ou seja, Aquele que criou, é o mesmo que, historicamente, os salvou outrora de maneira incrível<sup>16</sup>. O louvor a YHWH, enquanto Criador nos Salmos, possui um enfoque na ordenação e manutenção do cosmos<sup>17</sup>.

A importância da criação na teologia do AT pode ser percebida pelo fato do tema da criação iniciar a TANAK, em duas narrativas contendo suas peculiaridades, onde na primeira, em Gn 1,1-2,4a, cria-se pelo poder da palavra de Deus, enquanto

<sup>13</sup> Cf. D. J. ESTES. *Handbook on the Wisdom Books and Psalms*, p. 146.

<sup>14</sup> Cf. J. L. MAYS. *Psalms*. p. 62.

<sup>15</sup> Cf. C. H. BULLOCK. *Encountering the Book of Psalms: A Literary and Theological Introduction*. p. 126.

<sup>16</sup> Cf. G. VON RAD. *Teologia do Antigo Testamento*. p. 135-138.

<sup>17</sup> Cf. V. H. MATTHEWS., M. V. Chavalas., J. H. Walton. *The IVP Bible background commentary: Old Testament* (electronic ed., Jó 42.15).

Gn 2,4b-25 possui um aspecto de uma ação mais pessoal e carregada de antropomorfismos<sup>18</sup>.

A linguagem dos Salmos adota uma cosmologia comum da cosmovisão mitológica do AOP<sup>19</sup>, e no que tange a natureza, essa ordem cósmica se mantém como um desafio contínuo, onde o soberano Criador deve sustentar o mundo que Ele criou, a fim de que não seja tragado pelo caos<sup>20</sup>. Importante considerar, quando se observa a questão cosmológica dos Salmos, é que enquanto no pensamento antigo, os deuses eram tidos como personificações da natureza<sup>21</sup>, nos Salmos, entretanto, Deus é exaltado acima de todas as coisas, e a natureza é por Ele manipulada, como mera criação Sua, e possivelmente a intenção poética seja de trazer um contra-mito.

Nos Salmos, ora o epíteto Elohim é usado, outrora o Tetragrama YHWH, e além da compreensão da hipótese documentária<sup>22</sup>, se tem o pensamento dentro da tradição judaica, onde explica-se que quando é usado Elohim, o objetivo é mostrar seu poderio, e quando o Tetragrama YHWH ocorre, sugere então sua compaixão e maior personalidade<sup>23</sup>. Algumas maneiras são expressadas no Saltério acerca da criação, as quais são: 1) pela palavra ou uma ordem; 2) pela ação pessoal de YHWH; 3) pela sabedoria ou entendimento; 4) pela força<sup>24</sup>.

A antiga cosmovisão sobre o cosmos pode ser vista em muitas passagens<sup>25</sup>, sempre mostrando a grandeza de Deus sobre todas as coisas criadas, terrenas e celestes, desde seu controle sobre tempestades, sobre nuvens, como criando os céus e os corpos celestes com o pincelar de seus dedos (Sl 8), determinando soberanamente o curso solar (Sl 19), trazendo a existência todas as coisas pelo

<sup>18</sup> Cf. C. H. BULLOCK. *Encountering the Book of Psalms: A Literary and Theological Introduction*. p. 126.

<sup>19</sup> Cf. V. H. MATTHEWS; M. V. Chavalas; J. H. Walton. *The IVP Bible background commentary: Old Testament* (electronic ed., Jó 42.15).

<sup>20</sup> Cf. D. J. ESTES. *Handbook on the Wisdom Books and Psalms*, p. 159.

<sup>21</sup> Cf. S. TERRIEN. *The Psalms: strophic structure and theological commentary*. p. 49.

<sup>22</sup> As questões relacionadas as tradições textuais não serão tratadas no presente trabalho.

<sup>23</sup> Cf. C. H. BULLOCK. *Encountering the Book of Psalms: A Literary and Theological Introduction*. p. 126.

<sup>24</sup> Cf. C. H. BULLOCK. *Encountering the Book of Psalms: A Literary and Theological Introduction*. p. 127.

<sup>25</sup> Gn 1,6-8; Dt 32,22; Jó 9,6. 7; 22, 14; 26,7. 10; 36,27; 38, 1-31; Sl 8,4; 104,1-35...

poder criativo da palavra (Sl 33), ou como Criador e mantenedor de todas as coisas (Sl 104).

## 2.2

### A Criação no Salmo 19

O Sl 19 possui dois temas destacantes: a criação e a Lei. Sua unidade tem sido ponto de considerável debate, em vista destes dois blocos temáticos distintos que são chamados Sl 19A e Sl 19B<sup>26</sup>. Por esta diferença temática, reconhecia-se que o Sl 19 era composto por dois Salmos<sup>27</sup>, e uma das explicações seria a de um salmo primitivo, que falava sobre a mensagem da natureza (vv.2-7) e que um autor posterior teria corrigido a ideia e acrescentado a necessidade da Lei (vv. 8-15)<sup>28</sup>. Possa ser ainda que o autor tenha ampliado um hino existente celebrando a sabedoria de Deus em suas obras e suas palavras<sup>29</sup>. A análise crítica da forma e alguns autores reconhecem contudo que as diferentes partes podem ter sido usadas como uma unidade litúrgica<sup>30</sup>.

A primeira parte, Sl 19A, compreenderia então os vv. 2-7 e Sl 19 B os vv. 8-15. É admitido ser obra de autores distintos<sup>31</sup>, contudo há também a posição que o identifica como sendo obra de um mesmo poeta<sup>32</sup>, ou originalmente uma composição<sup>33</sup>. É proposta uma divisão do Sl 19 em três partes<sup>34</sup>, mas, a consideração de sua utilização em liturgia e hinos são como dois textos separados (vv.2-7 e 8-15)<sup>35</sup>. Um dos principais pontos para tal divisão, além da temática, é o

<sup>26</sup> Cf. A. F. KIRKPATRICK. **The Book of Psalms**. p. 101; D. KIDNER. **Psalms 1–72: an introduction and commentary**, vol. 15, p. 114; P. C. CRAIGE., M. E. TATE. **Psalms 1–50**, vol. 19, p. 28; S. TERRIEN. **The Psalms: strophic structure and theological commentary**. p. 280; H. J. KRAUS. **A Continental Commentary: Psalms 1–59**, p. 268-269; WHYBRAY, N. *IN*, vol. 222, p. 42-43; J. MORGENSTERN. “**Psalms 8 and 19A**”. In: Hebrew Union College, 19 (1945 – 1946), p. 506-507.

<sup>27</sup> Cf. H. J. KRAUS. **A Continental Commentary: Psalms 1–59**, p. 268-269.

<sup>28</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, **Salmos I**, p. 326.

<sup>29</sup> Cf. W. VanGEMEREN. A. Psalms. In Tremper Longman III & D. E. Garland (Orgs.), **The Expositor’s Bible Commentary: Psalms** (Revised Edition).vol. 5, p. 213.

<sup>30</sup> Cf. E. GERSTENBERGER. **Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry**, vol. 14, p. 101.

<sup>31</sup> Cf. WHYBRAY, N. *Reading the Psalms as a book*, vol. 222, p. 42-43.

<sup>32</sup> Cf. M. DAHOOD. **Psalms I: 1-50: Introduction, translation, and notes**, vol. 16, p. 121.

<sup>33</sup> Cf. A. BARNES. **Notes on the Old Testament: Psalms**, vol. 1, p. 166-167.

<sup>34</sup> Cf. J. L. MAYS. **Psalms**. p. 67–68; Cf. W. VanGEMEREN. A. Psalms. In Tremper Longman III & D. E. Garland (Orgs.), **The Expositor’s Bible Commentary: Psalms** (Revised Edition).vol. 5, p. 137; A. BARNES. **Notes on the Old Testament: Psalms**, vol. 1, p. 166.

<sup>35</sup> Cf. J. L. MAYS. **Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry**. p. 67–68.

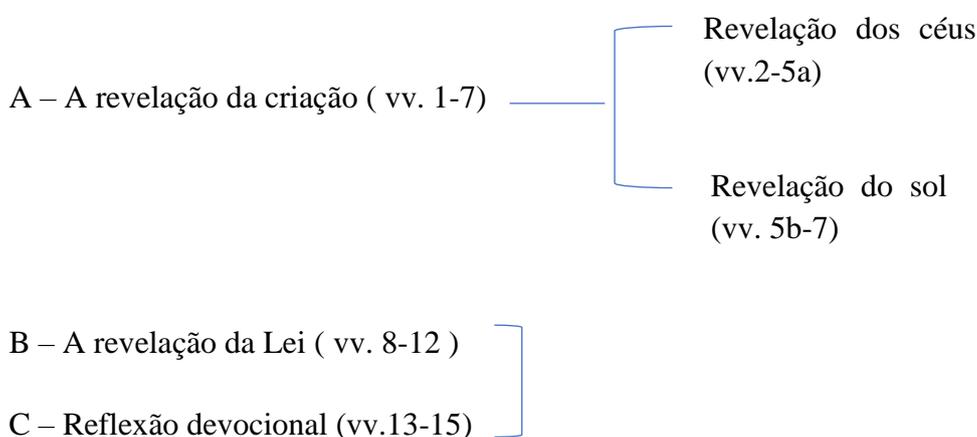
uso dos nomes divinos, onde em Sl 19A a referência à divindade é El, enquanto em Sl 19B usa-se o Tetragrama YHWH.

O Sl 19 poderia ser estruturado basicamente da seguinte forma:

A – A revelação da criação ( vv. 1-7)

B – A revelação da Lei ( vv. 8-15 )

Ou ainda poder-se-ia estruturar-se de forma tripartida:



Na estrutura tripartida, B e C utilizam o tetragrama sagrado, e A utiliza o nome divino El. Independente da consideração de que o Sl 19 possa ser a junção de dois Salmos ou uma única composição, deve-se considerar, todavia, que a tradição o considerou como um salmo, de maneira que Sl 19A estivesse em dependência de Sl 19B.

É possível que, apesar das peculiaridades de Sl 19A e Sl 19B, a leitura do Sl 19, num todo, intente representar a descrição da glória de Deus na criação como uma forma introdutória de louvor da glória de Sua Lei<sup>36</sup>, ou seja, Aquele que criou todas as coisas é também Aquele que deu a Lei para seu povo. O fato de que o

<sup>36</sup> Cf. E. W. HENGSTENBERG. *Commentary on the Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, vol. 1, p. 324.

Saltério comece com a ideia da Lei, tendo conceitos similares em outros salmos como o Sl 19, 94, 119, indica a importância da Lei na compreensão do livro<sup>37</sup>, e por este motivo, no caso do Sl 19A e 19B, a criação deve ser entendida em conexão com a vitalidade da Lei.

Mesmo considerando os pontos de contato entre a parte da criação (Sl 19A) e a parte da Lei (Sl 19B)<sup>38</sup>, e até a mudança de estilo que possa adaptar-se bem à mudança de tema<sup>39</sup>, o presente capítulo terá maior enfoque no Sl 19A, em que a temática da criação é tratada.

O início do Sl 19,2 muito se assemelha ao Sl 8,2, no que tange a ideia do céu como proclamador da glória de Deus<sup>40</sup>. O firmamento (  $\text{רָקִיעַ}$  ) no Sl 19,2 poderia ser correlacionado ao substantivo  $\text{רָקִיעַ}$  presente no Sl 8,3, se for considerada a equivalência para tal afirmação<sup>41</sup>. O vocábulo  $\text{רָקִיעַ}$  é o mesmo usado em Gn 1,6-8 normalmente traduzido por “expansão” e denominado “céus” no v.8, pois “céu” na BH é algumas vezes usado como sinônimo para “firmamento”<sup>42</sup>. O conceito de “firmamento” é a antiga concepção de algo como uma cúpula sobre a terra, na qual o sol, a lua e as estrelas se moviam, e que também separava as águas celestiais acima das águas terrestres abaixo, com pilares de sustentação (cf. Jó 26,11) possuindo fundações (cf. 2 Sm 22, 8) e janelas.

Nos vv. 3-5a acredita-se haver uma referência ao “mito da música das esferas”, uma ideia antiga, também desenvolvida na filosofia pitagórica. O mito diz respeito aos louvores a Deus, entoados pelas esferas celestiais, em sons tão sutis que eram imperceptíveis ao ouvido humano<sup>43</sup>, por tal sutileza se diria no v.4 acerca desse aspecto inaudível dos movimentos celestes. A ligação com Pitágoras, seria

<sup>37</sup> Cf. J. F. D. CREAM. *Yahweh as refuge and the editing of the Hebrew psalter*, vol. 217, p. 102.

<sup>38</sup> Cf. P. C. CRAIGE., M. E. TATE. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–50*, vol. 19, p. 179.

<sup>39</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 326.

<sup>40</sup> Cf. E. W. HENGSTENBERG. *Commentary on the Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, vol. 1, p. 326.

<sup>41</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 195-196; L. ALONSO SCHÖKEL, “ $\text{רָקִיעַ}$ ”, *DBHP*, p. 487.

<sup>42</sup> Cf. H. J. WALTON. *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary (Old Testament): The Minor Prophets, Job, Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*, vol. 5, p. 335; M. G. REDDISH. Heaven. In D. N. Freedman (Org.), *AYBD*, vol. 3, p. 90.

<sup>43</sup> Cf. J. MORGENSTERN. “*Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 8 and 19A*”. In: Hebrew Union College, 19 (1945 – 1946), p. 509.

em decorrência de suas pesquisas sobre astronomia, matemática, acústica e música, tendo sido talvez o primeiro a estabelecer um elo entre a regularidade de eventos celestes e a regulação matemática em consonâncias e dissonâncias musicais<sup>44</sup>.

Tal afirmação situaria o lugar do Sl 19A no período pós-exílico, e seria reforçado se forem considerados os aramaísmos presentes nos vv.3-5a – motivo pelo qual alguns o atribuem a este período<sup>45</sup>. Uma descrição mais detalhada sobre o curso do sol durante todo o ano encontra-se em I En 72, que fala sobre seis portões na borda leste do céu, através dos quais o sol surge durante os sucessivos meses. Em I En 41,5-8 igualmente parece ser uma reminiscência de Sl 19,4-5, quanto aos movimentos dos astros<sup>46</sup>.

O Sl 19A, em um tipo de contraste imediato com o primeiro Salmo da criação (Sl 8), parece o complementar, trazendo aspectos da criação no âmbito diurno – diferente do Sl 8 que atesta o âmbito noturno – criando como uma sequência complementar a respeito da criação dentro do livro I do Saltério.

Houve quem propusesse acerca da Lei no Sl 19B, que assim como o sol é vital e proporciona inúmeros benefícios que são vitais para o homem, assim também teria a mesma importância a Lei, que, em semelhança ao sol, proporciona benefícios para aqueles que a guardam<sup>47</sup>. Desta maneira, não se pode separar Sl 19A de 19B, pois de fato tal relação – ainda que com suas particulares diferenças – se integram perfeitamente numa dinâmica Criação – Lei, ou seja, Aquele que criou, zelou por sua criação concedendo a Lei e seus benefícios.

Sugere-se uma outra interpretação, onde  $\text{זָרָה}$  no v.9 significa não “puro” mas “radiante” em paralelo com “iluminando os olhos” ( $\text{מְאִירַת עֵינָיִם}$ ); também o verbo  $\text{זָרָה}$  não derivaria de *zhr* II “avisar” mas de *zhr* I “brilhar” significando

<sup>44</sup> Cf. P. DOMINIQUE. **Harmony of Spheres: from Pythagoras to Voyager 2**. In: Valls-Gabaud, D. & Boksenberg, A. (eds.). *The Role of Astronomy in Society and Culture*. Proceedings of the IAU Symposium No. 260, 2009. International Astronomical Union, 2011, p. 358-367.

<sup>45</sup> Cf. J. MORGENSTERN. “*Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 8 and 19A*”. In: Hebrew Union College, 19 (1945 – 1946), p. 509.

<sup>46</sup> Cf. G. W. E. NICKELSBURG., J. C. VANDERKAM. *1 Enoch 2: A Commentary on the Book of 1 Enoch, Chapters 37–82*. (K. Baltzer, Org.) p. 144.

<sup>47</sup> Cf. WHYBRAY, N. **Reading the Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry as a book**, vol. 222, p. 44.

“iluminado”<sup>48</sup>. Se tais pontos forem considerados, então seria fortalecida a ideia da iluminação pela Lei, e plausibilizaria a conexão dos vv. 2-7 com os vv 8-15, onde muito é enfatizado o aspecto diurno e o sol. O sol então, como fonte de iluminação, serviria como um paradigma da Lei<sup>49</sup>.

O sol no Sl 19A possui, na linguagem poética, uma contemplação de uma figura masculina (Sl 19. 5-7) e não feminina como costuma ser em hebraico<sup>50</sup>, e se assemelharia ao Sl 8, pois assim como as estrelas dominam o céu noturno, no Sl 19A o sol domina todo o espaço diurno<sup>51</sup>.

Um hino egípcio ao deus sol Rá possui uma relevante imagem para o Sl 19, ao falar sobre o seu infalível curso, levantando-se a cada madrugada, bem como a comparação ao ouro fino e seu esplendor.

Há ainda uma declaração num hino mesopotâmico ao deus Shamash que fala sobre o regular trajeto do sol nos céus, todos os dias, percorrendo a vastidão da terra. Inegável que há grande semelhança com o Sl 19,7, quanto ao curso do sol. Além da semelhança quanto ao trajeto solar, os textos mesopotâmicos também mostram o deus-sol recuando para sua câmara todas as noites para encontrar sua consorte, ou, sua noiva Aya<sup>52</sup>. O texto que traz essa atestação fala sobre Shamash indo para a sua câmara<sup>53</sup>.

Tal questão é o que levaria a assumir a posição de que há uma alusão poética a contos de um deus-sol que retorna todas as noites para o oceano e à sua noiva, partindo novamente pela manhã<sup>54</sup>. O salmista naturalmente não visualiza um sistema solar como temos hoje, e seu intento, dentro da ideia que se tinha, é retratar

<sup>48</sup> Cf. M. DAHOOD. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry I: 1-50: Introduction, translation, and notes*, vol. 16, p. 123-124.

<sup>49</sup> Cf. WHYBRAY, N. *Reading the Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry as a book*, vol. 222, p. 44.

<sup>50</sup> KOEHLER, L. et al. *The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament*. Leiden; New York: E.J. Brill. 1999. P 1589.

<sup>51</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 331.

<sup>52</sup> Cf. H. J. WALTON. *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary (Old Testament): The Minor Prophets, Job, Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*, vol. 5, p. 336.

<sup>53</sup> Cf. J. B. PRITCHARD. (Org.). *The ancient Near East an anthology of texts and pictures* (3rd ed. with Supplement., p. 391; H. J. WALTON. *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary (Old Testament): The Minor Prophets, Job, Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*, vol. 5, p. 336.

<sup>54</sup> Cf. D. KIDNER. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–72: an introduction and commentary*, vol. 15, p. 116.

o fenômeno do sol nascente, vindo de uma “tenda” (  $\text{בִּרְיָה}$  ), e poente (Sl 19,7). O sol, metaforicamente comparado a um “noivo” e a um “poderoso” ou “guerreiro” que se regozija com sua força, seguindo seu curso, representaria o poder do sol ao mover-se em seu trajeto (Sl 19,6), bem como revela a glória, poder e sabedoria do Criador<sup>55</sup>. Então o sol pode ser um “noivo” ou um “corredor”, mas é na concepção sálmica não mais do que uma parte gloriosa do trabalho manual de El<sup>56</sup>.

Segundo uma antiga concepção assíria, o sol seria portador de justiça<sup>57</sup>, e não é impossível, por exemplo, que o texto de MI 3,20 ecoe de alguma maneira essa antiga concepção<sup>58</sup>. Na Babilônia, o deus-sol Shamash preside a administração da justiça, bem como tivera ditado as leis de Hamurabi ao rei<sup>59</sup>. Ainda que tal justaposição da imagem do sol e da Lei, tenham sido originadas de uma concepção mais antiga, o autor do Sl 19, no entanto, coloca o sol como criação de El, e a Lei proveniente de YHWH, de maneira que reconfigura o antigo conceito, subordinando sempre os elementos míticos à soberania do Criador de todas as coisas.

Há quem veja essa conexão do Sl 19 com composições pagãs, como também, dentre os muitos hinos ao deus solar, o “grande hino ao sol” do faraó Akhenaton, dentro da mitologia egípcia, mas que apesar do significativo paralelo, possui também significativa diferença, principalmente se considerado que o sol em nenhum momento é deificado no Sl 19, antes, é controlado por El<sup>60</sup>. Na visão do salmista, os corpos celestes não são divindades a serem adoradas; antes, deveriam suscitar na humanidade um sentimento de admiração pela glória do Deus que os criou para o benefício humano como no Sl 8. Os movimentos do sol, de horizonte a horizonte, são como testemunho da glória dEle<sup>61</sup>.

<sup>55</sup> Cf. W. VANGEMEREN. A. Psalms. In Tremper Longman III & D. E. Garland (Orgs.), **The Expositor's Bible Commentary: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry (Revised Edition)** vol. 5, p. 216.

<sup>56</sup> Cf. D. KIDNER. **Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–72: an introduction and commentary**, vol. 15, p. 116.

<sup>57</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, **Salmos I**, p. 327.

<sup>58</sup> Algumas passagens que relacionam Lei e luz, e que possivelmente estejam em acordo com a relação vista no Sl 19. As passagens são: Is 2,3.5; Pr 6,23; Sb 5,6; 18,4; Sl 119; 105; 130.

<sup>59</sup> Cf. WHYBRAY, N. **Reading the Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry as a book**, vol. 222, p. 44.

<sup>60</sup> Cf. L. PECHAWER. **Poetry and prophecy**, vol. 3, p. 40.

<sup>61</sup> Cf. H. J. WALTON. **Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary (Old Testament): The Minor Prophets, Job, Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs**, vol. 5, p. 335-336.

Os primeiros sete versículos (Sl 19A) poderiam ser considerados uma adaptação para propósitos Jávísticos, de um antigo hino Cananita ao sol, enquanto os demais versículos (Sl 19B) seriam um didático poema descrevendo a excelência da Lei, em termos que são propriamente pertencentes à descrição do sol<sup>62</sup>.

Poderia se considerar que o Sl 19, se comparado a Gn 1,1 - 2,2-25, possui uma mesma intenção na ordem dos nomes divinos e seus respectivos propósitos, onde na narrativa de Gn 1,1-2-4a, o genérico Elohim conotaria o Deus que está acima de tudo, criador do mundo e de todas as coisas, trazendo a criação à existência por sua palavra de comando “Haja luz”, enquanto YHWH, na segunda narrativa em Gn 2, 4b-25, Ele está envolvido imanentemente com a criação do homem como em Gn 2,7 “e formou YHWH Elohim Adão da poeira da terra, e insuflou em suas narinas fôlego de vida”<sup>63</sup>, o que também muito se aproximaria do Sl 8,4 no que tange o tato de YHWH com sua obra “lua e estrelas que estabeleceste”, bem como todo restante do Sl 8 em que o homem é centralizado dentro de toda Sua esplendorosa obra.

## 2.3

### A criação no Salmo 33

O Sl 33 enquadra-se no tom de um hino determinado para a congregação, que possui um sentimento de segurança, pois seus membros sabem que são escolhidos e guiados pelo Criador do mundo<sup>64</sup>. O Sl 33 começa com um louvor atribuído a YHWH (vv. 1-3), segue para um catálogo de perfeições divinas (vv. 4-5) para

---

<sup>62</sup> Cf. M. DAHOOD. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1: 1-50: Introduction, translation, and notes*, vol. 16, p. 121.

<sup>63</sup> Cf. C. H. BULLOCK. *Encountering the Book of Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry: A Literary and Theological Introduction*. p. 126-127.

<sup>64</sup> Cf. J. P. LANGE., P. SCHAFF., C. B. MOLL., C. A. BRIGGS., J. FORSYTH., J. B. HAMMOND., Conant, T. J. A commentary on the Holy Scriptures: *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, p. 230; P. C. CRAIGE., M. E. TATE. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1-50*, vol. 19, p. 271.

contemplar o poder, o propósito e amor de YHWH (vv. 6-19). Conclui com a expectativa confiante da bondade de YHWH (vv.20-22)<sup>65</sup>.

O Sl 33 é um acróstico, isto é, possui 22 versículos, e o número de versículos do Salmo corresponde ao número de letras do alfabeto hebraico<sup>66</sup>.

Alguns motivos também levariam ao entendimento de que o Sl 33 possui uma dependência do Salmo precedente, formando um par. Dentre os motivos está a forma de conclusão, que se assemelha ao salmo anterior, quanto à exortação para que se alegrem em YHWH (Sl 32,11; 33,21), bem como o final do Sl 32 que muito se assemelha ao início do Sl 33, o que também não se poderia precisar se teria sido colocado junto por tal motivo; a falta de um título, como os Salmos 9 e 10, que parecem também formar um par, e semelhantemente ao Sl 33, o Sl 10 não possui um título; um último ponto é com relação ao número de versículos de ambos os Salmos que parecem estar relacionados. O Sl 32 possui 11 versículos, que seria precisamente a metade dos versículos do Sl 33, que por sua vez possui o mesmo número do alfabeto hebraico, 22 versículos. Não de forma acidental, o Sl 33, precede o Sl 34 que de fato é um Salmo alfabético, reforçando como uma sucessão sálmica, de forma crescente<sup>67</sup>.

O Sl 33 poderia ser estruturado da seguinte forma:

1. Invocação para louvar (v 1-3)
2. Substância de louvor (vv 4-19)
  - a. A Palavra de YHWH (vv 4-9)
    - b. O Plano de YHWH (vv 10–12)
    - c. O Olho de YHWH (vv 13-15)
    - d. O Poder de YHWH (vv 16-19)

<sup>65</sup> Cf. W. VANGEMEREN. A. Psalms. In Tremper Longman III & D. E. Garland (Orgs.), **The Expositor's Bible Commentary: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry** (*Revised Edition*) vol. 5, p. 317.

<sup>66</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, **Salmos I**, p. 326; E. W. HENGSTENBERG. *Commentary on the Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, vol. 1, p. 523.

<sup>67</sup> Cf. E. W. HENGSTENBERG. **Commentary on the Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry**, vol. 1, p. 523-524.

### 3. Conclusão (vv 20-22)<sup>68</sup>.

No que tange ao tema da criação no Sl 33, é refletido no v. 6 o ato criativo de YHWH “pela palavra” (בְּדָבָר). Pela “palavra” é estabelecida a ordem na terra e no céu, ou seja, YHWH, pela palavra falada, ordena todas as coisas, bem como regula tudo o que a humanidade planeja e faz (vv. 10. 15). Tal ênfase sobre a “palavra de YHWH”, e especialmente pelos adjetivos atributivos, seriam um vestígio pós-exílico, e sugeririam leituras sinagogais da escritura<sup>69</sup>, além da aproximação com Gn 1,1-2,4a.

Quando se menciona no v.6 o “exército dos céus”, não se referiria a anjos, mas simplesmente aos corpos celestes, como em Gn 2,1, quando se refere à criação dos céus, da terra e de todo o seu exército.

O substantivo רִיחַ não significaria exclusivamente “espírito” mas também “respiração”, e pode ainda significar “vento”, conforme muitos textos do AOP<sup>70</sup>. No Sl 33,6 o sentido apropriado seria o de um “sopro” ou “vento”, principalmente se considerada a relação do רִיחַ como proveniente da boca de YHWH. Há um paralelismo entre דָּבָר e רִיחַ que pode também ser visto nos Sl 147,18 e 148,8 e possuiria um significado semelhante ao do Sl 33,6. Dentre os Salmos precedentes de criação (cf. Sl 8 e 19), o Sl 33,6 inaugura no Saltério, a ideia da criação proveniente da palavra de YHWH, e desta forma, correspondendo mais proximamente à narrativa de Gn 1,1-2,4a.

A interpretação do רִיחַ no Sl 33,6, dificilmente se enquadraria na ideia do Espírito que se move sobre a face das águas conforme Gn 1,1-2,4a, porém, ambas

<sup>68</sup> Cf. P. C. CRAIGE., M. E. TATE. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–50*, vol. 19, p. 271.

<sup>69</sup> Cf. E. GERSTENBERGER. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, ol. 14, p. 144.

<sup>70</sup> Cf. FABRY, “רִיחַ”, *TDOT*, vol. XIII, p. 368-369; E. W. HENGSTENBERG. *Commentary on the Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, vol. 1, p. 527-528.

manifestações do ׀׀׀ possuem essa característica de uma “fonte da vida” na obra criativa, bem como ׀׀׀ enquanto um decreto criativo<sup>71</sup>.

Há dentre as antigas histórias de criação dos deuses do AOP, um hino egípcio ao deus Ptah, que, semelhantemente ao AT, especialmente a narrativa da criação de Gn 1,1-2,4a, relata a criação de todas as coisas a partir da verbalização. Guardadas as devidas proporções, a cosmogonia do AT não manifesta em nenhum momento a imagem da divindade assumindo formas de animais, humanas ou de estátuas de ídolos<sup>72</sup>.

No Sl 33,9 o pronome ׀׀׀ é enfático “Pois Ele disse e foi”, e duas vezes no mesmo versículo o pronome é utilizado. O v.9 remete à onipotência de YHWH, que pelo simples dizer, trouxe a existência todas as coisas, e por tamanha manifestação de poder, inevitavelmente levaria todos os homens a temerem YHWH<sup>73</sup>. O “sopro da boca” de YHWH em Is 11,4 carrega uma sentença de julgamento ao ímpio, que bem corresponderia à sequência do Sl 33, 6 – que atesta a mesma expressão (“sopro da boca”) – culminando no temor a todos os homens no v.8. Uma ideia muito similar aos vv. 8-9, com relação ao temor a um deus criador, pode ser vista também num texto referente ao deus criador egípcio Ptah, dizendo que se deve ter temor, pois as suas palavras são equilíbrio da terra, e que seu controle está entre o que ele fez<sup>74</sup>.

O v.7 dá prosseguimento na manifestação da grandeza de YHWH, que recolhe facilmente as águas do mar, e põe “abismos” em seu “tesouro” ou “represas”. Os israelitas construíram pequenas cisternas no deserto a fim de armazenar pequenas quantidades de água, que poderiam ser retidas de uma tempestade de inverno<sup>75</sup>, e nesse sentido, o texto objetivaria mostrar que, para YHWH, os oceanos são pequenos. O substantivo ׀׀׀ “amontoado” ou “barragem”

<sup>71</sup> Cf. J. J. S. PEROWNE. *The Book of Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry; A New Translation, with Introductions and Notes, Explanatory and Critical*. vol. 1. p. 305.

<sup>72</sup> Cf. H. J. WALTON. *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary (Old Testament): The Minor Prophets, Job, Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*, vol. 5, p. 335-336.

<sup>73</sup> Cf. J. P. LANGE., P. SCHAFF., C. B. MOLL., C. A. BRIGGS., J. FORSYTH., J. B. HAMMOND., Conant, T. J. *A commentary on the Holy Scriptures: Psalms*, p. 231.

<sup>74</sup> Cf. W. W. HALLO., K. L. YOUNGER. *The context of Scripture*, p. 21.

<sup>75</sup> Cf. J. GOLDINGAY. *Baker Commentary on the Old Testament: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–41*. p.349; ver também Sl 23, 2b-3a;

seria uma maneira de descrever o “amontoado” de águas na travessia do Mar dos juncos, ou na travessia do Jordão (cf. Ex 15,8; Js 3,13.16), de maneira que a contenção das águas na criação fora tão eficaz quanto à contenção nas respectivas travessias do povo<sup>76</sup>.

Embora a criação dos céus no Sl 33 seja descrita de forma pacífica, a criação da terra possui outro tom e pode ser entendida também em chave dramática, de luta e vitória. YHWH controla o oceano rebelde, e assim também há de frustrar os intentos contrários ao seu povo para os salvar<sup>77</sup>. O aspecto belicoso no v.7 se daria na contenção das forças negativas, que seriam o poder das águas que cercam a terra, as quais residem nos céus e sob a terra, podendo a inundar caso sejam “soltas”<sup>78</sup>.

No Sl 33, o salmista então se utiliza de dois tipos de linguagem de criação:

- a) Uma reminiscência egípcia quanto à criação pela palavra;
- b) Uma reminiscência da cosmogonia canaanita e mesopotâmica, envolvendo conflito e as águas primitivas<sup>79</sup>.

O Tetragrama (v.21) tem valor ontológico, representando a sua própria natureza. Quando os salmistas falam sobre o “santo nome”, eles estão pensando em sua misericórdia, bondade e fidelidade (cf. Sl 138,2)<sup>80</sup>. Poderia se comparar ao Sl 8, que é iniciado e finalizado com um engrandecimento de YHWH, Criador, que em si carrega toda sua grandiosidade

<sup>76</sup> Cf. J. GOLDINGAY. *Baker Commentary on the Old Testament: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–41*. p.467.

<sup>77</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 487.

<sup>78</sup> Cf. J. GOLDINGAY. *Baker Commentary on the Old Testament: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–41*. p.467.

<sup>79</sup> Cf. P. C. CRAIGE., M. E. TATE. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–50*, vol. 19, p. 273.

<sup>80</sup> Cf. J. N. OSWALT. God. In T. Longman III & P. Enns (Orgs.), *Dictionary of the Old Testament: Wisdom, Poetry & Writings*, p. 249.

## 2.4

### A criação no Salmo 104

O Sl 104 é uma extensa celebração da bondade e focaliza especificamente o esplendor da criação<sup>81</sup>. Um hino não da criação, mas pela criação<sup>82</sup>.

Uma das possibilidades de visualização da ordenação do Sl 104 seria a sequência dos vv. 1-9 que, após um breve invitatório, canta a Deus no céu; os vv. 10-18 seriam dedicados à terra, nos quais se alternariam o mundo selvagem (vv. 10-12) com o mundo domesticado (vv.13-15), e novamente o mundo selvagem em vv.16-18; nos vv. 19-23 o ritmo de dia e noite e suas correspondentes atividades são contempladas. O v.24 começa com uma exclamação de maravilha como também vista no Sl 8,2.10. Após o v.24 que poderia ser apropriadamente o final do poema, a visão marinha é retomada nos vv.25-26, e nos vv. 27-28 possivelmente são retomados todos os animais mencionados anteriormente. Nos vv. 29-30 o ritmo de vida e morte e o v.31 poderia ser uma conclusão alargada no v.32; já os vv.33-34 dedicam o poema a YHWH, finalizando com o invitatório no v.35<sup>83</sup>.

O Sl 104 poderia também ser estruturado da seguinte forma:

#### I. Abertura do Salmo

- v. 1a          Moldura (“Bendiz, alma minha, a YHWH”)
- vv. 1b–4      YHWH como governante do mundo

#### II. A terra como habitação da vida

- vv. 5–9      *A creatio prima* da terra dentro do cosmo
- vv. 10–18    Provisão de água para a terra/ preservação da criação
- vv. 19–23    Mudanças do tempo/ordem das épocas

<sup>81</sup> Cf. W. BRUEGGEMANN. *The Message of the Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry: A Theological Commentary*, p. 31-32.

<sup>82</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos II*, p. 1281.

<sup>83</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos II*, p. 1285-1286.

- v. 24 Exclamação das maravilhas  
 vv. 25–26 O mar

### III. Dependência das criaturas no Criador

- vv. 27–28 Comida  
 vv. 29–30 Fôlego/respiração da vida

### IV. Conclusão do Salmo

- vv. 31–35b Desejo, descrição, louvor a YHWH  
 v. 35c Moldura (“Bendiz, alma minha, a YHWH”)  
 v. 35d Aleluia<sup>84</sup>

O Sl 104 concentra-se na criação de forma integral e singular dentro do Saltério. Podem ser destacados no Sl 104 inúmeros paralelos com o relato da criação de Gn 1,1-2,4a<sup>85</sup>. Se posto em paralelo e de forma ordenada o Sl 104 e Gn 1,1-2,4a é possível perceber uma precisa conexão entre ambos, conexão esta não acidental<sup>86</sup>:

Sl 104,1-4	Criação do céu e da terra	Gn 1,1-5
Sl 104,5-9	Retenção das águas	Gn 1,6-10
Sl 104,10-13	Águas para o uso	(implícito) Gn 1,6-10
Sl 104,14-18	Criação da vegetação	Gn 1,11-12

<sup>84</sup> Cf. F. -L. HOSSFELD – E. ZENGER. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 3: A Commentary on Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 101–150*, p. 48.

<sup>85</sup> Cf. L. PECHAWER. *Poetry and prophecy*. vol. 3, p. 40-41; A. BARNES. *Notes on the Old Testament: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, vol. 1, p. 81.

<sup>86</sup> Cf. J. Day. Chapter 11: **How Many Pre-exilic Psalms Are There?** In: J. Day (Org.), *In Search of Pre-exilic Israel: Proceedings of the Oxford Old Testament Seminar*, p. 238–239.

Sl 104,19-23	Criação dos luminares celestes	Gn 1,14-18
Sl 104,24-26	Criação das criaturas marinhas	Gn 1,20-22
Sl 104,27-30	Criação das criaturas viventes	Gn 1,24-31

As relações do Sl 104 com Gn 1,1-2,4a não se limitam nas sequências paralelas de ideias, mas há também significativos paralelos vocabulares, por exemplo, לְמוֹעֲדֵי־ם comumente traduzido por “estações”<sup>87</sup>, atestado somente no Sl 104,19 e em Gn 1,14, ambos em conexão com os luminares celestes. Também o vocábulo הַיָּתוֹ “animais/bestas” atestado no Sl 104,11.20 e Gn 1,24, e nas outras partes do AT somente em textos poéticos<sup>88</sup>.

A raiz רָהַר é atestada no Sl 104,1 em relação à criação, e tal qualidade é geralmente atribuída aos reis (cf. Sl 21,6; 45,4-5). É igualmente atestada no Sl 8,6, e é possível que indique a função régia democratizada. No Sl 8 a glória de YHWH é revelada em toda a criação e Ele submete toda sua obra sob os pés da humanidade,

<sup>87</sup> Cf. L. C. ALLEN. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 101–150* (Revised), vol. 21, p. 36; M. S. J. DAHOOD. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry III: 101–150: Introduction, translation, and notes with an Appendix: The Grammar of the Psalter*, vol. 17A, p. 32; C. A. BRIGGS., E. G. BRIGGS. *A critical and exegetical commentary on the book of Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*. vol 2, p. 330. Há também outras traduções como “festivais” (cf. F. -L. HOSSFELD – E. ZENGER. *Psalms 3: A Commentary on Psalms 101–150*, p. 43), “datas” (cf. J. GOLDINGAY. *Baker Commentary on the Old Testament: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 90–150*. vol. 3, p. 180), “fixar o tempo” (cf. H. J. KRAUS. *A Continental Commentary: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 60–150*, p. 296) ou “medição dos tempos” (cf. T. K. CHEYNE. *The Book of Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry: Translated from a Revised Text with Notes and Introduction*, vol. 2, p. 118).

<sup>88</sup> Cf. J. Day. Chapter 11: **How Many Pre-exilic Psalms Are There?** In: J. Day (Org.), *In Search of Pre-exilic Israel: Proceedings of the Oxford Old Testament Seminar*, p. 238–239. Esse é um dos motivos pelo qual atribui-se a Gn 1,1-2,4a uma dependência de Sl 104, e pelo fato de que o Sl 104 reflita o mito da batalha cósmica, enquanto Gn 1,1-2,4a o desmitologiza. O presente capítulo não se aterá na questão de datação dos textos.

que parece exercer uma função régia, porém, um reinado sempre submetido à soberania e majestade de YHWH<sup>89</sup>.

O controle de YHWH sobre a criação inclui seu aposento (v.3), que na visão bíblica e do AOP, o cosmos era como um templo, e o templo como um microcosmo<sup>90</sup>, também chamado de “imago mundi”, a antiga concepção de que o templo de um deus era também uma repetição da cosmogonia com representações das coisas celestes<sup>91</sup>.

Os vv. 5-9 descrevem o estabelecimento da terra através da decisiva derrota das águas do caos<sup>92</sup>, uma ideia comum da antiga cosmologia do AOP, a exemplo dos textosugaríticos em que Yam (o mar primordial) é derrotado por Baal, ou como no Enuma Elish em que Tiamat (o mar) é derrotado por Marduk<sup>93</sup>. O limite a fim de conter as águas no v.9, ecoaria também a antiga ideia de que a divindade deveria manter o mar sob controle para que o caos fosse contido e a ordem prevalecesse<sup>94</sup>.

Não seria inverossímil supor que o Sl 104,9 possa corresponder de alguma maneira ao Sl 8,3. O v. 9 fala de limites estabelecidos por YHWH na ordem da criação, com relação à contenção das águas caóticas, para que não ultrapassem o limite imposto, e não tornem a cobrir a terra. O Sl 8,3 por sua vez, fala sobre o estabelecimento de um baluarte por YHWH, para fazer cessar um inimigo e o que se vingará. Não deixa claro o Sl 8 a referência às águas caóticas, todavia, entendendo haver em chave dramática, dentro dos Salmos de criação, uma rememoração de mitos que retratam o estabelecimento da ordem após uma batalha cósmica, então é possível que, talvez, essa cessação das águas, para que não cubram novamente a terra no Sl 104,9, correspondesse à cessação de um inimigo e o que queira se vingar

<sup>89</sup> Cf. L. P. MARÉ. *The Messianic Interpretation of Psalm 8:4–6 in Hebrews 2:6–9*. In: D. J. Human & G. J. Steyn (Orgs.), *Psalms and Hebrews: Studies in Reception* (2010), p. 110. London; New York: T&T Clark; L. C. ALLEN. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 101–150* (Revised), vol. 21, p. 44.

<sup>90</sup> Cf. V. H. MATTHEWS., M. V. Chavalas., J. H. Walton. **The IVP Bible background commentary: Old Testament** (electronic ed., Sl 104,35).

<sup>91</sup> Cf. MIRCEA ELIADE. *História das crenças e das religiões*, vol I, p.70.

<sup>92</sup> Cf. F. -L. HOSSFELD – E. ZENGER. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 3: A Commentary on Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 101–150*, p. 50.

<sup>93</sup> Cf. V. H. MATTHEWS., M. V. Chavalas., J. H. Walton. **The IVP Bible background commentary: Old Testament** (electronic ed., Sl 104,35).

<sup>94</sup> Cf. V. H. MATTHEWS., M. V. Chavalas., J. H. Walton. **The IVP Bible background commentary: Old Testament** (electronic ed., Sl 104,35).



nEle sua subsistência. O salmista desenvolve o tema do sustento divino e do poder de YHWH sobre a vida e a morte<sup>101</sup>. O homem no Sl 104 não ocupa o centro como no Sl 8: “Que é um homem...?” antes, possui uma efêmera presença poética, e revela ao poeta dois tipos humanos: o trabalhador e o contemplador<sup>102</sup>.

Os vv.31-35 são o fechamento do Sl 104, que manifestam a plena dependência do poder de YHWH. O v.31 começa com a “glória” (כְּבוֹד) de YHWH, característica régia do Criador como no Sl 19,1, e também como o Sl 19,14, o Sl 104 finaliza com uma fórmula de dedicação<sup>103</sup>. O Sl 104 é emoldurado com a expressão: “Bendiz, alma minha, a YHWH” ( בְּרַכֵּי נַפְשִׁי אֶת־יְהוָה ) nos vv. 1 e 35 à semelhança do que ocorre no Sl 8,2.10 “YHWH nosso Senhor, quão majestoso é teu nome em toda a terra!”( יְהוָה אֱלֹהֵינוּ מְה־אֲדִיר שְׁמֶךָ בְּכָל־הָאָרֶץ ).

## 2.5

### A convocação para que toda a criação louve ao Senhor (Sl 148)

O Sl 148 é uma invocação à toda criação para louvar YHWH. São propostas duas possibilidades divisionais no Sl 104, sendo a primeira possibilidade uma divisão bipartida<sup>104</sup>: os vv.1-7, invatatório para que toda a criação celeste O louve; os vv. 8-13 invatatório para que toda criação terrestre O louve.

Na segunda possibilidade é dividido o Sl 148 em quatro partes: os vv. 1-6 abordariam os seres celestes; os v. 7 abordaria diretamente o mundo inferior e os abismos; os vv. 8-13 abordariam as criaturas terrestres; os vv.13c-14 encerram o hino com uma reflexão histórica sobre a relação entre YHWH, o Criador de todas as coisas e seu povo Israel<sup>105</sup>.

<sup>101</sup> H. J. KRAUS (*A Continental Commentary: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 60–150*, p.303) diz que a ideia de “vida e morte” presente no Sl 104, também possui uma aproximação com o hino de Akhenaton, com relação a dependência do sol deificado para subsistência.

<sup>102</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos II*, p. 1282.

<sup>103</sup> Cf. H. J. KRAUS. *A Continental Commentary: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 60–150*, p. 303-304.

<sup>104</sup> Cf. F. -L. HOSSFELD – E. ZENGER. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 3: A Commentary on Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 101–150*, p. 631; L. C. ALLEN. *Psalms 101–150 (Revised)*, vol. 21, p. 390.

<sup>105</sup> Cf. M. S. J. DAHOOD. *Psalms III: 101-150: Introduction, translation, and notes with an Appendix: The Grammar of the Psalter*, vol. 17A, p. 352.

O Sl 148 para designar a criação como um todo cósmico, utiliza-se de um merismo “céus e terra” ( vv. 1b, 7a )<sup>106</sup>. O mesmo ocorre de forma inversa no v. 13c “terra e céus” (cf Gn 2,4b), e acompanhado pela injunção: “Que louvem o nome de YHWH”, diz respeito não somente aos citados nos vv.7-12 mas sim a todas as criaturas dos vv.1-12<sup>107</sup>, e assim marca uma conclusão. O v. 14 finaliza com a relação entre o Senhor do universo e seu povo Israel.

O Sl 148 parece resumir todas as criaturas mencionadas nos Salmos de criação, perpassando os cinco livros do Saltério, e finalizando com uma convocação para que todas as coisas criadas por Ele, O louvem. Deve se avultar que de forma central encontra-se a Lei, que poderia também remeter ao Sl 19 B, quando a glória da Lei é introduzida em Sl 19A pela glória da criação. Desta forma, é possível que o lugar central da Lei no Sl 148 queira remeter à crucialidade da Lei para o povo de YHWH, satisfazendo a ideia de que os cânticos no Saltério, de fato, seriam uma retribuição pela dádiva da Lei.

Nos três primeiros livros do Saltério, Davi é o nome que predomina, enquanto no quarto livro do Saltério, sete vezes o nome de Moisés é mencionado<sup>108</sup>. Além disso, o livro IV do Saltério traz o tema do reinado de YHWH ( יְהוָה מְלִכָּה ), ou seja, a realeza divina supera a realeza humana davídica. O livro V continua na mesma dinâmica do reinado de YHWH.

O tema da criação, presente em todo o Saltério, perpassa os três primeiros livros em que Davi e sua dinastia se destacam, o IV livro que a figura Mosaica surge, que também remete ao período em que não havia rei em Israel, chegando no livro V, que mantém a dinâmica do reinado de YHWH. É possível que o Sl 148 não seja meramente um Salmo que mencione a criação dentro do livro V, mas que talvez estivesse objetivando englobar toda a concepção cosmogônica e antropogônica do Saltério, convocando-a para entoar louvores a YHWH, o Criador absoluto e o governante real.

<sup>106</sup> Cf. F. -L. HOSSFELD – E. ZENGER. **Psalms 3: A Commentary on Psalms 101–150**, p. 631

<sup>107</sup> Cf. E. W. HENGSTENBERG. **Commentary on the Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry**, vol. 3, p. 552.

<sup>108</sup> Cf. Sl 90,1; 99,6; 103, 7; 105, 26; 106, 16. 23. 32.

Desta forma, o Sl 148 não está para um Salmo específico, pois ele engloba todo o conceito de criação, mencionando vocábulos, ideias presentes em cada Salmo mencionado (Sl 19; 33; 104) bem como elementos do Sl 8 – que hão de ser tratados – como a lua, estrelas e os animais no geral. O Sl 148 é então uma conclusão no que tange à criação dentro do Saltério, enquanto o Sl 8 é aquele que inicia o tema da criação, como o primeiro a apontar para o desfecho (Sl 148), onde a criação louva a YHWH. Tendo analisado o desfecho no Sl 148, o Sl 8 dentro dessa dinâmica temática, formaria com o Sl 148 uma espécie de macro moldura, onde o Sl 8 inicia o tema da criação dentro do Saltério e o Sl 148 finaliza. Se analisará então exegeticamente o Sl 8, princípio da criação no Saltério.

## Análise exegética do Salmo 8

### 3.1

#### Texto e Tradução Segmentada

Para o dirigente	1a	לְמַנְצֵחַ
Conforme a guitita	1b	עַל־הַגִּתִּית <sup>a</sup>
Salmo de Davi	1c	מִזְמוֹר לְדָוִד:
YHWH, nosso Senhor,	2a	יְהוָה אֱלֹהֵינוּ
quão majestoso é teu nome em	2b	מְהִאֲדִיר שְׁמֶךָ בְּכָל־הָאָרֶץ
toda a terra!		
Que põe <sup>109</sup> teu esplendor sobre	2c	אֲשֶׁר תָּנָה <sup>a</sup> הוֹדְךָ עַל־הַשָּׁמַיִם:
os céus;		
Da boca de crianças e lactentes	3a	מִפִּי עוֹלָלִים וְיִנְקִימִם
fundaste um baluarte <sup>110</sup> , por	3b	יִסְדָּתָּ עֵז <sup>a</sup> לְמַעַן צוֹרְרֶיךָ <sup>b</sup>
causa dos teus adversários		
para fazer cessar um inimigo	3c	לְהַשְׁבִּית אוֹיֵב וּמִתְנַקֵּם:
que se vingue.		
Quando vejo teus céus, obras	4a	כִּי־אֲרֹאֶה <sup>a</sup> שְׁמִיךָ <sup>b</sup> מַעֲשֵׂי <sup>c</sup> אֲצַבְעֹתֶיךָ
dos teus dedos;		
lua e estrelas que estabeleceste;	4b	יָרַח וְכּוֹכְבִּים אֲשֶׁר כּוֹנְנָתָה:
Que é um homem para que	5a	מֶה־אֲנֹוֹשׁ כִּי־תִזְכְּרֶנּוּ
dele lembres?		
E um filho de Adão para que	5b	וּבֶן־אָדָם כִּי תִפְקְדֶנּוּ:
visites?		

<sup>109</sup> Na presente tradução optou-se pela partícula relativa אֲשֶׁר + qal imperativo תָּנָה “que puseste”, diferente de algumas traduções que optam por amalgamar a partícula relativa e o verbo, tornando-o um yiqtol na primeira comum singular com *nun* enérgico (cf. L. A. FERNANDES. “**Deus, a pessoa humana e a criação, Salmo 8**”. p.32) . O pronome pessoal de segunda pessoa neste caso está implícito. Ver no tópico de crítica textual.

<sup>110</sup> A tradução optada, baluarte, remetendo a força – sentido comumente usado – poderia também ser traduzido por firmamento, ao aferirmos no contexto tal possibilidade, e tal há de ser melhor explanada no decurso do presente trabalho. Para o sentido de firmamento conferir R. WAKELY, “עֵז”, In: **NDITEAT**. vol. III. p.372-373.

Fizeste-o pouco menos do que deuses <sup>111</sup> ,	6a	וּתְחַסְּרֶהוּ מְעַט מֵאֱלֹהִים
de honra e glória o coroaste;	6b	וּכְבוֹדָא וְהַדָּר תַּעֲטֹרֶהוּ:
Faze-o governar sobre as obras de tuas mãos;	7a	תִּמְשִׁילֶהוּ <sup>a</sup> בְּמַעֲשֵׂי <sup>b</sup> יָדֶיךָ
tudo colocaste de baixo dos seus pés.	7b	כֹּל <sup>c</sup> שָׁתָה תַּחַת־רַגְלָיו:
Ovelhas e bois, todos eles,	8a	צֹאֵן <sup>a</sup> וְאַלְפִים כָּלָם
e também as feras do campo.	8b	וְגַם בַּהֲמוֹת שָׂדֵי:
Aves dos céus e peixes do mar;	9a	צִפּוֹר שָׁמַיִם וְדָגֵי הַיָּם
que atravessam trajetos dos mares	9b	עֹבְרֵי אֲרָתוֹת יַמַּיִם:
YHWH, nosso Senhor,	10a	יְהוָה אֱלֹהֵינוּ
quão majestoso é teu nome em toda a terra!	10b	מַה־אֲדִיר שְׁמֹךְ בְּכָל־הָאָרֶץ:

## 3.2

### Crítica textual

#### v.1

<sup>a</sup> Θ σ Hier pl, it 81,1<sup>a</sup> 84,1<sup>a</sup>

v.1<sup>a</sup>: a LXX<sup>112</sup>, a versão de Símaco e de Jerônimo atestam o substantivo *guitita* no plural, como nos correspondentes títulos nos Salmos 81,1 e 84,1. A simples questão, singular e plural, não seria problematizadora se não houvesse, no substantivo em questão, nuances diferenciadas e contextos variados. No singular pode denotar uma canção específica, um instrumento<sup>113</sup>, um indivíduo (cf. 1 Sm 17,4; 2 Sm 6,10), enquanto o sentido plural – conforme versões como a LXX e

<sup>111</sup> Optou-se no presente trabalho pela tradução literal do substantivo אֱלֹהִים, por também considerar a tradução da LXX, que traduz o substantivo por *angellos* em vez de *θεός* como em outros Salmos (cf. Sl 10,4; 14,1...)

<sup>112</sup> O texto grego usado é o de Alfred Rahlfs, revisado e alterado por Robert Hanhart. Nesta dissertação será usada a abreviação LXX (Septuaginta).

<sup>113</sup> Cf. M. I. GRUBER. *Rashi's Commentary on Psalms*, p.198.

Vulgata<sup>114</sup> – alguns suporiam mais precisamente músicas comumente entoadas no vintage<sup>115</sup>. O Targum usa כִּנּוּרָא que traduziríamos por cítara ou lira<sup>116</sup>, e usados igualmente em festividades pelos circunvizinhos hebreus<sup>117</sup>.

v.2

אֲשֶׁר תִּתְּנָה<sup>a</sup> crrp; Ὡς ἔπληρθη, Ἐ(Ϛ) *djhbt* qui dedisti, σ´ (Hier) ὄς ἔταξας;

ל' אֲשֶׁר תִּתְּנָה א', p'p א' תִּתְּנָה vel א' תִּתְּנָה

v.2<sup>a-a</sup>: tal expressão dificulta a compreensão do versículo, pois se for considerado o verbo imperativo, então assumir-se-ia uma anômala partícula relativa seguida de um verbo no imperativo<sup>118</sup>. Por outro lado, pode se amalgamar a partícula e o verbo, de maneira que não seja alterado o texto consonantal, dando-lhe um sentido volitivo e enérgico אֲשֶׁר תִּתְּנָה<sup>119</sup>.

O aparato crítico supõe corrupção do texto, e por este raciocínio, o uso da partícula relativa seria algo recorrente por parte de editores, que objetivam corrigir uma conexão<sup>120</sup>. Não se pode, entretanto, definir peremptoriamente que a partícula relativa seja uma tentativa frustrada de conexão, visto que existem, dentro do Saltério, textos em que a partícula parece dar continuidade à descrição hínica<sup>121</sup>. Deve-se todavia, considerar a dificultosa junção da partícula relativa com um verbo imperativo, se assim for considerado advindo do verbo תִּתְּנָה.

A LXX traz a expressão ὅτι ἐπλήρθη, conjunção mais verbo indicativo aoristo passivo singular de ἐπαίρω<sup>122</sup>, que pode ser traduzido por: “foi elevado”, “foi magnificado”, “foi exaltado”. Semelhantemente à LXX, a vulgata atesta “*quoniam*

<sup>114</sup> A LXX atesta τῶν ληνῶν e a Vulgata torcularibus ( prensas de vinho, prensas ).

<sup>115</sup> Cf. W. S. PLUMER. **Studies in the Book of Psalms: Being a Critical and Expository Commentary, with Doctrinal and Practical Remarks on the Entire Psalter.** p. 120.

<sup>116</sup> Comprehensive Aramaic Lexicon. *Targum Lexicon.* כִּנּוּרָא

<sup>117</sup> Cf. C. F. KEIL., F. DELITZSCH. **Commentary on the Old Testament.** Vol. 5, p. 91.

<sup>118</sup> Cf. L. A. FERNANDES. “Deus, a pessoa humana e a criação, Salmo 8”. p.32.

<sup>119</sup> Cf. M. DAHOOD. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry I: 1-50:* Introduction, translation, and notes. p. 49; L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI (*Salmos I*, p. 193) semelhantemente opta pelo yiqtol na primeira do comum singular.

<sup>120</sup> Cf. T. K. CHEYNE. **The Book of Psalms: Translated from a Revised Text with Notes and Introduction.** vol 1, p.26.

<sup>121</sup> Cf. Sl 84,3; 95,9; 115,8; 129,6; 135,10; 146,5.

<sup>122</sup> LSJ, ἐπαίρω. p.604.

*elevata*” (que eleva ou levanta<sup>123</sup>) e a recensão de Símaco “ὄς ἔταξας”, conservam o mesmo sentido (elevar, exaltar). A tradução de Jerônimo do texto hebraico dos Salmos traz “*qui posuisti*”<sup>124</sup> (que puseste ou colocaste) aproximando-se mais da Peshitta e do Targum, que trazem dyhbt (que deu, ou que colocou em posição)<sup>125</sup>.

A BHS<sup>app</sup> sugere ler  $\text{נְתַתָּה אֱלֹהִים}$  (cf. Gn 3, 12), e é proposto também  $\text{נָתַן אֱלֹהִים}$  (cf. Est 4, 8) ou  $\text{נְתַתָּה אֱלֹהִים}$ , de maneira que ambas leituras consideram o verbo  $\text{נָתַן}$ .

A possibilidade de leitura  $\text{נְתַתָּה}$  sugere que  $\text{תְּנָה}$  seja talvez fruto de uma haplografia, em que possa ter havido a supressão do nun, além disso, não é considerada no aparato a raiz  $\text{תנה}$ . A leitura  $\text{נתתה}$  é empregada no texto de Salmo encontrado no deserto da judéia<sup>126</sup>, um qatal 2<sup>a</sup> masculino singular, e tal leitura não destoa de v.2b, onde dirige-se a YHWH na segunda pessoa, e possui um forte peso por sua antiguidade<sup>127</sup>. Contudo, não é impossível que tenha sido feita uma tentativa de emendar  $\text{תנה}$ , onde  $\text{נתתה}$  visava não somente suprir a ausência do pronome pessoal de segunda pessoa antes da partícula relativa, como também solucionar a problemática forma: partícula relativa + verbo imperativo, após a pausa em v.2b. Tal intento seria um facilitador, o que oporia ao critério de *lectio difficilior*, pelo qual opt neste caso, que é a partícula relativa + imperativo<sup>128</sup>.

v.3

<sup>a</sup>  $\text{שׁוּבָה תְּשׁוּבָה גְּלוֹרְיָתְךָ}$  gloriam tuam; <sup>b</sup> Hier suff 1 sg

v.3<sup>a</sup> : a Peshitta, segundo as versões S<sup>A</sup> e S<sup>W</sup> traduz o substantivo  $\text{גְּלוֹרְיָתְךָ}$  por: “tua glória”. O substantivo  $\text{גְּלוֹרְיָתְךָ}$ , apesar de ser admitido a possibilidade de se traduzir

<sup>123</sup> DLF, “elevata”.

<sup>124</sup> DLF, “posuisti”.

<sup>125</sup> HALOT, תנה, p. 1760.

<sup>126</sup> Naḥal Hever Psalms. Salmo 8,2.

<sup>127</sup> Cf. E. TOV. *Crítica textual da bíblia hebraica*. p.100. As datas paleográficas propostas aplicadas aos documentos em Naḥal Hever seriam de 20 A.C a 115 D.C.

<sup>128</sup> Cf. M. I. GRUBER (*Rashi’s Commentary on Psalms*, p.199) diz que é compartilhado pela maioria das versões antigas e por muitos estudiosos modernos, o enigmático imperativo do verbo  $\text{נָתַן}$ .

por “tua glória”<sup>129</sup>, é no entanto, comumente traduzido por: “força”, “fortaleza”, “baluarte”, “muralha”<sup>130</sup>, como a fortificação de uma cidade ou uma proteção, uma “barricada”<sup>131</sup>. Entende-se que ao alterar o majoritário sentido do substantivo dentro do saltério<sup>132</sup> por “tua glória”, suprimir-se-ia o proposital discrepante antagonismo que o redator quisesse causar, o qual é cessado com o estabelecimento de um “baluarte”<sup>133</sup> que contraponha-se ao inimigo que intente algo contra o povo que reconhece YHWH.

A LXX atesta *κατηρίσω αἶνον* e a Vulgata *perfecisti laudem*, ambos com sentido laudatório, talvez almejassem manter o teor hínico que possui o Salmo; todavia, como dito anteriormente, tal proposta anularia a recorrência do substantivo que, em cujo majoritário sentido, não é denotado o louvor, o que poderia se considerar um erro<sup>134</sup>. A revisão de Àquila<sup>135</sup> – de uma época intermediária entre a LXX e Jerônimo – traz *ἐθεμελίωσας κράτος* (“fundaste um poder”), o que corrobora e mais aproxima da tradução optada, e seria neste caso a mais correta<sup>136</sup>. Mantem-se neste caso a tradução, entendendo ser o “baluarte” de YHWH, a proteção fronteira entre “crianças e lactentes” e os “adversários” de YHWH.

v.3<sup>b</sup>: Quanto ao sufixo de primeira pessoa singular, a tradução de Jerônimo dos textos hebraicos dos Salmos, propõe que os adversários fossem adversários do orante, não de YHWH<sup>137</sup>. Não há motivos para considerar esta órfã atestação, entendendo que tal interpretação visasse aclarar sua particular interpretação, e minimizando-a de seu ambivalente sentido, pois, considerar o texto conforme o

<sup>129</sup> GESENIUS, “רָצָה”, p.616.

<sup>130</sup> HALOT, I “רָצָה”, p. 805. Dentro ainda de seu campo semântico, II “רָצָה”, detém se no campo da robustez, cujo aspecto liga-se ao poderio, proteção ou refúgio. HALOT, p. 806.

<sup>131</sup> Cf. J. GOLDINGAY. *Baker Commentary on the Old Testament: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–41*. p.153.

<sup>132</sup> Cf. Sl 30,8; 61,4; 62,8; 68,34; 71,7; 89,11; 110,2; 150,1.

<sup>133</sup> Cf. L. A. FERNANDES. “Deus, a pessoa humana e a criação, Salmo 8”. p.31.

<sup>134</sup> Cf. J. J. S. PEROWNE. *The Book of Psalms; A New Translation, with Introductions and Notes, Explanatory and Critical*. Vol. 1. p. 157.

<sup>135</sup> O sistema de tradução de Àquila é de grande relevância para a apuração do texto mais próximo ao original, pois é tido como o mais literal dos tradutores bíblicos, de maneira que muitas vezes sua literalidade torna-se até ininteligível. Sua influência de R. Akiva, determina que toda letra e palavra nas Escrituras são significativas. E. TOV. *Crítica textual da bíblia hebraica*. p. 146-147.

<sup>136</sup> Cf. J. J. S. PEROWNE. *The Book of Psalms; A New Translation, with Introductions and Notes, Explanatory and Critical*. Vol. 1. p. 157.

<sup>137</sup> *Biblia Sacra: Psalmi iuxta Hebraicum et Varia Lectio*. “propter adversarios meos”.

TM<sup>138</sup> (לְמַעַן צוֹרְרִיךָ) e a LXX (ἐνεκα τῶν ἐχθρῶν σου), onde há o pronome de segunda pessoa singular – referindo-se a YHWH – admite-se dois sentidos: os inimigos de Israel são para YHWH também seus próprios inimigos. Como dito anteriormente, além da orfandade do pronome de primeira pessoa, altera-se o texto hebraico e turba-se a sequência de sufixos de segunda pessoa usadas pelo salmista, quando refere-se a YHWH.

v.4

<sup>a</sup> ⚔ 3 pl ; <sup>b</sup> ⚔ om suff ; <sup>c</sup> ⚔ mlt Mss ⚔ מעשה

v.4<sup>a</sup>: a Peshitta traz um yiqtol terceira pessoa singular, alterando o texto consonantal<sup>139</sup>. A LXX (ὄτι ὄψομαι), Vulgata (*quoniam videbo*) e o texto de Salmo de Naḥal Ḥever (כִּי אֶרְאֶה) atestam o yiqtol primeira pessoa singular conforme o TM . Entende-se que tal sentença está intimamente ligada ao versículo subsequente<sup>140</sup>, onde o orante no v.4 (prótase<sup>141</sup>) manifesta sua contemplação da grandeza dos feitos de YHWH, e quando estupefato pela magnificência de seu Criador, questiona no v.5: “Que é um homem...?” (apódose). A tradução optada respeita o yiqtol primeira pessoa singular, considerando a coerência interna, do indivíduo que converge para si, a indagação de cada um que percebe a pequenez de sua criaturidade, e a grandeza daquele que o criou.

v.4 <sup>b</sup>: a LXX omite o pronome de segunda pessoa singular do substantivo (τοὺς οὐρανοῦς). A Vulgata traz o pronome de segunda pessoa singular (*caelos tuos*), bem como o texto de Naḥal Ḥever (שְׁמִיךָ) e a Peshitta (שְׁמִיךָ), em conformidade ao TM. É uma dificultosa questão se levarmos em consideração a melhor probabilidade de *lectio brevior*, pois compreenderia um texto reduzido o

<sup>138</sup> Será usada a sigla TM ( Texto Massorético ) como referência ao códex Leningradense ( B 19a ) reproduzido na edição crítica da **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: **Deutsche Bibelgesellschaft**, 1967/77.

<sup>139</sup> A LXX traz primeira pessoa do singular, semelhante ao TM. Considera-se que, em Isaías e Salmos, a Peshitta e a LXX possuem certas traduções que reflitam muitas vezes uma tradição exegética comum, contudo, para alguns estudiosos, a Peshitta tenha muitas vezes dependido da LXX como uma fonte de informação lexical e de exegese; de qualquer forma, a Peshitta possivelmente não reflete um testemunho independente. (TOV, E. **Crítica textual da bíblia hebraica**. p.155.)

<sup>140</sup> Cf. J. A. ALEXANDER. **The Psalms Translated and Explained**. p. 39. Também S. TERRIEN (**The Psalms: strophic structure and theological commentary**, p. 130.

<sup>141</sup> Cf. C. F. KEIL., F. DELITZSCH. **Commentary on the Old Testament**, Vol. 5, p. 93.

qual a LXX disporia. Não é impossível considerar que os textos que atestam o pronome de segunda pessoa – ainda que sendo em maior número – tenham tido por base um testemunho já harmonizado, que teria objetivado ligar inequivocamente todo o macrocosmo à criação de YHWH, pela recorrência do pronome de segunda pessoa do singular, de maneira a levar ao entendimento de que não são simplesmente os céus, mas os céus e tudo que neles há, enquanto criação de YHWH. Considerando as questões anteriores, existe a possibilidade de uma haplografia na LXX, de forma que a leitura do texto mais curto é provável, mas não absoluto. Apesar da problemática abordada, neste caso a opção é pelo TM, pela multiplicidade textual a seu favor.

v.4 <sup>c</sup>: fragmentos de códices hebraicos da Gueniza do Cairo, muitos manuscritos hebraicos medievais e a Peshitta trazem um substantivo no singular construto ( מעשה ). Diferentemente dos testemunhos citados, o TM ( מעשי ), a LXX ( ἔργα ), Vulgata ( opera ) e Nahal Hever ( מעשי ) concordam no substantivo plural. O Targum igualmente traz um substantivo ( עובד ), cujo valor semântico assemelha-se a מעשי , plural construto. Como fora visto anteriormente, com relação a Peshitta não refletir um testemunho independente, é verossímil que se tenha sido influenciada pela LXX<sup>142</sup>, a sua opção pela forma singular seria basicamente uma interpretação particular, que consideraria toda pluralidade macrocósmica como uma única obra<sup>143</sup>. Não se descarta, contudo, a possibilidade do plural no v. 4 ser uma possível harmonização com o v. 7. A questão discutida não oferece conturbações no que tange ao entendimento do texto, e a opção será conforme o TM e os demais testemunhos que o corroboram, por considerá-los de maior peso.

<sup>142</sup> Conferir nota 33.

<sup>143</sup> A maioria dos estudiosos (Briggs Boyce, Craige, Cheyne, Dahood, Goldingay, Kraus ) traduzem no singular, possivelmente por considerarem o plural “céus”, um todo uniforme, ou simplesmente por ser mais apropriado para a língua de chegada. Craige deteve-se para uma explicação com relação a sua opção, considerando os manuscritos do Cairo, bem como os medievais e a Peshitta, de maior peso ( **Psalm 1–50**, Vol. 19, p. 105). Igualmente Goldingay, em nota considera os testemunhos que trazem o singular (Cf. **Baker Commentary on the Old Testament: Psalms 1–41**. Vol 1, p.154). A tradução optada, manteve a leitura literal.

v.6

<sup>a</sup> ⚡ Hier om cop.

v.6<sup>a</sup>: a LXX, Peshitta e a tradução de Jerônimo dos textos hebraicos dos Salmos, omitem a conjunção. Ao se considerar o TM, o waw após o atnah poderia ter um valor adversativo, significando talvez que, apesar de ser o homem “pouco menos do que deuses”, YHWH todavia, concede-lhe honra e glória pela coroação, denotando o domínio sobre as coisas criadas. O waw também pode simplesmente ser uma conjunção aditiva, significando que o homem não só possui a qualidade de “pouco menos do que deuses” – o que já seria uma ímpar medida– mas recebeu também honra e glória. O texto de Naḥal Hever atesta a conjunção (וּכְבוֹד וְהַדָּר), bem como o Targum que traz (וְאִיקְרָא וּשְׁבַהּוּרָא). Não presumir-se-ia necessariamente, que a LXX, pelo fato de não trazer a conjunção, tivesse um texto reduzido em sua composição, mas que meramente pudesse tê-la omitido para evitar repetição, pois o sentido é mantido.

v.7

<sup>a</sup> ל' ת"י cf ⚡; <sup>b</sup> ⚡ mlt Mss ⚡ הַשֵּׁ—; <sup>c</sup> cf 2,2<sup>b</sup>

v.7<sup>a</sup>: A LXX e a Peshitta trazem a conjunção antes do verbo. A Vulgata igualmente a atesta, contudo, a admissão ou inadmissão não é relevante para a compreensão do texto. O sôf pasûq não desconecta a contínua ideia entre os vv. 6 e 7, e qualquer conjunção visa somente confirmar conexão. A tradução optada fora conforme o TM, sendo o ponto e vírgula a forma de admitir a relação das duas orações, que não possuem uma conjunção que as ligue, e não acrescentando ao texto o que o mesmo não traz. Desta maneira, a coroação com honra e glória é justamente o governo humano sobre as obras das mãos de YHWH.

v.7<sup>b</sup>: fragmentos de códices hebraicos da Gueniza do Cairo, muitos manuscritos hebraicos medievais e a Peshitta, como visto anteriormente no v.4, trazem o substantivo no singular construto (מַעֲשֵׂה). Retomam-se as mesmas considerações vistas no v.4, visto que, todos os textos citados anteriormente ( LXX,

Vulgata, Nahal Hever, Targum ), mantiveram o substantivo plural. As obras dos dedos de YHWH que deixam magnificado o orante, são as mesmas que honrosamente YHWH fará o homem ter o governo. Mantem-se, então, a tradução conforme o v.4.

v.8

<sup>a</sup> nonn Mss הַאֲנִי

v.8 <sup>a</sup>: vários manuscritos hebraicos trazem uma variante ortográfica para הַאֲנִי. Alguns testemunhos atestam o substantivo no plural, e a opção da tradução fora manter a literalidade do substantivo no singular, ainda que o mesmo tenha valor de coletividade; havendo pois um substantivo singular na língua de chegada, que corresponda à ideia coletiva, não se faz necessário neste caso “trair” o TM.

### 3.3

#### **Crítica literária ou da constituição do texto**

O texto apresenta certa tensão no v. 2c, destoando a moldura nos vv. 2ab e 10ab. Fazendo uma leitura que conecte os vv. 2ab.4-10, ter-se-á fluídica leitura, de maneira que pode-se supor plausivelmente que os vv. 2c-3 sejam uma inserção posterior, logo, uma suspeição de heterogeneidade redacional. Ainda que possuindo certa tensão, não desconfiguraria a unidade linguística que o texto parece possuir, considerando a lógica interna que não é comprometida.

O texto que segue de forma pacífica e exaltante, repentinamente apresenta elementos diferentes de seu entorno, uma interposição em que “crianças e lactentes” são separadas por meio de um “baluarte” dos “adversários”, “inimigo”. Tal atribuição, entretanto, não chega a desconfigurar o SI 8 no que se refere a sua lógica. Conforme a tradução optada, na qual fora considerada no v.2c uma partícula relativa + verbo imperativo, pode-se aferir que a partícula funciona como um gancho ao texto subsequente, com pronome pessoal de segunda pessoa implícito, o que

sintaticamente concordaria com todo o texto, visto que a YHWH é sempre dirigido com sufixos pronominais e verbos na segunda pessoa do singular.

Se for considerado pois, inalterar o texto consonantal v.2c<sup>144</sup>, amalgamando a partícula e verbo, se alteraria o tu (YHWH) para o eu (orante), correspondendo ao v. 4, e manter-se-ia igualmente o teor hínico. A não homogeneidade do texto leva a refletir em que situação fora composto o SI 8, que em sua maior parte (vv.2ab. 4-10) traz-nos claro aspecto cosmogônico, bem como antropogônico – à semelhança de Gênesis 1,1-2,4a – e sua inserção (v.2c-3) que dá ao texto um realce em seu sabor.

Pode se supor que o SI 8 conclui o primeiro segmento do livro I, onde o SI 1 retrata o ser humano ideal e o SI 8 retorna a este tema<sup>145</sup>, mas no que se refere especificamente a “invocação por salvação”, ter-se-ia alguma similaridade com os Salmos 1–7, pela inserção que fora anteriormente julgada como tardia (vv.2c-3 do Salmo 8). Desempenhando uma triplicidade, o Salmo 8 conclui um segmento (SI 1–7), inaugura o gênero hino de louvor no saltério – hino de louvor a YHWH, que é celebrado por sua grandiosidade<sup>146</sup>– e antecipa a vitória de YHWH contra os ímpios, salvando os humildes ( SI 9–10 )<sup>147</sup>.

Não seria inverossímil supor que o Salmo 8 neste caso funcione como um gancho que conecte os precedentes (SI 1–7) aos subsequentes (SI 9–10), e isto fora possível com a inserção vv.2c-3, dado que retoma a temática que perpassa os Salmos 1–7 – cuja característica predominante é a invocação por salvação – aos Salmos 9–10, quando a salvação é obtida, havendo o favor para com os humildes, e o desfavor para com os altivos. Além disso, o último versículo do SI 7,17 parece uma antecipação do que será entoado no SI 8, cuja temática refere-se ao majestoso nome de YHWH, bem como o SI 9,1-2 que remete ao SI 8<sup>148</sup>.

<sup>144</sup> Conferir explanação anterior na nota 17. L. Alonso Schökel por exemplo, opta por uma delimitação onde o problemático texto ( v.2c no presente trabalho ), esteja situado no v.3, deixando assim a moldura em v.2 e v.10 patente, bem como uma sequência de yiqtol primeira comum singular nos vv.3-4.

<sup>145</sup> Cf. W. VanGEMEREN. A. Psalms. In Tremper Longman III & D. E. Garland (Orgs.), **The Expositor's Bible Commentary: Psalms** (Revised Edition).vol. 5, p. 137.

<sup>146</sup> Cf. SI 19, 2-7; 65; 89,6-12;104.

<sup>147</sup> Cf. L. A. FERNANDES. “**Deus, a pessoa humana e a criação, Salmo 8**”. p.35.

<sup>148</sup>P. D. MILLER, The Beginning of the Psalter. In: J. C. McCANN, **The Shape and shaping of the Psalter**, JSOTSup, 159. Sheffield: Sheffield Academic Press. (1993), p. 90; Ver também a proposta

Nesta lógica, é possível entender a antítese entre crianças\ lactentes e adversários\inimigos que se vinguem (v.3), como sinônimo de humildes (reconhecedores) e altivos (não reconhecedores), e talvez por esta compreensão a LXX e a Vulgata tenham traduzido o substantivo  $\text{לִיְוָה}$  por “louvor”, indicando assim, ser o louvor proveniente da boca das crianças e lactentes<sup>149</sup>, o reconhecimento de sua pequenez, o que lhes assegura a proteção divina, conforme o entendimento no qual, “meninos” possuiria um sentido metafórico para humildade e principiante<sup>150</sup>. É possível, no entanto, entender a humildade e fragilidade em oposição à altivez no v.3, sem que se imponha o teor laudatório em  $\text{לִיְוָה}$ .

Dentro do contexto do livro I dos Salmos, o Sl 8 possui grandes similaridades com o Sl 19A<sup>151</sup>, no que tange ao aspecto criacional<sup>152</sup>. Ambos os Salmos parecem ter relação com temas comuns, como a majestade de Deus que se revela nos fenômenos da natureza. Semelhantemente ao Sl 8, o Sl 19A possui um contato literário com a história bíblica da criação, de Gn 1,1-2,4a<sup>153</sup>. Os Sl 8 e 19A são considerados como produtos de uma mesma época, onde o primeiro seria a contraparte do segundo<sup>154</sup>.

---

de unidade dos Salmos 3-14 com o Salmo 8 (Cf. S. E. GILLINGHAM. **The Image, the Depths and the Surface: Multivalent Approaches to Biblical Study**, vol. 354, p. 70–71.

<sup>149</sup> E. KISSANE (**The Book of Psalms**, p. 33; Robert Alter, *The Art of Biblical Poetry*, p. 119) similarmente presume que esse som emitido pelas crianças e lactentes são figurativamente uma referência como louvor a Deus.

<sup>150</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, **Salmos I**, p. 201.

<sup>151</sup> O Salmo 19 é dividido em dois gêneros distintos, onde os vv. 2-7 seriam a primeira metade, possuindo teor hínico (vv. 2-7) e a segunda metade (vv.8-15) não sendo a continuação hínica, mas um didático poema em louvor da lei. ( Briggs, C. A., Briggs, E. G. **A critical and exegetical commentary on the book of Psalms**. International Critical Commentary. p. 163.); L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, **Salmos I**, p. 326.

<sup>152</sup> Relaciono os Salmos 8 e 19 pela proximidade no livro I, entretanto, poder-se-á perceber aspectos criacionais em outros Salmos ( cf.33; 104...).

<sup>153</sup> Cf. J. MORGENSTERN. “Psalms 8 and 19A”. In: Hebrew Union College, 19 (1945 – 1946), p. 491.

<sup>154</sup> Cf. C. A. BRIGGS., E. G. BRIGGS (**A critical and exegetical commentary on the book of Psalms**. International Critical Commentary. p. 163) ao considerar o Salmo 8 próximo em linguagem ao Salmo 19, situaria-os assim no período Persa, enquanto M. BUTTENWIESER (**The Psalms: Chronologically Treated with a New Translation**, p. 180–181) considera não somente os dois capítulos (8 e 19) parte de um mesmo período, mas semelhantemente identifica-os em conexão com o Salmo 104, e supõe serem permeados pela pregação profética, obra de discípulos dos profetas pré-exílicos.

### 3.4

#### Crítica da forma

Os Salmos enquanto poemas, recitados como músicas, possuem métrica, simetria, quando sem turbamentos nos mesmos. O Sl 8 possui um turbamento nos vv.2c-3, de maneira que sua forma estrutural seja uma dificultosa decisão.

Ao se considerar seu aspecto sincrônico, poder-se-ia dividir o Sl 8 em vv. 2-5, o qual celebra a infinita majestade de Deus, e vv. 6-10, onde apresenta o poder e dignidade, que YHWH concedeu ao homem<sup>155</sup>. Nesta concepção, uma possibilidade de visualização estrutural do texto poder-se-ia organizar desta maneira:

A – Refrão (prelúdio <sup>156</sup> )	v.2ab
B – O poder e a majestade de YHWH	vv.2c-3
C – Estupefação do orante (primeira pessoa)	v.4
C’ – Indagação atônita (positiva)	v.5
B’ – O poder e a majestade do homem	v.6-9
A` – Refrão (poslúdio)	v.10

O emolduramento do Sl 8 em estribilho, traduz exatamente a situação que o texto intenta transmitir, pois quando “quiasmicamente” o homem é posto no centro do Salmo (C e C’), não indica que o mesmo seja a figura central, antes, envolto está da grandiosidade de YHWH, que tudo cria, e tudo estabelece. YHWH é o centro

<sup>155</sup> Cf. M. DAHOOD. **Psalm I: 1-50**: Introduction, translation, and notes. p. 49.

<sup>156</sup> Cf. S. TERRIEN. **The Psalms: strophic structure and theological commentary**. p. 126.

quando tudo é envolvido por Ele, e o homem, um vice-regente, agraciado com o governo sobre a criação, mas tendo de reconhecer sua criaturidade dentro desta esplendorosa realidade existencial.

Não se pode dizer que o TM tenha desconsiderado a estribilhada estrutura poética do Salmo ao ter vinculado o v. 2c ao refrão em v. 2ab, quando estabelece o atnah ao final de v. 2b (הָאֲרָץ) e o sof passuq somente ao final de v. 2c עַל־: הַשָּׁמַיִם. É possível que o TM encerre a sequência lógica em v. 2c por uma questão inevitável, pois, se em v. 2b estivesse o sof passuq, subentenderia então uma nova sequência lógica em v. 2c completamente anômala.

A questão a ser observada é se o v. 2c estaria ligado ao refrão em v. 2ab – o que descaracterizaria o estribilho – ou se o mesmo estaria ligado ao versículo subsequente em v. 3. Duas opções são levantadas, nas quais a opção I propõe a combinação de v. 2c com v. 3a, onde v. 3a completa o pensamento de v.2b, não conturbando a moldura, enquanto a opção II propõe a combinação de v. 2ab e v. 2c, exatamente conforme o TM, de forma que v. 3a introduziria um pensamento novo, sendo completado no decorrer do v. 3<sup>157</sup>. A primeira opção resolve o problema estrutural da segunda opção, pois ao assumir a opção I, ter-se-á nos vv. 2c-3a duas linhas, e 3b-3c mais duas linhas<sup>158</sup>; o contrário ter-se-ia uma orfandade em v. 3, contendo 3 linhas. Seguem abaixo as duas propostas estruturais mencionadas<sup>159</sup>:

<sup>157</sup> Cf. J. KRAUT. “The birds and the babes: The structure and meaning of Psalm 8”. In: The Jewish Quarterly Review, vol. 100, No. 1, (2010), p. 11-12.

<sup>158</sup> Cf. S. TERRIEN (*The Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry: strophic structure and theological commentary*. p. 126) considera quatro quadras de quatro.

<sup>159</sup> Cf. J. KRAUT. “The birds and the babes: The structure and meaning of Psalm 8”. In: The Jewish Quarterly Review, vol. 100, No. 1, (2010), p. 14.

Opção I	Opção II
a. Exclamação (2ab)	a. Exclamação + uma linha (2abc)
b. Oito unidades de duas linhas	b. Três linhas (3ab)
I. (2c+3a)	c. Seis de duas linhas
II. (3b+3c)	I. (4ab)
III. (4a+4b)	II. (5ab)
IV. (5a+5b)	III. (6ab)
V. (6a+6b)	IV. (7ab)
VI. (7a+7b)	V. (8ab)
VII. (8a+8b)	VI. (9ab)
VIII. (9a+9b)	d. Exclamação (10ab)
c. Exclamação (10ab)	

Há plausibilidade na opção I, e admiti-la é contrapor-se ao TM, visto que o mesmo considera v.2c como a conclusão lógica de v.2ab. É possível se ponderar que o TM tenha considerado o paralelismo terra (v.2ab) – céu (v.2c), outrossim, tal paralelismo seria mantido se for retirado o que se considera ser uma inserção tardia (v.2c-3), devido a mesma atestação no v.4a do substantivo céu. Se for lido o v.2ab – 4, se teria então uma sequência de 6 unidades de duas linhas, e não contrariaria a harmonia da composição. A sequência de quatro quadras de quatro também pode ser considerada<sup>160</sup>, sendo mais coerente se for sopesado as seções 2c-3 +4-5+6-7+8-9, com seu emolduramento. Um esquema admissível, o qual fora optado no presente trabalho seria:

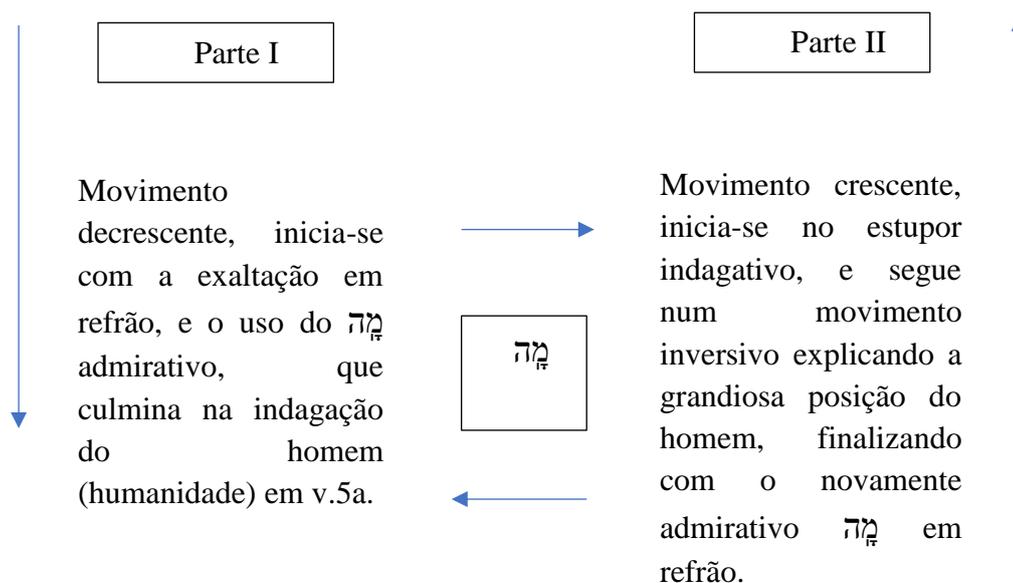
<sup>160</sup> Cf. S. TERRIEN. *The Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry: strophic structure and theological commentary*. p. 126.

Moldura v.2ab		
Stanza I	Estrofe I. vv. 2c-3a Estrofe II. vv. 3bc	bicolon 2 +
Stanza II	Estrofe III. vv. 4ab Estrofe IV. vv. 5ab	bicolon 2 +
Stanza III	Estrofe V. vv. 6ab Estrofe VI. vv. 7ab	bicolon 2 +
Stanza IV	Estrofe VII. vv. 8ab Estrofe VIII. vv. 9ab	bicolon 2
Moldura v.10ab		

Dado a simetria lapidar em cola do SI 8, é delicado considerar o trecho “anômalo” (v.2c-3) como não sendo propositalmente posto, visando além de um acrescentamento teológico, também uma fluidez poética. Se poderia até propor um tetracolon em vv2c-3, que não suprimiria a ambiguidade em v.2c+3a ou 3a+3bc, mas tornaria, talvez, a ambiguidade em uma possível ambivalente interpretação, na qual v.3a responderia v.2c e 3b; ainda há a possibilidade de um tricolon em v.3, que imporia um monocolon em v.2c, ou conforme a opção II, em que v.2c liga-se a v.2ab. Ambas possibilidades laceram a estrutura poética, no que tange a

uniformidade seccional, e a sequência de quatro quadras de quatro parece ser a mais verossímil dentro das características estilísticas do Salmo.

O SI 8 poderia ser dividido em duas grandes partes, nas quais a stanza I e stanza II formariam uma unidade lógica (parte I) e stanza III e stanza IV outra unidade (parte II). A stanza I e stanza II trazem um movimento decrescente, em que o Criador majestoso em toda terra, esplendoroso sobre os céus e estabelecedor de todas as coisas, reclinava-se em visita e lembrança para com o homem (humanidade), que, admirado por reconhecer sua infirmitade, percebe agora na crescente (stanza III e stanza IV) a sua nobríssima posição dentro das obras de YHWH. O  $\text{הַלֵּל}$  central não é somente admirativo como na moldura, mas lhe é acrescentado um tom de estupor<sup>161</sup>, e sua centralidade no poema parece ser o eixo que liga a indagação à resposta.



Considerando na poesia o aspecto lexical do paralelismo, poder-se-á compreender um emparelhamento sintagmático, onde dois termos aparecem em linhas paralelas formando um merismo no v.2<sup>162</sup>:

<sup>161</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 197.

<sup>162</sup> Cf. W. D. TUCKER. Jr. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1: Book Of*. In T. Longman III & P. Enns (Orgs.), *Dictionary of the Old Testament: Wisdom, Poetry & Writings*. p. 588; L. ALONSO SCHÖKEL. *Manual de poetica hebrea*, p. 105.

YHWH, nosso Senhor, quão majestoso é teu nome em toda a **terra!** (v.2ab)

(Tu) que põe teu esplendor sobre os **céus.** (v.2c)

Tal uso, onde os termos são empregados em paralelo, não tem por objetivo expor localização, antes, visam exceder seu uso individual<sup>163</sup>, quando os dois elementos em contraste compõem um todo. É mais provável que tal intento almeje situar o homem – que no ponto central do hino é exaltado – dentro da esfera que lhe fora outorgada por YHWH, ou seja, nunca acima do que lhe é posto.

É possível a detecção de um macro paralelismo, ou paralelo conceitual, onde termos são empregados não possuindo necessariamente uma mesma significação, raiz, mas também pode se ter uma lógica estrutural por uma aparência de oposição<sup>164</sup>.

A – YHWH, nosso Senhor, quão majestoso é teu nome em toda terra! (v.2ab)

B – Que põe teu esplendor sobre os **céus**, da boca de crianças e lactentes (v.2c-3a)

C – fundaste um baluarte...cessar um inimigo que se vingue. (v.3bc)

D – ...**obras dos teus dedos**; lua e estrelas que **estabeleceste**; (v.4ab)

E – Que é um **homem...**, e um **filho de Adão** que o visites. (v.5ab)

E` – ...pouco menos do que **deuses...** (v.6ab)

D` – ...**obras de tuas mãos**; tudo **puseste** de baixo dos seus pés. (v.7ab)

C` – Rebanho e bois...,e também as feras do campo. (v.8ab)

<sup>163</sup> Cf. W. D. TUCKER. Jr. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1*: Book Of. In T. Longman III & P. Enns (Orgs.), *Dictionary of the Old Testament: Wisdom, Poetry & Writings*. p. 588

<sup>164</sup> Cf. J. KRAUT. “*The birds and the babes: The structure and meaning of Psalm 8*”. In: *The Jewish Quarterly Review*, vol. 100, No. 1, (2010), p. 17-18.

B` – Aves dos céus e peixes do mar...(v.9ab)

A` – YHWH, nosso Senhor, quão majestoso é teu nome em toda terra!  
(v.10ab)

Esta macro estrutura quiástica <sup>165</sup> abre e fecha com uma moldura (inclusio)<sup>166</sup> nos vv. 2ab e 10. A repetição final talvez, para além da estética poética, sirva para que os adoradores mantenham seus pensamentos no Criador (YHWH) e não em si mesmos<sup>167</sup>. Com relação ao elemento B-B', não somente o substantivo em comum  $\text{בְּיַמֵּי}$  como há também uma partilha de ideia, onde B é concernente a YHWH e B' é concernente ao domínio do homem que é estendido aos céus. Nesta linha de raciocínio, supõe-se que criança em B está para ave (pássaro) em B', e lactentes para peixes. Basearia assim no chilrear de pássaros à semelhança de indistintos sons de uma criança, bem como a sucção do lactente em semelhança ao que faz o peixe<sup>168</sup>.

A parte I (domínio de Deus), seguindo a macro estrutura quiástica, teria seu início em B, conduzindo ao  $\text{בְּיַמֵּי}$  central em E, e a parte II (domínio do homem), teria seu início em E' conduzindo a B', onde o primeiro movimento é de descida, ou seja, Deus de seu domínio, “decrementemente” (parte I) emana seu domínio ao homem, que sendo pouco inferior aos deuses, exerce “crescentemente”(parte II) no plano terreno, o domínio e governo proveniente de YHWH, como um coadjuvante sobre a terra. A consideração de tal estrutura quiástica, segue a sequência de bicolon, na qual B reflete v.2c-3a. É no entanto problemático, pois enquanto se garante a métrica, fere-se contudo a unanimidade dos testemunhos que ligam v.3a-3bc<sup>169</sup>, nos quais, independentemente das traduções, se é laudatório ou não, v.3a não é somente

<sup>165</sup> A estrutura segue a delimitação de Kraut e a tradução é conforme a optada no presente trabalho. Cf. J. KRAUT. “*The birds and the babes: The structure and meaning of Psalm 8*”. In: *The Jewish Quarterly Review*, vol. 100, No. 1, (2010), p. 17.

<sup>166</sup> Cf. W. G. E. WATSON. *Traditional Techniques in Classical Hebrew Verse*. p. 353–354.

<sup>167</sup> Cf. J. GOLDINGAY. *Baker Commentary on the Old Testament: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–41*. p. 160.

<sup>168</sup> Cf. J. KRAUT. “*The birds and the babes: The structure and meaning of Psalm 8*”. In: *The Jewish Quarterly Review*, vol. 100, No. 1, (2010), p. 21.

<sup>169</sup> Ver nota 3ª de crítica textual, p.6.

explicado em 3bc, mas dependente do mesmo. No campo conjectural, é possível que se objetivasse a uniformidade métrica, bem como um aspecto ambivalente, onde v.3a se uniformiza com 2c e responde 3bc.

Em C não há paralelo semântico com C', senão possível similaridade conceitual, entre os três tipos de adversários de YHWH ( וּמִתְנַקֵּם , אוֹיֵב , צוֹרְרֵיךָ ) e os três tipos de animais listados ( בְּהֵמוֹת , וְאֶלְפִים , צִנֹּה ). Como em B-B' possuem seus quatro elementos correspondentes (crianças, lactentes e aves e peixes), outrossim C-C', seis elementos correspondentes. Retomaria igualmente os dois movimentos, o de descida, onde YHWH sobrepõe-se aos seus inimigos, e o de subida, onde o homem analogamente a YHWH, submete os animais ao seu senhorio.

Em D-D' além do patente substantivo atestado em ambos ( מַעֲשֵׂי ), é feito um jogo de palavras com אֲצַבְּעֶיךָ e יְדֵיךָ , onde em D há uma admiração como de alguém que olha um belo quadro, pintado com os próprios dedos. Esse toque divino na realidade terrena, toque de um perfeito artesão que carinhosamente importa-se com as miudezas da obra<sup>170</sup>; enquanto D', sem um claro aspecto admirativo, dispõe o homem dentro das obras de YHWH, o que parece mais genérico<sup>171</sup>, sem a minuciosidade de D. Em D' se tem a resposta para D, pois o homem não só vê as obras, essa realidade monumental que o cerca (D), mas também participa ativamente da mesma, sob o senhorio ( מַשֵּׁל )<sup>172</sup> recebido. Os verbos כּוֹנֵנֶתָ e שָׁתָהּ possuem proximidade semântica<sup>173</sup>, pois ambos trazem um sentido de algo que é estabelecido, posto. Além da proximidade semântica, parece haver também uma propositalidade fonética, na qual poder-se-ia constatar pela leitura de כּוֹנֵנֶתָ

<sup>170</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 202.

<sup>171</sup> Cf. SI 92,5; 102, 26; 119,73; 138,8; 143,5. Passagens nas quais os substantivos com sufixo de segunda pessoa singular (obras de tuas mãos) parecem ligados aos feitos gerais.

<sup>172</sup> HALOT, “משל”, p.648; “משל” BDB, p. 605; “משל” GESENIUS, p. 517.

<sup>173</sup> Cf. E. A. MARTENS, “כון”, In: NDITEAT. vol. II, p.615-616; S. MEIER, “שית”, In: NDITEAT. vol. IV p.101; GESENIUS, “כון”, p. 386-387; GESENIUS, “שית”, p. 819; HALOT, “כון”, p.464-465; HALOT, “שית”, p. 1484.

em D e בִּלְשָׁתָהּ (verbo + substantivo) em D', valor duplicado na recitação, semântico + fonético<sup>174</sup>.

Os pontos centrais da estrutura (E-E') seriam considerados a chave temática do Sl 8<sup>175</sup>. De fato, na dinâmica dos movimentos, o Salmo decresce até o questionamento de como YHWH sendo tão grandioso poderia lembrar-se do homem (E-v.5), e subsequentemente a consideração do homem enquanto um pouco abaixo dos deuses, sendo coroado com honra e glória sobre a criação. Esse arranjo quiástico, medular e inversivo, no centro do Salmo, é uma maneira de evidenciar a crucialidade do mesmo dentro do poema<sup>176</sup>.

Tendo considerado todos os pontos da estrutura, observa-se que para a detecção de um macro quiasmo, fez-se necessário a admissão de bicolon em todo o poema, e tal admissão não o esgota, visto que esta é uma possibilidade, que por mais verossímil que possa ser, não o encerra em outras formas de visualização<sup>177</sup>. Entretanto, tal estrutura se adequa ao padrão percebido e admitido neste trabalho.

### 3.5

#### Critica do gênero literário

Quanto ao gênero literário do Sl 8<sup>178</sup>, é majoritariamente situado dentro do gênero hínico.<sup>179</sup> A sua delimitação é inequívoca, inaugurando no saltério essa nova

<sup>174</sup> Fora a explanação semântica + fonética dentro do quiasmo, haveria também uma rima consonântica em v.3 entre יִנְקִי וְיִנְקִי (cf. L. ALONSO SCHÖKEL. **Manual de poetica hebrea**, p. 41).

<sup>175</sup> Cf. J. KRAUT. *“The birds and the babes: The structure and meaning of Psalm 8”*. In: The Jewish Quarterly Review, vol. 100, No. 1, (2010), p. 23.

<sup>176</sup> Cf. J. KRAUT. *“The birds and the babes: The structure and meaning of Psalm 8”*. In: The Jewish Quarterly Review, vol. 100, No. 1, (2010), p. 23.

<sup>177</sup> J. KRAUT (*The birds and the babes: The structure and meaning of Psalm 8*, p. 18) afirma a existência de outras identificações do Salmo 8 como um quiasmo estendido por outros estudiosos.

<sup>178</sup> É vital a importância de Hermann Gunkel, na aspiração por penetrar a mente do autor, a sua experiência religiosa original, a catalogação a descrição dos gêneros literários. (cf L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 50; Cf. G. FOHRER., E. SELLIN. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 361).

<sup>179</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 50. ;R. G. BRATCHER., W. D. REYBURN. *A translator’s handbook on the book of Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, p. 77; C. A. BRIGGS., E. G. BRIGGS. *A critical and exegetical commentary on the book of Psalms*, p. 62; P. C. CRAIGE., M. E. TATE. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–50*, Vol. 19, p. 106; M. DAHOOD. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic*

classe de hino de louvor<sup>180</sup>, além disso, as idênticas palavras no início e no final do poema, precisamente o delimitam<sup>181</sup>. Um hino sapiencial, no qual é tematizada a sabedoria com relação ao cosmo, ou ao poder de YHWH na criação<sup>182</sup>. A característica exclamativa de admiração (וַיִּבְרָא) é bem própria do estilo hínico<sup>183</sup>, bem como todo o aspecto celebrativo<sup>184</sup>, que se inicia e termina com YHWH, e seu majestoso nome. A criação é o ponto focal deste hino de louvor, e sem uma palavra específica para o “obrigado” no hebraico bíblico, consegue-se externar o agradecimento de muitas formas, e uma delas é essa exaltante maneira de expressar-se<sup>185</sup>. Dado a proximidade do Sl 8 com o relato da criação de Gn 1,1-2,4a, é proposto que a última parte de Gn 1,1-2,4a tenha sido condensada num hino<sup>186</sup>. Além disso, por haver tal proximidade com o relato da criação em Gênesis, é concebível a ideia de uma celebração da humanidade no aspecto da realeza, principalmente no que tange ao governo/domínio<sup>187</sup>.

Os hinos buscam comumente representar ideias teológicas como um louvor descritivo, e assim possuem uma definição mais precisa. Temas como: humanidade, história, revelação e criação (como no Sl 8 em questão), possuem esse caráter doxológico, e tornou-se padrão para todo trabalho teológico<sup>188</sup>. Outra característica no poema litúrgico, é a variação de tons, e a intercalação nas formas introdutórias,

---

*Poetry I: 1-50: Introduction, translation, and notes*, Vol. 16, p. 49; L. A. FERNANDES. “Deus, a pessoa humana e a criação, Salmo 8”. p.34; E. GERSTENBERGER. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, Vol. 14, p. 70; A. HARMAN. *Psalms: A Mentor Commentary*, Vol. 1–2, p. 131; R. L. J. HUBBARD., R. K. JOHNSTON, Foreword. In W. W. Gasque, R. L. Hubbard Jr., R. K. Johnston (Orgs.), *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, p. 71; H. J. KRAUS. *A Continental Commentary: Psalms 1–59*, p. 179. ;D. KIDNER. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–72: an introduction and commentary*, Vol. 15, p. 82; K. SEYBOLD. *Introducing the Psalms*, p. 113; S. TERRIEN. *The Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry: strophic structure and theological commentary*, p. 127; W. VANGEMEREN. A. *Psalms*. In Tremper Longman III & D. E. Garland (Orgs.), *The Expositor’s Bible Commentary: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry (Revised Edition)* Vol. 5, p. 137; WHYBRAY, N. *Reading the Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry as a book*, Vol. 222, p. 60.

<sup>180</sup> Cf. L. A. FERNANDES. “Deus, a pessoa humana e a criação, Salmo 8”. p.34.

<sup>181</sup> Cf. W. G. E. WATSON. *Classical Hebrew Poetry*. p.284-285.

<sup>182</sup> Cf. M. L. C. LIMA, *Exegese bíblica*, p. 185.

<sup>183</sup> Cf. E. GERSTENBERGER. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, Vol. 14, p. 68.

<sup>184</sup> Cf. M. DAHOOD. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry I: 1-50: Introduction, translation, and notes*, Vol. 16, p. 49; D. KIDNER. *Psalms 1–72: an introduction and commentary*, Vol. 15, p. 82.

<sup>185</sup> Cf. A. HARMAN. *Psalms: A Mentor Commentary*, Vol. 1–2, p. 131.

<sup>186</sup> Cf. A. HARMAN. *Psalms: A Mentor Commentary*, Vol. 1–2, p. 131.

<sup>187</sup> Cf. W. BRUEGGEMANN. *The message of the psalms: A theological commentary*, p.37.

<sup>188</sup> Cf. K. SEYBOLD. *Introducing the Psalms*, p. 153.

no plural, como pode ser visto em vv.2 e 10, e no singular conforme o v. 4, podendo ser entendido como o louvor de um indivíduo (v.4), emoldurado por um refrão corálico<sup>189</sup>, comunitário e único por ser estruturado desta forma<sup>190</sup>.

No geral, os hinos possuem uma introdução explícita, na qual, usualmente, se tem uma invocação, pelo uso do imperativo plural<sup>191</sup>. É percebido entretanto, a ausência do comum invitatório, iniciando com uma declaração a “YHWH, nosso Senhor”<sup>192</sup>, e por este motivo um pouco controverso, há também quem o situe dentro do âmbito da “ação de graças”, rememorando a libertação divina em algum momento de angústia<sup>193</sup>. Além desta inusual característica dentro da linha hínica, o Sl 8 ainda inova com um endereçamento direto a YHWH – típico de lamento – sendo uma composição *sui generis* no AT<sup>194</sup>.

A despeito da discussão de gênero, classificar o Sl 8 como “ação de graças de um indivíduo” pode ser considerado inconsistente, visto que não há uma situação aflitiva transformada em um atual sossego, do mesmo modo está ausente um agradecimento por uma prece atendida<sup>195</sup>, tampouco os vv. 3 e 5 seriam uma referência à salvação<sup>196</sup>. Pode-se pensar, por um lado, num ambiente instável, onde possivelmente houvesse angustia, perseguição e opressão, e tal louvor entoado pela comunidade ao seu criador, seria então o baluarte contra qualquer força opositora ao indivíduo à comunidade<sup>197</sup>; por outro lado, há uma visualização contrária ao ambiente de instabilidade ou angustias, onde o Sl 8 teria sido composto provavelmente num tempo de paz e prosperidade, isto baseando-se no tom ameno<sup>198</sup>.

<sup>189</sup> Cf. H. J. KRAUS. **A Continental Commentary: Psalms 1–59**, p. 179.

<sup>190</sup> Cf. E. GERSTENBERGER. **Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry**, Vol. 14, p. 70.

<sup>191</sup> Cf. Sl 33,2; 66,2; 105,2; 113,1; 117,1; 135,3; 148, 1-4, entre outros. Ver também H. GUNKEL, *introducción a los Salmos*, p. 48-49.

<sup>192</sup> Cf. E. GERSTENBERGER. **Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry**, Vol. 14, p. 67-68; M. E. TATE. “**An exposition on Psalm 8**”. In: *Perspectives in Religious Studies*, 28, no. 4, (2001), p.345.

<sup>193</sup> Cf. M. E. TATE. “**An exposition on Psalm 8**”. In: *Perspectives in Religious Studies*, 28, no. 4, (2001), p.344.

<sup>194</sup> Cf. M. E. TATE. “**An exposition on Psalm 8**”. In: *Perspectives in Religious Studies*, 28, no. 4, (2001), p.344.

<sup>195</sup> Cf. M. L. C. LIMA, *Exegese bíblica*, p. 184; cf. Sl 30; 40; 116; 138; 124 (ação de graças).

<sup>196</sup> O v.3 enquanto problemático dentro do Salmo 8, como já visto, ainda que nos apresente um certo embate, parece todavia tratar-se de algo já resolvido, isto é, não há expectativa nenhuma de salvação.

<sup>197</sup> Cf. E. GERSTENBERGER. **Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry**, Vol. 14, p. 71.

<sup>198</sup> Cf. C. A. BRIGGS., E. G. BRIGGS. **A critical and exegetical commentary on the book of Psalms**. p. 62.

No Sl 8 é possível que haja uma mistura de formas, ou seja, além de material hínico, também haveria material sapiencial e assemelhações ao lamento<sup>199</sup>; no entanto, considera-se a dificuldade de precisar um molde, um indicativo de genialidade e criatividade composicional do poeta<sup>200</sup>. Em conclusão, parece ser de maior justeza considerá-lo um hino<sup>201</sup>, ou um hino de um indivíduo<sup>202</sup>, objetivando louvar a YHWH por sua criação e todo seu estabelecimento cósmico, ainda que isso subentenda o sobrepujamento às forças caóticas antagônicas.

Ao se considerar o *Sitz im Leben*, para os Salmos, a origem e uso era ordinariamente o culto comunitário ou público<sup>203</sup>. Pode se supor um festival à noite<sup>204</sup> ou simplesmente um hino da noite<sup>205</sup>, visto que o mesmo refere-se a elementos noturnos como as estrelas e a lua, sem algum elemento diurno<sup>206</sup>. É válida a observação de que não há características clânicas ou tribais – que são pertinentes ao período pré-monárquico – nem sinal de uma sociedade centralizada e feudal – que teria sido desenvolvida no reino de Israel – mas há uma estrutura congregacional, e comunidades locais as quais seriam mantidas juntas por uma classe clerical que seria identificada por sua teologia sapiencial<sup>207</sup>. Em suma, parece admissível um hino de louvor (comunitário e executado à noite), com a finalidade de adoração pública, possuindo uma estrutura simétrica e duas idênticas estrofes as quais introduzem e concluem o Salmo<sup>208</sup>

<sup>199</sup> Com relação a “lamento”, apesar de haver o orante, Deus e o inimigo (v.3), não há entretanto invocação por socorro, tampouco motivos de lamento. Cf. M. L. C. LIMA, *Exegese bíblica*, p. 183-184

<sup>200</sup> Cf. P. C. CRAIGE., M. E. TATE. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–50*, Vol. 19, p. 106.

<sup>201</sup> Cf. E. GERSTENBERGER. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, Vol. 14, p. 70. Ver na mesma obra página 249, onde o Salmo 8, juntamente com o Salmo 19 e 104 estão situados no âmbito criacional, onde a criação e o criador são louvados.

<sup>202</sup> Cf. H. J. KRAUS. *A Continental Commentary: Psalms 1–59*, p. 179.

<sup>203</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 50; “sitz im leben” cultural, (cf. H. J. KRAUS. *A Continental Commentary: Psalms 1–59*, p. 179.)

<sup>204</sup> Cf. H. J. KRAUS. *A Continental Commentary: Psalms 1–59*, p. 179.

<sup>205</sup> Cf. C. A. BRIGGS., E. G. BRIGGS. *A critical and exegetical commentary on the book of Psalms*. p. 62.

<sup>206</sup> Cf. W. VANGEMEREN. A. Psalms. In Tremper Longman III & D. E. Garland (Orgs.), *The Expositor’s Bible Commentary: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry (Revised Edition)* Vol. 5, p. 137; para adoração noturna, cf. Sl 134, 1.

<sup>207</sup> Cf. E. GERSTENBERGER. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, Vol. 14, p. 71.

<sup>208</sup> Cf. C. A. BRIGGS., E. G. BRIGGS. *A critical and exegetical commentary on the book of Psalms*, p. 62.

### 3.6

#### Época e datação do Sl 8

Não há um acordo entre os estudiosos com relação a um evento histórico específico que delinearía a época do Sl 8<sup>209</sup>. Muitas são as interpretações quanto ao seu contexto histórico, dentre as quais, as que situam o Salmo dentro de um específico incidente como: um livramento concedido a uma criança (v.2); a celebração quanto à vitória sobre Golias; ou ainda alguma conquista dos fracos sobre os fortes; bem como há também a opinião de que o Sl 8 não tenha uma particularidade histórica<sup>210</sup>. O contexto pós-exílico, contudo, é pela maioria admitido<sup>211</sup>.

O tema da criação é o principal ponto em que se poderia situar o Sl 8 no período pós-exílico<sup>212</sup>. Deve-se, todavia, considerar que tal pensamento já predominava no AOP, de forma que se poderia supor que Israel já estivesse inteirado de tal pensamento<sup>213</sup>, tendo com o tempo expandido o mesmo.

O termo “guitita” quando relacionado à “colheita” (prensa de vinho ou lagar), indicaria também o período pós-exílico, pois entende-se por “colheita” a queda da Babilônia<sup>214</sup>, bem como a queda de Edom<sup>215</sup>.

O substantivo com sufixo de 1ª plural “nosso Senhor” (נִיְיָ֑) seria uma indicação do período Persa, pois observa-se a atestação da mesma expressão referente a YHWH em Ne 10,30. Essa mesma expressão quando atestada no livro

<sup>209</sup> Cf. W. S. PLUMER. **Studies in the Book of Psalms: Being a Critical and Expository Commentary, with Doctrinal and Practical Remarks on the Entire Psalter.** p. 121; P. C. CRAIGIE. **Psalms 1–50.** Vol. 19. 2nd ed. Word Biblical Commentary. p.106.

<sup>210</sup> Cf. E. W. HENGSTENBERG. **Commentary on the Psalms,** Vol. 1, p. 125; W. S. PLUMER. **Studies in the Book of Psalms: Being a Critical and Expository Commentary, with Doctrinal and Practical Remarks on the Entire Psalter.** p. 121.

<sup>211</sup> Cf. M. E. TATE. “*An exposition on Psalm 8*”. In: *Perspectives in Religious Studies*, 28, no. 4, (2001), p.344; R. J. TOURNAY. **Seeing and Hearing God with the Psalms: The Prophetic Liturgy of the Second Temple in Jerusalem.** p. 109; E. GERSTENBERGER. **Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry.** p. 71; H. J. KRAUS. **A Continental Commentary: Psalms 1–59,** p. 180.

<sup>212</sup> Cf. P. C. CRAIGIE. **Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–50.** Vol. 19. 2nd ed. Word Biblical Commentary. p.106.

<sup>213</sup> Cf. P. C. CRAIGIE. **Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–50.** Vol. 19. 2nd ed. Word Biblical Commentary. p.106.

<sup>214</sup> Baseando-se em Jr 51,33 (cf. W. G. BRAUDE. **The Midrash on Psalms.** p. 119).

<sup>215</sup> “pisar o lagar” Is 63,3 ( cf. W. G. BRAUDE. **The Midrash on Psalms.** p. 119).

de 1 Rs 1,43.47, é atribuída ao rei Davi, e em 1 Sm 25, 14.17, a expressão refere-se a Nabal, patrão de tosquiadores de ovelhas. A singularidade da expressão no Sl 8, onde YHWH é o Senhor, poder-se-ia atribuir coerentemente ao período Persa<sup>216</sup>, visto que não há mais monarquia em Israel, nem expor-se-iam a tal, dado ao inevitável choque político que haveria com os Persas.

Um outro ponto que justificaria o período pós-exílico do Sl 8, seriam os frequentes ecos nos escritos tardios<sup>217</sup>. O livre uso dos dois relatos da criação (Gn 1,1-2,4a e 2,4b-25) colocam o Salmo num período onde o Pentateuco já teria sido compilado por Esdras, e portanto, seria subsequente a esse período<sup>218</sup>. O horizonte universalista do Sl 8 e sua ênfase no nome de YHWH também sugeririam sua tardia composição<sup>219</sup>.

### 3.7

#### Crítica das tradições

O Sl 8 parece evocar tradições da criação, à semelhança de Gn 1,1-2,4a<sup>220</sup>, que podem ser confirmadas pelas palavras afins, a exemplo de אָרְץ, שָׁמַיִם, כּוֹכָבִים, יְרֵךְ (entre outras), bem como alguns motivos que igualmente os ligam, ou seja, a criação em aspectos gerais, e o homem criado dentro da criação, estão neste mesmo mundo conceitual. Mesmo havendo muitos pontos de contato entre o Sl 8 e Gn 1,1-2,4a, não possibilita, contudo, estabelecer o nível de dependência entre o Sl 8 e Gn 1,1-2,4a<sup>221</sup>, e não havendo citação, somente alusões, torna ainda mais dificultoso.

<sup>216</sup> Cf. C. A. BRIGGS., E. G. BRIGGS. *A critical and exegetical commentary on the book of Psalms*. p. 61.

<sup>217</sup> Cf. R. J. TOURNAY. *Seeing and Hearing God with the Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry: The Prophetic Liturgy of the Second Temple in Jerusalem*. p. 109. As passagens que corroborariam tal afirmação seriam: Ne 9,5; 10,30; Jl 1,20; 2,16.22; 4, 15-17; Jo 7,17; Mt 1,11.

<sup>218</sup> Cf. C. A. BRIGGS., E. G. BRIGGS. *A critical and exegetical commentary on the book of Psalms*. p. 62.

<sup>219</sup> Cf. E. GERSTENBERGER. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, Vol. 14, p. 68.

<sup>220</sup> Há no Sl 8 aproximação literária com outros textos, por exemplo: Sl 104; Sb: 9,2-3; Eclo 17,2. Todavia ter-se-á um maior enfoque no texto de Gn 1,1-2,4a.

<sup>221</sup> Cf. L. A. FERNANDES. “Deus, a pessoa humana e a criação, Salmo 8”. p.37; ver também P. C. CRAIGIE. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–50*. Vol. 19. 2nd ed. Word Biblical Commentary. p.106; há porém quem suponha ter sido o Salmo 8 derivado de Gênesis, por considerar a concepção de Gênesis mais ampla, cf. C. A. BRIGGS., E. G. BRIGGS. *A critical and exegetical commentary on the book of Psalms*. p. 61-62.

Os dois textos, Sl 8 e Gn 1,1-2,4a, poderiam ter bebido de uma mesma tradição, e não necessariamente teria de haver derivação. O Sl 8 poderia ter utilizado motivos e temas ligados à tradição da criação, e sintetizado ao aspecto litúrgico, especificamente noturno, enquanto a proposta de Gênesis fosse outra, focando mais amplamente na cosmogonia<sup>222</sup> bem como na antropogonia<sup>223</sup>.

Salvo as peculiaridades poéticas que possui o Sl 8, temas destacantes podem ser relacionados a Gn 1,1-2,4a, como a criação dos grandes astros – exceto o sol no Sl 8 – e das estrelas (Gn 1,16; Sl 8,4), a aproximação do ambiente sapiencial, no que se refere às antigas tradições sobre a sublimidade de YHWH como Criador (Gn 2,4b-25)<sup>224</sup> e do ser humano como a coroa das obras de suas mãos<sup>225</sup>. A semelhança do ser humano a Deus em Gn 1,26-27, estaria relacionado ao Sl 8,6-7, cada um com suas respectivas linguagens.

Poder-se-ia perceber ainda uma evocação da tradição de Sião – ainda que não de maneira absoluta – se for considerada a inserção dos v.2c-3 no Sl 8, particularmente a expressão “fundaste um baluarte”, como sendo uma referência a essa fortaleza fundada que é Jerusalém<sup>226</sup>. O Sl 8 entreposto à invocação por salvação nos Salmos 1 – 7 e a salvação alcançada nos Salmos 9 – 10, possuindo uma lógica interna<sup>227</sup>, leva à possibilidade de Sião estar implicitamente ligado à fundação desse “baluarte”, ou seja, a habitação de YHWH nos céus (cf. Sl 2,4) e a habitação de YHWH em Sião (cf. Sl 9,11-12)<sup>228</sup> relacionado ao “baluarte” interposto aos mesmos.

<sup>222</sup> Cf. E. C. LUCAS. *Cosmology*. In **Dictionary of the Old Testament: Pentateuch**, p. 135.

<sup>223</sup> Cf. R. A. Jr. Oden. *Cosmogony, Cosmology*. In D. N. Freedman (Org.), **AYBD**, vol. 1, p. 1163.

<sup>224</sup> Considera-se que, ainda que houvesse um vislumbre sobre a criação em tempos antigos, é no entanto, desenvolvida a fé de Israel na criação num tempo tardio.

<sup>225</sup> Cf. L. A. FERNANDES. “**Deus, a pessoa humana e a criação, Salmo 8**”. p.35.

<sup>226</sup> Cf. Is 14,32 “fundou Sião” ( יִסַּד צִיּוֹן ).

<sup>227</sup> Conferir tópico 3.3 Crítica literária ou da constituição do texto.

<sup>228</sup> Os textos de Salmo 2,4 e 9,12 usam יָשַׁב “habitar”, “assentar” (cf. G. H. WILSON, “יָשַׁב”, In: **NDITEAT**. vol. II, p.549). Ambos em contextos régios, podendo ser melhor entendido como assentar (trono).

O Sl 2,4 ao usar **ישב**, indica Aquele que está entronizado no céu<sup>229</sup>, e que tem o poder de comandar<sup>230</sup>. Igualmente o Sl 9,5.8.12<sup>231</sup>, utiliza a mesma raiz **ישב**, mais claramente com o mesmo sentido (sentar), e o v.12 referiria a Sião como sede do seu governo e centro de expansão e difusão do conhecimento de YHWH<sup>232</sup> e de seu nome. Ao se creditar os vv.2c-3 do Sl 8 a uma inserção de um período posterior, suporia então que, dentre muitos motivos possíveis para tal inclusão, a ideia de um baluarte interligado a Sião não parece incogitável<sup>233</sup>, quando analisado dentro desta sequência. Exceto o livro IV dos Salmos, o tema do estabelecimento permanente do trono de Davi e sua dinastia é repetido, e no caso do Sl 2 parece ter havido uma fusão do trono de YHWH com o trono do rei Davi<sup>234</sup>.

Acrescenta-se à relação do Sl 8 e 9/10 uma não aleatoriedade do livro I dos Salmos, pois sempre após um Salmo de criação, segue-se um Salmo acróstico (com inabitual sequência alfabética), por exemplo o Sl 24 (criação) que precede o Salmo 25 (acróstico), e o Sl 33 (criação) que precede o Sl 34 (acróstico)<sup>235</sup>. Tal relação é reforçativa, de forma que se poderia traçar um paralelo – dentro da sequência tratada – do nome (**יהוה**) de YHWH (Sl 8, 2.10; Sl 9,11), bem como o baluarte estabelecido por YHWH e seu lugar em Sião (Sl 8,3; Sl 9,12).

Há uma importante consideração no Sl 8 quanto à teologia do nome divino<sup>236</sup>, e no tocante a esta questão, **יהוה** ligado ao Tetragrama, poder-se-ia constatar uma correspondência com o Ex 3,14-15. YHWH responde à pergunta de Moisés em Ex 3,13, quanto ao que ele deveria dizer aos israelitas quando fosse interrogado acerca

<sup>229</sup> O Salmo 2 apresenta YHWH entronizado no céu, embora o seu local de governo seja frequentemente mencionado como estando em Jerusalém (cf. W. C. KAISER Jr. “**The structure of the book of Psalms**”. In: *Bibliotheca Sacra* 174, (2017), p. 6.)

<sup>230</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 142.

<sup>231</sup> Não me atarei a questão de unidade da sequência acróstica dos Salmos 9-10.

<sup>232</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I* p. 220.

<sup>233</sup> Muitos comentaristas pensaram no santuário central no monte Sião em Jerusalém (cf. M. E. TATE. “*An exposition on Psalm 8*”. In: *Perspectives in Religious Studies*, 28, no. 4, (2001), p.346). Cf. Isaías 14,32, onde YHWH estabelece Sião. O verbo igualmente atestado no piel.

<sup>234</sup> Cf. W. C Jr. KAISER. “**The structure of the book of Psalms**”. In: *Bibliotheca Sacra* 174, (2017), p. 6.

<sup>235</sup> Cf. W. C Jr. KAISER. “**The structure of the book of Psalms**”. In: *Bibliotheca Sacra* 174, (2017), p. 8.

<sup>236</sup> Cf. R. J. TOURNAY. *Seeing and Hearing God with the Psalms: The Prophetic Liturgy of the Second Temple in Jerusalem*. p. 109.

de YHWH, no que diz respeito a Seu nome. A resposta em Ex 3,14 diz<sup>237</sup>: “assim dirás aos israelitas: Eu Sou ( יהוה ) me enviou até vós” e logo após em Ex 3,15 conclui dizendo: “É o meu nome para sempre, e é assim que me invocarão de geração em geração”.

Desta maneira a ligação entre יהוה e YHWH<sup>238</sup> no Sl 8, pode também evocar a tradição do Êxodo, e essa metonímica atestação ( יהוה + YHWH ) é revelatória, pois revela quem Ele é, seu Nome, e relaciona-se a libertação<sup>239</sup>(cf. Ex 6,2). A relação יהוה e YHWH é também rememorada em outros textos<sup>240</sup>, e o Sl 8 dentre estes, louva a YHWH, o criador de todas as coisas, Aquele que outrora os libertou da servidão e os levou à terra (Ex 6,6-8).

O Sl 8 ecoaria então algumas tradições<sup>241</sup>, temas e motivos, as quais são: criação, Sião e Êxodo. Dentre as tradições explanadas, a tradição da criação seria a predominante, visto que além de serem mais numerosas as passagens que referem-se aos aspectos criacionais, a temática também é mais marcante.

<sup>237</sup> As leituras são conforme a bíblia de Jerusalém.

<sup>238</sup> Ver a correspondência em Is 42,8- Jr 16,21

<sup>239</sup> Quanto a libertação e salvação, aproximaria à hipótese de que o Salmo 8 fora entoado como um agradecimento lembrando a libertação de alguma situação turbulenta (cf. M. E. TATE. “**An exposition on Psalm 8**”. In: Perspectives in Religious Studies, 28, no. 4, (2001), p.345). Não se pode entretanto precisar tal questão.

<sup>240</sup> Is 52,6;63;12; Jr 32,20; Ne 9,10; Dn 9,15...

<sup>241</sup> Considerando ser possível que um texto traga mais de uma tradição (cf M. L. C. LIMA, *Exegese bíblica*, p. 144. Outras tradições do AOP, que tiveram forte influxo no pensamento israelita, serão tratados mais especificamente no cap 4.



exaltação (v. 2ab), e também o ponto de partida, contendo a segunda exaltação (v. 10ab). Tal elo entre as seções vv. 2-5 (Stanza I e Stanza II) e vv. 6-10 (Stanza III e Stanza IV), se dá pelo pronome  $\text{הָאֵל}$  central, porque interliga os dois movimentos seccionais, a saber: vv.2-5 e vv. 6-10.

#### 4. 1. 1 Título

v.1 – *Para o dirigente conforme a guitita, Salmo de Davi.*

Embora o título atribua o Salmo a Davi, o Sl 8 parece refletir uma etapa mais tardia, de um profundo pensamento e reflexão, dos quais Davi em sua tenra idade não teria ainda alcançado<sup>243</sup>. Soma-se à etapa tardia do Salmo, a terminologia usada, pelas suas afinidades com Gn 1,1-2,4a<sup>244</sup> – ainda que com suas respectivas linguagens – e os ecos em escritos pós exílicos<sup>245</sup>.

O termo “guitita” (  $\text{גִּיטִיתָא}$  ) gerou certa discussão, pois dentre algumas propostas, poderia se referir a um estilo de música que havia sido emprestado dos filisteus e nomeada como uma de suas principais cidades<sup>246</sup>, um instrumento musical de Gath, quando Davi teria residido em Gath e possivelmente apreendido tal instrumento lá inventado, ou uma música particular Gitita<sup>247</sup>.

Com relação aos que conectam o vocábulo  $\text{גִּיטִיתָא}$  a uma música comum no que se liga à vindima, poder-se-ia reforçar tal afirmação pelo substantivo feminino hebraico  $\text{גֵּזַי}$ , que significa “prensa de vinho” ou “lagar”<sup>248</sup>; podendo ainda estar

<sup>243</sup> Cf. S. R. DRIVER. *Studies in the Psalms*. p. 231–232.

<sup>244</sup> Cf. W. BRUEGGEMANN. *The Message of the Psalms: A Theological Commentary*, p. 37.

<sup>245</sup> Cf. R. J. TOURNAY. *Seeing and Hearing God with the Psalms: The Prophetic Liturgy of the Second Temple in Jerusalem*. p. 109; M. E. TATE. “An exposition on Psalm 8”. In: *Perspectives in Religious Studies*, 28, no. 4, (2001), p.346.

<sup>246</sup> Cf. J. J. S. PEROWNE. *The Book of Psalms; A New Translation, with Introductions and Notes, Explanatory and Critical*. Vol. 1. p. 89.

<sup>247</sup> Cf. W. S. PLUMER. *Studies in the Book of Psalms: Being a Critical and Expository Commentary, with Doctrinal and Practical Remarks on the Entire Psalter*. p. 120-121.

<sup>248</sup> Cf. Jz 6,11; Lm 1,15; Jl 3,13; Ne 13, 15. É proposto também a interpretação triunfalista do termo, onde pisar o lagar refere-se Àquele que pisa (YHWH), isto é, Àquele que triunfa (Cf. W. G. BRAUDE. *The Midrash on Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*. p. 119.)

ligado a um festival ou algum tipo de cerimônia<sup>249</sup>; uma marcha Gitita<sup>250</sup>; uma expressão hínica de Davi a Deus, em referência ao triunfo sobre Golias, o Geteu<sup>251</sup>, ou ainda referiria segundo Ibn Ezra a Obede-Edom<sup>252</sup>, também Geteu, mas não da Gath filisteia, e sim de Gath-Rimom, uma cidade levita<sup>253</sup>.

Deve se observar entretanto, que suas correspondências dentro do Saltério (cf. Sl 81,1; 84,1), são de caráter laudatório, e portanto, há maior plausibilidade em se afirmar que a expressão considerada, esteja ligada ao aspecto musical, e não a qualquer tipo de situação buliçosa. Dentro do saltério, se pode concluir que o substantivo do título em questão, singular ou plural, está dentro do âmbito musical.

Com relação ao substantivo guitita, é conjecturado também que a expressão trazida na LXX (τῶν ληῶν) “prensas de vinho” ou “lagar de vinho”, estivesse evocando o lagar da ira de YHWH (cf. Is 63,1-6), logo, possuiria implicações escatológicas<sup>254</sup>. Ao se tratar o Sl 8 de um hino de louvor a YHWH, é de maior coerência a aproximação do sentido de guitita a um instrumento musical, talvez usado na vindima, um tipo de melodia, ou uma festa específica, ainda que sem a possibilidade de se precisar, pois dificilmente poder-se-á definir o sentido do substantivo dentro do Sl 8, outrossim nos Salmos 81 e 84<sup>255</sup>.

#### 4. 1. 2 A exaltação inicial (v. 2ab)

*YHWH nosso Senhor, quão majestoso é teu nome em toda a terra!*

<sup>249</sup> Cf. S. MOWINCKEL. **The psalms in Israel's worship**. Vol II, p.215.

<sup>250</sup> Cf. C. F. KEIL., F. Delitzsch. **Commentary on the Old Testament**, Vol. 5, p. 91.

<sup>251</sup> Cf. W. S. PLUMER. **Studies in the Book of Psalms: Being a Critical and Expository Commentary, with Doctrinal and Practical Remarks on the Entire Psalter**. p. 120.

<sup>252</sup> Cf. J. GOLDINGAY. **Baker Commentary on the Old Testament: Psalms 1–41**. p.154.

<sup>253</sup> Cf. Js 21,24; I Cr 6,69; 13,13-14; 16,4-5.

<sup>254</sup> Cf. D. C. MITCHELL. **The message of the psalter: an eschatological programme in the books of Psalms**, JSOTSup. 252. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997, p. 20.

<sup>255</sup> Cf. L. A. FERNANDES. “Deus, a pessoa humana e a criação, Salmo 8”. p.38; M. DAHOOD. **Psalms Part I: With an Introduction to Cultic Poetry I: 1-50: Introduction, translation, and notes**, vol. 16, p. 49.

O pronome interrogativo מַה quando usado com um adjetivo ou um verbo possui aspecto adverbial de “quão, como?” ou “por quê?”<sup>256</sup>, como no v. 2 onde o pronome é precedido pela adjetivação אֲדִיר e no Sl 36, 8 em que o pronome igualmente é precedido por um adjetivo, ou ainda em Nm 24, 5 quando precedido por um verbo. Nestes casos então, o pronome interrogativo é usado como uma exclamação<sup>257</sup>.

Há de se ressaltar que o pronome מַה dentro do Sl 8, possui uma particularidade, pois o sentido que se tem nos refrões (vv. 2ab; 10ab) difere do sentido no v. 5. No v. 5 מַה é introduzido como uma interrogação<sup>258</sup>, que é confirmada pela conjunção כִּי, uma característica comum após uma pergunta<sup>259</sup>.

O adjetivo “majestoso” (אֲדִיר) no Antigo Testamento possui uma pluralidade de atribuições, nas quais podem referir-se às águas caudalosas (cf. Sl 93, 4; Ex 15, 10); os cedros do Líbano (cf. Ez 17, 23); reis (cf. Sl 136,18) ou a pessoas cuja força ou estatura sejam descomunais, a exemplo de Ogue, rei de Basan, que recebe tal adjetivação, segundo uma inscrição fenícia em um sarcófago do período persa<sup>260</sup>, e em certos casos אֲדִיר pode possuir paralelismo com גִּבּוֹר (ser forte)<sup>261</sup>.

No Sl 8, a conexão da exclamação admirativa, מַה<sup>262</sup> e אֲדִיר seguida pelo אֱלֹהִים de YHWH, parece transcender toda qualificação majestática inerente ao adjetivo, de maneira a sobrexaltar o nome de YHWH, ou seja, seu próprio Ser manifesto em toda cosmogonia retratada. Não é inverossímil dentro do saltério, a exemplo do Sl 93,4 onde YHWH se mostra superior, ou mais elevado em אֲדִיר<sup>263</sup> que as águas.

<sup>256</sup> Cf. JM § 144, e. p. 502.

<sup>257</sup> Cf. JM § 144, e. p. 578; ver também semelhantes passagens: Sl 3, 2; Is 52, 7; Zc 9, 17; MI 1, 13).

<sup>258</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 197.

<sup>259</sup> Cf. JM § 169, e. p. 598. Para outros exemplos: Jo 7, 17; 15, 14; 21, 15; Sl 144, 3; Gn 20, 9; 31, 36; Ex 3, 11; Nm 16, 11.

<sup>260</sup> Cf. K. SPRONK. Noble Ones. In K. Van der Toorn, B. Becking, P. W. van der Horst (Orgs.), *Dictionary of deities and demons in the Bible*, 2nd extensively rev. ed., p. 633–634. Ver também nas mesmas a relação do adjetivo com os Refains, e os textos Ugaríticos em KTU 1.17 v:7; 1.20-22 (SMITH, M. S., Parker, S. B. *Ugaritic narrative poetry*, Vol. 9, p. 58.)

<sup>261</sup> Cf. G. AHLSTRÖM, “אֲדִיר”, *TDOT*, vol. I, p. 73-74. (Cf. paralelismo em Jz 5,13)

<sup>262</sup> GESENIUS, “מַה”, p. 452.

<sup>263</sup> O adjetivo neste Salmo seria mais apropriadamente traduzido por imponência, poderoso. (Cf. GESENIUS, “אֲדִיר”, p. 13.)

Ainda na conexão de אָדִיר seguida por עֵשׂ haveria a possibilidade de interpretação como nome/ fama admirável/ ilustre<sup>264</sup>, ou seja, um nome excelso que ganha destaque em todo mundo, não somente dentro de Israel.

O adjetivo אָדִיר é um atributo régio, que denotaria as vitórias de YHWH (cf. Ex 15,6), seu poder em juízo (cf. I Sm 4,8; Sl 76, 4), sua lei (cf. Is 42,21) e seu governo sobre a criação (cf. Sl 8; 93,4)<sup>265</sup>. O substantivo sufixado אֲדִירוֹ é também usado para se dirigir a um rei (cf. 1 Re 1, 11.43.47), e somado ao adjetivo אָדִיר<sup>266</sup>, o atributo régio é reforçado.

O “nome” ( עֵשׂ ) muitas vezes refere-se à reputação, fama e frequentemente no hebraico o nome era a expressão da essência de uma pessoa, e no caso de YHWH poderia se ter como uma metonímia para a natureza dEle<sup>267</sup>.

No v.2b, o substantivo “terra” ( אֶרֶץ ) corresponde ao mundo, onde é irradiada a glória do nome de YHWH, em paralelismo com a sequência em v.2c “céus” ( שָׁמַיִם )<sup>268</sup>. O substantivo “toda” ( כָּל ) precedendo “terra” ( אֶרֶץ ) reforça o viés universalista, demonstrando que seu “nome”, ou seja, o que Ele é, deve ser visto em “toda a terra” e reconhecido como Aquele que tudo criou.

#### 4. 1. 3 A grandiosidade de YHWH e seu baluarte (vv. 2c-3)

*que põe teu esplendor sobre os céus;*

*Da boca de crianças e lactentes fundaste um baluarte,*

*por causa dos teus adversários,*

<sup>264</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, “אָדִיר”, **DBHP**, p. 26.

<sup>265</sup> Cf. W. VANGEMEREN. A. Psalms. In Tremper Longman III & D. E. Garland (Orgs.), *The Expositor’s Bible Commentary: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry (Revised Edition)* Vol. 5, p. 138.

<sup>266</sup> Dentro do saltério, cf Sl 136,18.

<sup>267</sup> Cf. A. P. ROSS, “עֵשׂ”, In: **NDITEAT**, Vol IV, p.149.

<sup>268</sup> Cf. H. J. KRAUS. **A Continental Commentary: Psalms 1–59**, p. 181.

*para fazer cessar um inimigo que se vingue.*

O comentário rabínico no Talmud ensina que Israel quando emergiu do “mar vermelho”, entoou louvores, porque se deparou com os inimigos mortos, espalhados na beira do mar. Explica a forma como fora feita a entoação, quando até um bebê deitado no colo de sua mãe, levanta seu pescoço, e o lactente sugando seu alimento natural, faz uma breve pausa e todos responderam em alta voz dizendo: Este é o meu Deus, e eu irei glorificá-Lo (cf. Ex 15,2); pois é dito: “Da boca de crianças e lactentes fundaste um baluarte” (Sl 8,3)<sup>269</sup>.

Surge novamente a problemática com relação ao v. 3a ser uma resposta para v.2c ou v.3bc. Metricamente parece inevitável não conectar v.2c a v.3a, que manteria a sequência de bicolons, ao mesmo tempo, por uma lógica interna, v.3a parece responder v.3bc. No Novo Testamento, Mt 21,16 traz o contraste inerente à ideia do Sl 8,3, de uma contraposição entre os principais dos sacerdotes e escribas, que indignaram-se com os gritos das crianças que diziam: “Hosana ao filho de Davi”<sup>270</sup>. O evangelista usa o aspecto laudatório, possivelmente tendo por base a LXX.

Crianças e lactentes geralmente aparecem como vítimas de opressão e morte, o que não indicaria que tais estivessem louvando, mas, metaforicamente, gritando de dor, por proteção ou justiça<sup>271</sup>. A contradição é o estabelecimento do poder de YHWH sobre os fracos, e não sobre os fortes e estáveis<sup>272</sup>. O atrito apresentado no v.3 pode não somente se tratar de uma situação real, ou de uma manifestação esperançosa diante de uma situação difícil, mas de maneira ambivalente – dado que o Sl 8 possui predominante teor cosmogônico – a evocação do conflito cósmico no momento da criação do universo<sup>273</sup>.

<sup>269</sup> P. I. HERSHON. **Genesis: With a Talmudical Commentary**, p. 21–22; J. NEUSNER. (2011). **The Babylonian Talmud: A Translation and Commentary** (Vol. 11a, p. 147–148)

<sup>270</sup> Cf. P. C. CRAIGE., M. E. TATE. **Psalms 1–50**, Vol. 19, p. 109-110.

<sup>271</sup> Cf. J. GOLDINGAY. **Baker Commentary on the Old Testament: Psalms 1–41**. p.156; cf. também Dt 32,25; Lm 1,5; 2,11.19-20; 4,4.

<sup>272</sup> Cf. L. A. FERNANDES. “**Deus, a pessoa humana e a criação, Salmo 8**”. p.40.

<sup>273</sup> Cf. M. S. SMITH. “**Psalm 8:2b-3: New proposals for old problems**”. In: *The Catholic Biblical Quarterly*, 59, no. 4, (1997), p. 639.

Tal atrição no âmbito cosmogônico, pode ser vista na mitologia mesopotâmica, onde há um embate entre a divindade suprema, a exemplo de Marduk, e as divindades inferiores (o mar, leviatã, Rahab, Tannin, dragão), em uma luta primordial, contra os opositores à ordem cósmica; igualmente na mitologia cananea, Baal que prevalece contra seus adversários, o Mar (yam) e a Morte (mot) e na mitologia egípcia, onde o monarca como um representante da divindade criadora, tinha a missão de manter a ordem cósmica e evitar o caos<sup>274</sup>.

A raiz  $\text{טו'}$  pode significar um arremate no sentido de uma finalização<sup>275</sup>, ou uma fundação que possui solidez, inabalável, e seu sentido básico refere-se a construções feitas com materiais duráveis<sup>276</sup>. A mesma raiz ( $\text{טו'}$ ) também aparece no contexto da construção do santuário ou Sião, bem como pode ser usado metaforicamente – como em hinos de louvor a Deus como criador – referente a fundação e criação da terra, e tendo YHWH como sujeito que garante a fidedignidade desta construção<sup>277</sup>, o que parece ser intencionado no Sl 8.

A conexão com o substantivo  $\text{יֵשׁ}$  parece expor a inexpugnabilidade de sua criação, ambivalentemente na esfera celestial – dado a subentendida supressão das forças caóticas – e na esfera terrena, ao se considerar especificamente Sião.  $\text{יֵשׁ}$  como já tratado anteriormente, pode ser uma referência à fundação de Sião em Jerusalém, e o raiz  $\text{טו'}$  no piel, ligado a  $\text{יֵשׁ}$  parece ser comparável a Is 14,32 (  $\text{יֵשׁ טו' יֵשׁ}$  )<sup>278</sup>, onde Sião fora fundada para refúgio do povo de YHWH. Igualmente o substantivo  $\text{יֵשׁ}$  pode ser equivalente a  $\text{יֵשׁ קִיָּץ}$  (firmamento, abóbada celeste)<sup>279</sup>, construído para manter afastadas as forças do caos, caracterizando o mundo criado como um lugar seguro, após subjugar os inimigos cósmicos no tempo da criação.

<sup>274</sup> Cf. L. A. FERNANDES. “Deus, a pessoa humana e a criação, Salmo 8”. p.41-42; Cf no Antigo Testamento passagens que remetem aos mitos: Jo 40-41; Sl 74,13-14; 89,10-11; Is 51,9. Inimigo enquanto o dragão do caos, cf.

<sup>275</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, “ $\text{טו'}$ ”, **DBHP**, p. 281-282.

<sup>276</sup> Cf. MOSIS, “ $\text{טו'}$ ”, **TDOT**, vol. VI, p. 110.

<sup>277</sup> Cf. MOSIS, “ $\text{טו'}$ ”, **TDOT**, vol. VI, p. 111.

<sup>278</sup> No texto de Isaias 14,32, o verbo  $\text{טו'}$  está na 3ª pessoa do singular.

<sup>279</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, **Salmos I**, p. 195-196; L. ALONSO SCHÖKEL, “ $\text{יֵשׁ}$ ”, **DBHP**, p. 487; R. G. BRATCHER., W. D. REYBURN. **A translator’s handbook on the book of Psalms**. p. 79; Cf. Gn 1,6.

Nos textos ugaríticos, a construção do palácio só pode ser iniciada após Baal triunfar sobre seus inimigos<sup>280</sup>. No Sl 8 YHWH funda este baluarte, enquanto toda a criação é assistida de forma ordenada, subentendendo já o triunfo sobre as forças caóticas. A compreensão de uma ambivalência é possível, se for considerado que tais ideias míticas tivessem sido usadas mais tarde para designar os inimigos históricos de Israel<sup>281</sup>.

#### 4. 1. 4 A grandiosíssima obra do artífice (v. 4)

*Quando vejo teus céus, obras dos teus dedos;*

*lua e estrelas que estabeleceste;*

O antropomorfismo usado pelo salmista, para referir-se a YHWH como um perfeito artesão, possui alguns ecos na literatura acádica e em textos antigos como Enuma Elish. Dentre os vários níveis de céus existentes, feitos de vários tipos de pedras, Marduk, o principal deus da Babilônia, teria desenhado as constelações sobre os céus inferiores, feitos de jaspe. No poema Enuma Elish, Marduk é quem define os cursos das estrelas, desenhando as linhas limítrofes para o ano nos céus<sup>282</sup>.

O Sl 8 ao manifestar o céu noturno, falando sobre a lua e estrelas que foram estabelecidas por YHWH, como obra dos seus dedos, pode aludir aos antigos textos tratados, considerando os elementos que os aproximam. O céu noturno, diferente do céu diurno, é mais propício para se perceber ( הַרְאֵה ) a grandeza cósmica, pois a noite manifesta a complexidade das estrelas, seus movimentos e as constelações.

<sup>280</sup> Cf. J. A. SOGGIN. “Textkritische untersuchung von Ps. VIII vv. 2-3 und 6”. In: Vetus Testamentum. 21, (1971), p. 570.

<sup>281</sup> Cf. J. A. SOGGIN. “Textkritische untersuchung von Ps. VIII vv. 2-3 und 6”. In: Vetus Testamentum. 21, (1971), p. 570.

<sup>282</sup> Cf. V. H. MATTHEWS., M. V. Chavalas., J. H. Walton. **The IVP Bible background commentary: Old Testament** (electronic ed., Ps 8,3-6).

Se tais conexões se tratam de uma alusão, então isso corroboraria a etapa tardia do SI 8.

No SI 8, a lua e a estrela não são criados pela ordem verbalizada, mas pelos dedos de YHWH, de forma a remeter ao aspecto criacionista explanado em Gn 2,7. 19. Apesar de uma íntima relação com Gn 1,1-2,4a, o *modus operandi* da criação mais se aproxima do segundo relato da criação, o que também não anularia a possibilidade do salmista ter intencionalmente usado os dois relatos da criação, visando uma completude. Não é possível, entretanto, a afirmação na qual o salmista tenha utilizado ambos relatos da criação, visto que, tal consideração requereria uma precisão da datação do SI 8, o que não pode ser fornecido<sup>283</sup>.

O verbo כּוּן dentro das formas literárias hínicas, comumente possui YHWH como sujeito, e no contexto da criação, a forma verbal polel, como piel, representaria os resultados de uma ação<sup>284</sup>. Tal ação teria um significado de permanência<sup>285</sup>, ou seja, algo criado e estabelecido para a inabalabilidade. No SI 7, 13, o mesmo verbo é atestado com um sentido de “algo pronto”, “preparado”, e já no SI 8,4 o sentido é de “estabelecimento”.

O aspecto criativo do verbo כּוּן, não é fruto de uma autêntica ideia israelita, mas emprestado dos Cananitas. Dentro do âmbito criacional, o verbo כּוּן é usualmente atestado no hifil, e mais raramente no polel, como no SI 8. O aspecto positivo do verbo tem implicações na preservação e aprimoramento da vida, o que explicaria as frequentes citações do mito onde ocorre uma batalha entre YHWH e o primitivo monstro marinho do caos, como por exemplo no SI 24,1-2, em que YHWH “estabelece” a terra sobre os mares. Em Ugarítico, não há por exemplo uma associação com a batalha entre Baal e o mar (Yam) ligado à criação, mas como um pacífico ato de criação pelo deus El<sup>286</sup>.

Poderia se reforçar assim, que a nuance criacional e atrital entre YHWH e as forças caóticas, também a característica pacifista que a raiz כּוּן carrega, da

<sup>283</sup> Cf. C. A. BRIGGS., E. G. BRIGGS. **A critical and exegetical commentary on the book of Psalms**. p. 62.

<sup>284</sup> Cf. E. A. MARTENS, “כוּן”, In: **NDITEAT**, Vol II, p.615-616.

<sup>285</sup> Cf. KOCH, “כוּן”, **TDOT**, vol. VII, p. 89-90; E. A. MARTENS, “כוּן”, In: **NDITEAT**, Vol II, p.615-616.

<sup>286</sup> Cf. KOCH, “כוּן”, **TDOT**, vol. VII, p. 97-98.

preservação e aprimoramento da vida, estaria para Israel como uma maneira exclusiva de preservação do povo de YHWH, bem como seu aprimoramento, e para isto deveu-se a fundação de um baluarte como no v.3, naquela ambivalência na qual, YHWH impõe ordem às forças opositoras, e igualmente a impõe Sião fortificada, para a preservação dos israelitas, diante de qualquer situação conflituosa.

#### 4. 1. 5 O homem enquanto um todo frágil (v. 5)

*Que é um homem para que dele tu lembres?*

*E um filho de Adão que o visites?*

O v. 4 conduz à indagação no v. 5, onde o poeta tem por objetivo externar sua admiração diante da atenção dada por YHWH ao efêmero homem. O substantivo **שְׁנוֹן** denota efemeridade, fragilidade e mortalidade<sup>287</sup>, e está em sinónimo paralelo com **וּבֶן-אָדָם**. Na tradução do v. 5, não seria imprópria a colocação de uma exclamação em vez de interrogação<sup>288</sup>, que expressaria um espanto sem a espera de uma resposta, ou seja, uma questão infundável.

A raiz **פָּקַד** diz respeito a uma examinação feita de perto, na qual uma sentença, ou decisão, é proferida, e geralmente o aspecto é negativo<sup>289</sup>. O homem mortal é “lembrado”, e “visitado”, verbos geralmente usados para falar da resposta divina à finitude e falibilidade humana, e a questão levantada no v.5 não envolve

<sup>287</sup> Cf. WAGNER, “שְׁנוֹן”, **TDOT**, vol. I, p. 345-347; cf. L. A. FERNANDES. “**Deus, a pessoa humana e a criação, Salmo 8**”. p.45; A. F. KIRKPATRICK. *The Book of Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*. p. 39–40; Conferir também passagens que atestam o substantivo שְׁנוֹן e sua efemeridade ( Sl 103, 15; Jo 4,17).

<sup>288</sup> Cf. A. L. GAROFALO. “**L`uomo alla presenza di Dio. L`e esperienza del divino nei testi poetici e sapienziali dell` Antico Testamento**”. In: ApTh I (2015), p.281.

<sup>289</sup> Cf. G. ANDRÉ, “ פָּקַד”, **TDOT**, vol XII, p.50-51. Pode ser também uma visitação compassiva (cf. “פָּקַד”, **TDCH**, vol. VI, p. 737).

somente o israelita em si, mas todo filho de Adão<sup>290</sup>, referência humana no geral<sup>291</sup>. Há também a proposta de que a expressão “אֱנוֹשׁ” e “וּבֶן־אָדָם” em sequência, não sejam um paralelismo sinonímico mas progressivo<sup>292</sup>. O entendimento no entanto é que a expressão configure um paralelismo sinonímico.

Um ensinamento talmúdico diz que, quando YHWH desejou criar o homem, Ele convocou antes seus anjos ministradores e indagou-lhes se se agradariam que fosse feito o homem “à nossa semelhança”, e após a explicação de como se daria tal feito, respondem os anjos: “Que é um homem que dele tu lembres? e um filho de Adão que o visites”. A primeira e a segunda classe de anjos são destruídas pelo fogo do mindinho de YHWH, por suas objeções, enquanto a terceira classe, tendo os exemplos antecedentes, dizem: “o mundo inteiro é teu, fazes como desejas”<sup>293</sup>.

A raiz זכר, ligada a YHWH, poder significar uma lembrança com relação a seu cuidado e intervenção, em graça ou juízo<sup>294</sup>. No Sl 8,5 há um zelo de YHWH em abençoar a humanidade, de forma que é inegável o aspecto gracioso do termo. Semelhante ao v.5, ainda em outros, como no Sl 78,39 onde o salmista expressa a sua admiração, por ser o homem carne e lembrado por YHWH, e o Sl 89,48, que seguindo o mesmo motivo, pequenez e fraqueza humana, mas ainda sendo lembrado por YHWH.

É possível ainda entender זכר “lembrar”, para além do sentido de uma mera lembrança, quando em referência a YHWH, como no caso do v.5, significaria um agir de YHWH de acordo com um compromisso estabelecido anteriormente<sup>295</sup>, e tal questão pode ser analisada no saltério<sup>296</sup>

<sup>290</sup> Cf. J. L. MAYS. *Psalms*. p. 67–68.

<sup>291</sup> Cf. STEIN, R. D. E. S. The Noun אִישׁ (’iš) in Biblical Hebrew: A Term of Affiliation. *Journal of Hebrew Scriptures*, 8. Article 1, p. 5; L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI (**Salmos I**, p. 202) propõe אִישׁ como nome próprio, mas sem deixar de ser genérico, ou seja, o progenitor da raça humana.

<sup>292</sup> Cf. S. TERRIEN. **The Psalms: strophic structure and theological commentary**. p. 133.

<sup>293</sup> Cf. P. I. HERSHON. **Genesis: With a Talmudical Commentary**, p. 61.

<sup>294</sup> Cf. L. C. ALLEN, “זכר”, In: **NDITEAT**, Vol II, p.1073.

<sup>295</sup> Cf. B.K. WALTKE., C. J. FREDRICKS. **Genesis: a commentary**. p.140.

<sup>296</sup> Cf. Sl 8,5; 9,12; 74,1-3; 98,3; 105,8; 106,45; 111, 5.

## 4. 2 A segunda seção (vv. 6-10)

A segunda seção inicia-se após o interrogativo הֲלֹּא central no v.5, o qual fora o ponto de interligação entre os dois movimentos, sendo o primeiro v.2ab – v.5 e o segundo v.5 – v.10ab. Enquanto a primeira seção, iniciada com a exclamação admirativa הֲלֹּא, que exaltantemente conduz para o interrogativo הֲלֹּא central no v.5, a segunda seção parte do mesmo interrogativo הֲלֹּא central, conduzindo por respostas estupefatas, até a reiteração admirativa final no v.10ab.

### 4. 2. 1 O homem coroado (v. 6)

*Fizeste-o pouco menos do que deuses, de honra e glória o coroaste;*

As raízes no v.6, “עִטַּר” (coroar) e “חָסַר” (faltar) no yiqtol, podem ocorrer sem aspecto iterativo ou durativo, como no caso do v.6, e teria portanto valor de qatal, transmitindo assim uma certa instantaneidade<sup>297</sup>.

Este que é feito pouco menos do que deuses, refere-se ao homem “אֱנוֹשׁ” em sua fragilidade, bem como a humanidade “אָדָם”, de maneira que não apenas os reis possuem o status especial de realeza aos olhos de YHWH. Tal posição aproximaria o universalismo de אָדָם do v.5, com Gn 1, 26, onde o mesmo vocábulo אָדָם refere-se à humanidade como um todo<sup>298</sup>. Ainda que o Novo Testamento, em Hb 2,6-9 interprete o Sl 8,5-6 como uma referência a Cristo – o que traria um viés escatológico – não se pode deixar de reconhecer, até quanto aos que favorecem esta interpretação cristológica, que as palavras do Sl 8 são aplicadas ao homem no geral<sup>299</sup>.

<sup>297</sup> Cf. JM § 113, h. p. 340. Para outros exemplos Dt 32,10; Sl 116,3; Jo 15,7; Jr 20,14.

<sup>298</sup> Cf. K. A. MATHEWS. *Genesis 1-11:26*. Vol. 1A, p. 168.

<sup>299</sup> Cf. T. WISDOM. *A Royal Destiny: The Reign of Man in God's Kingdom*, p. 22.

É possível que o conceito antigo dos reis como imagem de deus, uma exclusividade não partilhada com as demais pessoas no geral, tenha sido redefinido de maneira a democratizar essa velha ideia, afirmando que não somente reis possuiriam essa característica divina, mas todo homem e mulher, como representante dessa imagem divina na terra<sup>300</sup> (cf. Gn 1,26 e Sl 8,5-6).

É possível que exista, implicitamente, a ideia da imagem conforme a semelhança de Gn1,26<sup>301</sup>, e quanto à expressão **אֱדָמוּ**, não se poderia afirmar que seja uma referência a **אֱדָמוּ** de Gn 1,1 – 2,4a, no que tange a humanidade, ou simplesmente quanto a sua fragilidade<sup>302</sup>, principalmente se visto enquanto paralelamente a **אֱדָמוּ**. Cogita-se que o salmista não simplesmente tenha tido uma inspiração, mas tenha dependido de uma tradição<sup>303</sup> refletida em Genesis. O salmista não ateu-se tão somente à criação cósmica, mas quis evidenciar a posição do homem, ao centralizá-lo e explanar sua função na criação<sup>304</sup>.

Não se pode negar, que considerando a forte influência do AOP, onde um governante, rei, possuía intrínseca relação com a divindade, que no Sl 8, o homem é comparado em inferioridade aos deuses, porém, é ainda comparável aos mesmos. É plenamente possível a suposição de uma implícita ideia de imagem no Sl 8, pois além de uma comparação, em sentido inferior, a representação de uma imagem, no mundo antigo, não era a semelhança física que era importante, mas a ideia mais abstrata e idealizada da identidade relacionada ao “cargo” ou “função”<sup>305</sup>.

O salmista superaria a tradição de Gn 1, quando reflete a posição do homem, e tal delegação recebida (vv. 6,7) ecoa pensamentos antigos, tais como os reis da antiguidade, a exemplo da literatura egípcia, nas instruções de Merikare (2000 a.C), em que pessoas são criadas à imagem da divindade – apesar de serem geralmente reis, criados enquanto imagem de uma divindade – ou como o rei assírio

<sup>300</sup> Cf. G..J. WENHAM. Genesis 1–15. Vol. 1, p. 31.

<sup>301</sup> Cf. A. F. KIRKPATRICK. *The Book of Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*. p. 35-36.

<sup>302</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 198.

<sup>303</sup> No presente trabalho, não se tratará de hipótese documental.

<sup>304</sup> Cf. B. S. CHILDS. “Psalm 8 in the context of the christian canon”. In: *Interpretation*, 23 no 1 Jan 1969. p. 21-22.

<sup>305</sup> Cf. J. H. WALTON. *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary (Old Testament): Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers, Deuteronomy*, vol. 1, p. 20–21.

Esarhaddon que é referido como “a perfeita semelhança de um deus”<sup>306</sup>; a pouca inferioridade do homem com relação aos deuses, confirmariam também que há uma referência implícita da imagem<sup>307</sup>.

Há grande disposição acadêmica para a questão “imagem de Deus”, e dentre algumas noções, há uma que se enquadra na perspectiva do Sl 8,5-7 em conexão com Gn 1,28, onde a pessoa humana à imagem de Deus, como uma imagem de um soberano numa moeda, é um representante e regente que representa o soberano em muitos assuntos, nos quais o soberano não encontra-se presente diretamente, e desta forma, a pessoa humana é imcumbida de “domínio”<sup>308</sup>.

O homem criado um pouco menor que deuses, coroado com glória, é função clara ligada à realeza. Na dinâmica dos movimentos do Sl 8, o v. 6 iniciando com a pouca inferioridade humana comparada aos deuses, bem como sua coroação de honra e glória, é a condução para os versículos subsequentes, que com claras características régias, situa o homem no governo, subjugando todas as coisas criadas<sup>309</sup>.

Haveria no Sl 8 uma associação com Gn 1,1-2,4a, e uma similaridade no sentido da unidade plural, quando entende-se וְיִנְיָּ num paralelismo com וְיִנְיָּ־וְיִנְיָּ como um termo plural que refere-se a humanidade, de modo que, neste caso, ter-se-ia um certo contato com a democratização de Gn 1, bem como o sentido de uma unidade plural, mesmo que difira a terminologia<sup>310</sup>. A associação “unidade plural” seria correspondente da ideia em Gn 1,26 “Façamos o homem à nossa imagem conforme a nossa semelhança”, de forma que assim como Deus é uma pluralidade, assim também é o homem, investido de Sua natureza e domínio, uma coroação com glória e honra, como declarada por Sl 8, 6<sup>311</sup>.

<sup>306</sup> Cf. J. H. WALTON. *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary (Old Testament): Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers, Deuteronomy*, Vol. 1, p. 20–21

<sup>307</sup> Cf. B. S. CHILDS. “Psalm 8 in the context of the christian canon”. In: *Interpretation*, 23 no 1 Jan 1969. p. 21-22.

<sup>308</sup> Cf. W. BRUEGGEMANN. *Theology of the Old Testament: testimony, dispute, advocacy*, p. 451–452.

<sup>309</sup> Cf. G..J. WENHAM. *Genesis 1–15*. Vol. 1, p. 30.

<sup>310</sup> Cf. B. K. WALTKE. “*The creation account in genesis 1:1-3; Part V: the theology of Genesis 1.*” In: *Bibliotheca Sacra* vol. 132. (1975), p. 333.

<sup>311</sup> Cf. B. K. WALTKE. “*The creation account in genesis 1:1-3; Part V: the theology of Genesis 1.*” In: *Bibliotheca Sacra* vol. 132. (1975), p. 333.

O sexto tablet do poema Enuma Elish, apresenta a criação da humanidade a partir do sange de Kingu, uma divindade rebelde que provocou a insurreição contra os deuses, e de seu sangue, o deus Ea cria a humanidade com a finalidade de serviço aos deuses. diferentemente do Sl 8 e seu correspondente em Gn 1,26-27, o homem é criado como representante de deus na terra, sendo coroado com o domínio, ou seja, enquanto a humanidade fora criada a partir do sangue de uma divindade rebelde em Enuma Elish, em Sl 8 ou Gn 1,26-27 o homem recebe uma função de governo sobre a criação, tendo inerentemente a isso, responsabilidades que lhes cabem enquanto ao cuidado que deve-se ter com o mundo criado por YHWH<sup>312</sup>.

Ainda segundo duas versões sumerianas, o homem possuía uma substância divina, quando o mesmo tivera recebido o sopro vital de Enki ou o sangue dos deuses Lamga<sup>313</sup>. Nesse sentido, poderia se dizer que o homem como um todo tinha em seu ser a centelha divina que o tornava semelhante aos deuses, ainda que este estivesse sempre a serviço deles.

Na concepção do mundo antigo, uma imagem carregava a essência daquilo que ela representava. Tal representação que se pudesse ter de uma divindade não sugeriria que aquele que possui esta representação pudesse fazer o mesmo que a divindade. No caso do homem semelhante aos deuses, ou feito um pouco menor que eles, poderia referir-se ao homem como aquele que carrega a essência daquilo que a imagem representa, como no mundo antigo<sup>314</sup>, ainda que em Sl 8 não esteja explícito o vocábulo referente a imagem, é subentendido que o homem à semelhança de YHWH – o rei celeste – governa as coisas criadas, como uma representação régia terrena, e nisto há aproximação com Gn 1,26-28.

Um estudo da história da ideia na Babilônia e no Egito, traz uma conclusão de que Gn 1,26-30 estaria enraizado numa última análise, na ideologia real do AOP, e também tal ponto teria demonstrado que esse é de alguma maneira, o pano de fundo da linguagem do Sl 8<sup>315</sup>, o que corroboraria também tal ligação, ainda que sem explicitações vocabulares. Ainda a descrição de um rei como a própria imagem

<sup>312</sup> Cf. J. B. PRITCHARD. (Org.). **The ancient Near East an anthology of texts and pictures** (3rd ed. with Supplement., p. 68.

<sup>313</sup> MIRCEA ELIADE. *História das crenças e das religiões*, Vol I, p.69.

<sup>314</sup> Cf. V. H. MATTHEWS., M. V. Chavalas., J. H. Walton. **The IVP Bible background commentary: Old Testament** (electronic ed., Gn 1, 31).

<sup>315</sup> Cf. C. WESTERMANN. *A Continental Commentary: Genesis 1–11*, p. 153.

de um deus, é atestada também na Mesopotâmia. A expressão sobre uma pessoa sendo a imagem conforme a semelhança de Deus de Gn 1,26, possuindo paralelo com o Sl 8, teria suas raízes nesta “tradição real”<sup>316</sup>.

O Sl 8 e Gn 1,1 – 2,4a manifestam a privilegiada posição da humanidade no mundo. Em Sl 8 o homem é protegido e determinado por YHWH como seu co-regente, quase divino, e em Gn 1,1 – 2,4a sua posição seria mais dinâmica. Como Gn 1,1 – 2,4a o Sl 8 atribui “imagem” aos seres humanos, status real e regra real comparável à sua própria<sup>317</sup>.

Considerando a imagem régia no Sl 8 como em Gn 1,1 – 2,4a, a tradição da criação pode derivar da preocupação em preservar a ordem do mundo, que seria uma preocupação com relação ao controle do rei em padrões de repetição cúltras anuais<sup>318</sup>. Tal ponto reforçaria o caráter régio\criacional do Sl 8, onde o rei soberano YHWH, estabelece seu co-regente humano, como um rei terreno, para estabelecer a ordem no mundo, assim como outrora, Ele mesmo tivera estabelecido sobre as forças caóticas. O importante detalhe a sempre ser ressaltado, é a genérica função régia.

A raiz  $\text{חסר}$  no piel pode significar “fazer faltar”, ou “fazer menor que”<sup>319</sup>. A questão levantada no v. 5: “Que é um homem para que dele tu lembres? e um filho de Adão que o visites”, é exatamente o final do movimento decrescente, ou seja, o homem no ápice de sua baixeza diante da grandiosidade da criação e do Criador. O v. 6 inicia a etapa de crescência, onde o raiz  $\text{חסר}$  apesar de referir-se a algo faltoso, ou menor que alguma coisa, é no entanto utilizado no sentido de grandeza, quando o homem é comparado à sublime posição dos seres celestiais (  $\text{אֱלֹהִים}$  – deuses), onde o mesmo situa-se um pouco abaixo de tal sublimidade, e ainda lhe é acrescentado a coroação da honra e glória.

O homem na dinâmica do Sl 8, na primeira seção, é esse ser pequeno que indaga sobre a atenção recebida de YHWH, e que na segunda seção se maravilha

<sup>316</sup> Cf. C. WESTERMANN. *A Continental Commentary: Genesis 1–11*, p. 38.

<sup>317</sup> Cf. W. R. GARR. *In his own image and likeness, humanity, divinity, and monotheism*, p. 220-222.

<sup>318</sup> Cf. G. W. COATS. *Genesis: With an Introduction to Narrative Literature*, Vol. 1, p. 47–48.

<sup>319</sup> Cf. S. MEIER, “חסר”, In: NDITEAT, Vol II. p.223; “חסר”, TDCH, Vol III, p.284.

por sua posição, de modo que, na ordem criacional, os seres humano são inferiores aos seres celestiais, mas superiores a todos os animais<sup>320</sup>.

Há uma perspectiva de uma ideologia real do AOP, ao se considerar a raiz עטר – ainda que não possa ser tomado no sentido estrito – mas principalmente כבוד, הָדָר que referem-se ao contexto da linguagem da corte do rei no AOP<sup>321</sup>. Além disso, tais termos seriam epítetos usados nos Salmos para Deus, rei e a humanidade, como indicação da identidade real<sup>322</sup>.

#### 4. 2. 2 O governo humano (v. 7)

*Faze-o governar sobre as obras de tuas mãos;*

*tudo colocaste de baixo dos seus pés.*

O “governo” (משל) humano é derivativo<sup>323</sup>, não inicia-se nele nem encerra-se no mesmo, antes, é oriundo de YHWH e é em YHWH que a governança humana se estende sobre a terra. A raiz משל no hifil sugere essa indicação da primazia de YHWH no que tange ao governo ou seu domínio sobre todas as coisas, e define o homem como o seu coadjuvante, aquele que é colocado como regente<sup>324</sup>. Tal domínio exercido pelo homem, seria também uma referência a uma função real<sup>325</sup>.

<sup>320</sup> Cf. B. K. WALTKE., C. J. Fredricks. **Genesis: a commentary**, p. 89.

<sup>321</sup> Cf. H. J. KRAUS. **A Continental Commentary: Psalms 1–59**, p. 184.

<sup>322</sup> Cf. J. L. MAYS. **Psalms**. p. 67.

<sup>323</sup> Cf. H. GROSS, “משל”, **TDOT**, p.68 .

<sup>324</sup> Cf. G. WILSON, “משל”, In: **NDITEAT**, Vol II, p.1134.

<sup>325</sup> Cf. J. C. Jr. MCCANN. **The Book of Psalms**. In L. E. Keck (Org.), *New Interpreter's Bible*, Vol. 4, p. 713.

Tal vocabulário régio, também presente em Gn 1,26, estaria em paralelo com o Sl 8, com a diferença de que em Gn 1,26 o verbo usado é o יָרַדָּה<sup>326</sup>. Ambas raízes, מָשַׁל II e הִרְדָּה I possuem aproximação semântica (governo, domínio)<sup>327</sup>.

A raiz מָשַׁל por exemplo, é usada em 1 Re 5,1-4, referindo-se ao governo (domínio) do rei Salomão sobre reinos. Outros textos atestam a raiz מָשַׁל em contextos régios<sup>328</sup>, reforçando a ideia no Sl 8, que parece evidenciar a partilha de YHWH e seu domínio com todo o gênero humano.

As “obras” (מַעֲשֵׂה) no v.7 parecem possuir um paralelismo com o v.4, onde os corpos celestes, chamados ora por exércitos dos céus ou hostes, estariam correlacionados aos seres existentes na zona terrestre, animais diversificados, cada qual segundo sua espécie. No primeiro momento (v.4) as “obras” de YHWH, a lua e os astros, são estabelecidos pelo pincelar de Seus dedos, e no segundo momento (v.7), as “obras” – animais especificados nos versículos posteriores – são domínio do homem<sup>329</sup>.

A expressão “tudo puseste de baixo dos seus pés” pode aludir a um texto fenício sobre a vida do rei Azitawaddu (ou Azitawadda). A versão mais preservada do texto autobiográfico de Azitawaddu fala sobre a construção de fortalezas em pontos específicos, onde havia homens maus, líderes de gangues. Azitawaddu então os coloca debaixo de seus pés, e as fortalezas construídas, seriam para que os Danunitas, seu povo, pudessem habitar em paz de espírito<sup>330</sup>.

Não somente destaca-se a relação do rei Azitawwadu de ter colocado os homens maus debaixo de seus pés – ainda que o Sl 8,7 não exteriorize a subjugação de inimigos, mas o governo de toda a criação em si – ainda chama atenção o fato

<sup>326</sup> Cf. C. WESTERMANN. *A Continental Commentary: Genesis 1–11*, p. 152.

<sup>327</sup> Cf. P. J. NEL, “מָשַׁל”, In: NDITEAT, Vol III, p.1052; H. J. ZOBEL, “הִרְדָּה”, TDOT, p. 330; ver também o verbo מָשַׁל, H. GROSS, “מָשַׁל”, TDOT, p.68.

<sup>328</sup> Cf. 2 Cr 9,26; 20,6; Sl 89,9.18; 2 Sm 23,3.

<sup>329</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 197.

<sup>330</sup> Cf. J. B. PRITCHARD. (Org.). *The ancient Near East an anthology of texts and pictures* (3rd ed. with Supplement., p. 654; Cf. também M. DAHOOD. *Psalms I: 1-50: Introduction, translation, and notes*, Vol. 16, p. 51.

de Azitawwadu ter construído fortalezas por causa de homens maus, a fim de conceder uma pacífica habitação para os Danunitas. Como tratado anteriormente (v.3), YHWH funda um baluarte, com um objetivo semelhante, ou seja, trazer segurança para aqueles representados pelas crianças e lactentes, dos adversários, homens maus que buscam vingança. Compara-se ainda a expressão “de baixo dos seus pés” ao textougarítico, em que Baal esmaga as asas dos falcões (ou águias) e elas caem em seus pés<sup>331</sup>.

Há também uma profecia real assíria, em que é prometido pela divindade, que seriam colocados os inimigos do rei sob seus pés. A inscrição no pedestal do trono de Salmanesar III fala sobre um homem valente que com o apoio de Assur, seu senhor, coloca todas as terras sob seus pés como um escabelo<sup>332</sup>.

Existe ainda uma imagem egípcia que mostra um rei recém entronizado com seus pés apoiados num estrado para os pés e as nações inimigas dentro<sup>333</sup>. Esse tipo de imagem, presente em antigos povos, como egípcios e mesopotâmios, sustentabiliza o caráter régio que possui o Sl 8, à semelhança do Sl 110, onde YHWH promete colocar de baixo dos pés do rei davídico seus inimigos.

Em relatos sumerianos, os mitos exaltam e louvam os deuses por serem os criadores de certas ferramentas, mas em Israel, a concepção da majestade divina não é afetada, pois mesmo nas descobertas ou em suas próprias invenções humanas, o poder e majestade de YHWH são inegociáveis, como no Sl 8, que fica patente a reflexão “que é o homem...” enquadrado pela exaltação inicial e final, mas ao mesmo tempo, é este homem que recebe o governo sobre as obras de YHWH<sup>334</sup>.

Contudo, em Jó 28, manifesta-se uma admiração pelas grandiosas realizações da humanidade, no que tange à mineração, e de nenhum modo eleva o homem acima

---

<sup>331</sup> Cf. M. DAHOOD. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry I: 1-50: Introduction, translation, and notes*, Vol. 16, p. 51; Para os textosugaríticos, N. WYATT. *Religious texts from Ugarit*, 2nd ed., p. 304.

<sup>332</sup> Cf. H. J. WALTON. *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary (Old Testament): The Minor Prophets, Job, Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*, Vol. 5, p. 418.

<sup>333</sup> Cf. H. J. WALTON. *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary (Old Testament): The Minor Prophets, Job, Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*, Vol. 5, p. 418.

<sup>334</sup> Cf. C. WESTERMANN. *A Continental Commentary: Genesis 1–11*, p. 61.

de qualquer coisa, pois distinguem-se realizações humanas do ato criativo de YHWH.

Os verbos semanticamente aparentados, podem ter sido usados com o mesmo sentido, porém, diferenciados possivelmente pela tradição distinta que tenha o Sl 8 e Gn 1,1 – 2,4a. A raiz  $\text{הָרַג}$  significa “pisar o lagar” em Jl 4,13; em Nm 24,19 e Lv 26,17 tem o sentido de “subjugar”, e usado em algumas passagens para referir-se ao domínio do rei<sup>335</sup>. O Sl 8 estaria dizendo a mesma coisa, utilizando outro vocábulo ( $\text{מָשַׁל}$ ), quando traz a expressão<sup>336</sup> “Faze-o governar sobre as obras de tuas mãos; tudo colocaste de baixo dos seus pés”. Então se tem as semelhantes ideias do domínio humano sobre as obras do Criador, mas com a utilização de diferentes raízes,  $\text{הָרַג}$  (Gn 1,26) e  $\text{מָשַׁל}$  (Sl 8,7-9).

A linguagem afim entre Gn 1,26 e Sl 8, é tratada como tendo suas raízes na língua da corte real na Babilônia e no Egito, clara indicação de que o verbo usado em Gn 1,26 é o uso de um antigo elemento da ideologia real e seus ecos no AOP, que encontra confirmação no Sl 8, quanto ao governo (domínio) humano, e no caso de Gn 1,26 e Sl 8, governo (domínio) sobre os animais<sup>337</sup>.

Pode se ver uma descrição acerca do rei do Egito que fala sobre o rei amado, filho de Rá..., chamado de “o bom deus”, é considerado a imagem de Rá, filho de Amon, aquele que pisoteia os estrangeiros<sup>338</sup>.

No texto acima são constatados dois aspectos régios, os quais são trazidos pelo Sl 8, isto é, o rei enquanto imagem da divindade, e o mesmo que pisoteia os estrangeiros, ou seja, a ideia de opositores sob os pés.

Uma promessa é feita na história do Nascimento de Amenófis III que também traz semelhante expressão, dizendo que todas as terras estariam sob a sua vigilância e que os limites estariam unidos sob suas sandálias<sup>339</sup>.

<sup>335</sup> Cf. 1 Re 5,4; Ps 110,2; 72,8; Is 14,6; Ez 34,4.

<sup>336</sup> Cf. C. WESTERMANN. *A Continental Commentary: Genesis 1–11*, p. 158

<sup>337</sup> Cf. C. WESTERMANN. *A Continental Commentary: Genesis 1–11*, p. 158.

<sup>338</sup> Cf. C. WESTERMANN. *A Continental Commentary: Genesis 1–11*, p. 158.

<sup>339</sup> Cf. C. WESTERMANN. *A Continental Commentary: Genesis 1–11*, p. 159.

O Sl 8 não parece intencionalmente uma ideia belicosa com relação ao homem – ainda que vv.2c-3 possam ser interpretados de forma dual, YHWH, o homem e seus opositores – mas ao perceber-se a relação comparativa entre o ser humano e deuses, seguida por uma raiz (משל) comumente usada para o poder régio no v.7a e uma expressão idiomática em v.7b, usada em textos antigos mesopotâmicos e egípcios, os quais geralmente se fala sobre o domínio do rei sobre seus opositores, guia para uma ótica criacionista, de viés régio, mas democratizado à toda humanidade.

#### 4. 2. 2. 1 Sobre os animais terrestres (v. 8)

*Ovelhas e bois, todos eles, e também as feras do campo.*

O substantivo **הַצֹּאֵן** designa uma manada de pequenos animais, e **אֶלְפִיִּם** refere-se a bois que são úteis para os seres humanos, gado de grande porte<sup>340</sup>. O substantivo **שְׂדֵי** pode indicar uma planície, um campo ou uma fazenda cultivada<sup>341</sup> (Gn 23,17; 47,20.24). O substantivo **בְּהֵמָה** é frequentemente usado para se referir a animais terrestres domesticados, entretanto o substantivo precedido por **אֲנִי** após as duas classes de animais domesticados (rebanho e bois), somado a **שְׂדֵי**, como um modificador de habitat e usado para animais terrestres selvagens, fazem da expressão um uso incomum<sup>342</sup>.

O domínio humano não é somente sobre animais domésticos, mas também sobre animais selvagens (feras do campo), que poderiam ser para o homem a

<sup>340</sup> Cf. H. J. KRAUS. (1993). *A Continental Commentary: Psalms 1–59*, p. 184.

<sup>341</sup> Cf. BARNES, *A Notes on the Old Testament: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry*, Vol. 1, p. 72.

<sup>342</sup> Cf. R. WHITEKETTLE. “*Zoological classification in Psalm 8*”. In: JBL 125, no. 4 (2006), p. 751.

caça<sup>343</sup>. Há no duplo “tudo/todo” nos vv. 7-8 uma ideia da abrangência do domínio humano sobre os feitos de YHWH, e corresponderia ao duplo “toda” nos vv. 2ab e 10<sup>344</sup>.

O Sl 8 exalta a humanidade sobre as espécies animais como domésticas ou as que servem de alimento. Os animais no Egito, Fenícia e Mesopotâmia eram deificados, bem como as constelações, o sol, lua, terra e mar<sup>345</sup>. No Sl 8, os animais servem ao homem, os astros lhes servem como coordenadas, a terra lugar de cultivo de onde tiram sua provisão, e o mar igualmente, para que os homens trafeguem.

Não somente as categorias de animais possuem também um interessante paralelo com um hino ao deus egípcio Aton, mas também a ordem em que são dispostas<sup>346</sup>.

Não é possível no entanto, apesar da similaridade, precisar se tais categorias, e suas respectivas disposições, fossem conhecidas e notórias para o salmista. Caso fossem conhecidas, é possível então que tenha sido feita uma adequação de uma expressão antiga, com a intenção de que, em todo momento no Sl 8, se descentralize a figura central do rei terreno, democratizando-a como em Gn 1,1 – 2,4a a fim de que, por meio disto, YHWH automaticamente seja posto no seu lugar de intocabilidade, como rei supremo de todas as coisas, que voluntariamente, concede à humanidade a função da governança. O objetivo talvez seja não seguir a esteira ideológica dos seus confrades politeístas, de maneira a manter o status supremo de YHWH, pondo o homem em segundo plano mas não pouco importante.

#### 4. 2. 2 Sobre os animais aéreos e aquáticos (v. 9)

*Aves dos céus e peixes do mar, que atravessam trajetos dos mares.*

<sup>343</sup> Cf. O. KEEL. *The symbolism of the biblical world*. p. 58.

<sup>344</sup> Cf. J. GOLDINGAY. *Baker Commentary on the Old Testament: Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry 1–41*. p.160.

<sup>345</sup> Cf. S. TERRIEN. *The Psalms: strophic structure and theological commentary*. p. 131.

<sup>346</sup> Cf. H. J. WALTON. *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary (Old Testament): The Minor Prophets, Job, Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*, Vol. 5, p. 327.

O papel da humanidade é identificado primeiro em relação aos deuses (seres celestiais) (v.6), onde o homem é marcado pela honra e pela glória – dados geralmente atribuídos a Deus – em relação aos deuses, e a segunda relação é marcada pelo domínio sobre todas as criaturas (vv.7-9), qualidade também caracteristicamente atribuída a Deus. O homem possui honra e glória em relação aos anjos e domínio em relação as outras criaturas, de tal maneira que se possa concluir, o homem não é diferente de Deus<sup>347</sup>, e tal suposição nos remete a ideia da “imagem conforme a nossa semelhança” (Gn 1,26).

Semelhantemente ao v. 8, צִפּוֹרִים é usualmente aplicado para referir-se a animais domésticos, no entanto, quando צִפּוֹרִים é usado com o termo genérico יְשָׁמַיִם, seu aspecto é modificado, passando a referir-se propriamente a todos os animais dos céus, um uso incomum<sup>348</sup>.

Monstros marinhos, seres míticos da luta cósmica, são rebaixados (Sl 104,26), o mar – oceano primevo – e o que nele atravessa, é criação de YHWH, e disponibilizado ao homem. A expressão “que atravessam trajetos dos mares” pode ser uma referência a aves e peixes, ou em paralelo ao v. 8, seria uma outra categoria, ligado à indomabilidade de animais como baleias, monstros mitológicos, seres de proporções avantajadas, e que agora estão sob domínio humano, em YHWH.

O vocábulo céus no v.9, difere dos sentidos anteriores (vv. 2c.4a), pois enquanto nos vv. 2c e 4a os “céus” são admiravelmente espetaculosos, exibindo ímpar esplendor, já no v.9 os “céus” parecem designar o ar ou a atmosfera, ou seja, uma zona terrestre alcançável ao homem<sup>349</sup>. Há pertinência tal suposição, visto que a primeira seção (vv.2-5) parece conduzir a partir da grandeza de YHWH ao homem, enquanto a segunda seção (vv.6-10) seria uma condução a partir do homem e seu domínio sobre a criação à grandeza de YHWH, pois tudo origina-se nEle.

<sup>347</sup> Cf. W. BRUEGGEMANN. *The Message of the Psalms: A Theological Commentary*. p. 36–37.

<sup>348</sup> Cf. R. WHITEKETTLE. “*Zoological classification in Psalm 8*”. In: JBL 125, no. 4 (2006), p. 751.

<sup>349</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL – C. CARNITI, *Salmos I*, p. 197.

Uma interessante passagem do hino a Amon-Rá traz uma atestação sobre o lugar criado para que os peixes do rio pudessem viver, e os pássaros no céu<sup>350</sup>.

É característico na literatura antiga tais disposições vocabulares, independente da ordem em que são atestadas. Os animais, como no Egito, Fenícia, Mesopotâmia, eram ligados muitas vezes a divindades, com seu aspecto zoomorfo, e não se pode descartar a possibilidade de que o texto também queira dizer, que tais animais, considerados sagrados, ligados às divindades, estivessem agora submetidas ao poderio humano, uma forma anti- idolátrica de expressar-se<sup>351</sup>.

Sb 11,15 expressara de forma veemente seu contraponto ao pensamento egípcio, quando fala sobre a maldade e tolice que os levou a adorar serpentes irracionais e animais inúteis. Tal questão fica no entanto em aberto, visto que não é possível se afirmar que o Sl 8 tivesse tal intencionalidade para com a antiga idolatria zoomórfica.

#### 4. 2. 3 A exaltação final (v. 10ab)

*v.10 – YHWH nosso Senhor, quão majestoso é teu nome em toda a terra!*

A conclusão é reforçada pela repetição do v.2, de forma que, assim como o homem recebe o domínio sobre as obras das mãos de YHWH, o mesmo tem seu domínio sob o domínio absoluto de YHWH. Tal repetição parece ter por objetivo a fixação dessa realidade, e o nome de YHWH emoldurando, pode ser essa ideia universalista, na qual o ser humano, filho de Adão, terá de O reconhecer como Aquele que é sobre todas as coisas.

<sup>350</sup> Cf. J. B. PRITCHARD. (Org.). **The ancient Near East an anthology of texts and pictures** (3rd ed. with Supplement., p. 366; C. WESTERMANN. *A Continental Commentary: Genesis 1–11*, p. 136.

<sup>351</sup> Cf. S. TERRIEN. The Psalms: strophic structure and theological commentary. p. 131 ;B. W. R. PEARSON. *Idolatry, Jewish Conception of*. In: C. A. Evans; S. E. Porter (Orgs.), **Dictionary of New Testament background: a compendium of contemporary biblical scholarship**, electronic ed., p. 528; E. F. SUTCLIFFE. *The Religion of Israel*. In: B. Orchard & E. F. Sutcliffe (Orgs.), **A Catholic Commentary on Holy Scripture**. p. 146.

Apesar da idêntica atestação, a sentença recebe um adendo significativo, pois insere-se a teologia da salvação pela teologia do nome, na história humana e do mundo<sup>352</sup>. Esse novo entendimento renovaria também a ênfase primária sobre o domínio e a graça de YHWH<sup>353</sup>, e o homem exaltado a uma estatura, quase semelhante aos deuses, rememora pela repetição, que no final o pertencimento é a YHWH, em que tudo tem seu início bem como seu fim.

---

<sup>352</sup> Cf. S. TERRIEN. *The Psalms: strophic structure and theological commentary*. p. 131.

<sup>353</sup> Cf. D. KIDNER. *Psalms 1–72: an introduction and commentary*, Vol. 15, p. 85.

## Conclusão

A presente pesquisa abordou questões introdutórias acerca da sua composição e a divisão do Saltério em cinco livros ou coleções, que corresponderiam aos cinco livros da Torá, como uma forma de agradecimento pela lei (Torá), recebida em forma de cânticos.

Uma importante marca nos Salmos, cujos temas referem-se à criação, é a forma sempre exaltada que manifesta o Criador, como um governante maior sobre todas as coisas. Mesmo considerando que no livro IV seja predominante o tema do reino de Deus, a ideia da sua supremacia é corroborada pelos Salmos de criação, e de forma inequívoca, pode se constatar o aspecto régio que possui o Sl 8, não só com relação ao governo humano sobre a terra e animais, mas como um delegado de YHWH, que ao homem tudo concede. Em outras palavras seria afirmar que não há reino humano, se por YHWH não for concedido, pois Ele é o soberano maior.

A comparação com as narrativas de Gn 1,1 – 2,25 se mostraram vitais, pois decerto sua posição inicial na TANAK muito diz respeito a importância do ato criativo de Deus, e não somente isso, mas também a condução que se dará desde a criação de Israel às suas manifestações soteriológicas na história.

Assim como Gn 1,1 – 2,25 possuem duas narrativas distintas, com características muito particulares, assim também os Salmos de criação, que ora tocam a primeira narrativa de Gn 1,1-2,4a, na qual a criação advém da verbalização de Deus, e outrora tocam as narrativas de Gn 2,4b-25, que a exemplo do Sl 8, possui um aspecto mais pessoal, carregada de antropomorfismos. Então, cada um dos Salmos tratados, possuindo características muito próprias acerca da criação, foram submetidos à comparação interna, ou seja, dentro do seu bloco (Saltério) e nas suas relações com Gn 1,1 – 2,25, como também submetidos à comparação externa, quando se buscou as afinidades existentes com textos do AOP.

O uso da literatura comparada tornou patente os inúmeros contatos com a cosmogonia do AOP. Tal comparação possibilitou que fossem percebidas as singularidades teológicas dos Salmos, que possuindo notoriamente uma

centralidade monoteística, ressignifica todos os elementos atribuídos aos deuses, como meros artifícios criativos de Deus.

Assim como as duas narrativas da criação de Gênesis usam nomes divinos diferenciados, os Salmos que tratam da Criação seguem da mesma forma. Alguns Salmos utilizam o Tetragrama sagrado (Sl 8; 19B; 33; 104) enquanto o Sl 19A faz referência à divindade utilizando o nome El. Desta maneira, é possível perceber a utilização de distintas tradições nos Salmos.

O Sl 148 sintetiza a criação e a convoca de forma imperativa a louvar YHWH. Não acrescenta elementos novos ao tema da criação, pois parece ser claramente intencionado para a exaltação de YHWH, que tudo criou, e que agora é louvado por toda a sua criação, astros, homens, seres celestes, animais, elementos. Enquanto o Sl 8 parece centrar-se no homem e na cosmogonia, o Sl 148 por sua vez é notoriamente centrado em YHWH, nas honras que Lhe são devidas, em forma de louvores.

A aplicação do método histórico-crítico, no terceiro capítulo, possibilitou, através da análise das variantes textuais, perceber as nuances e as opções mais verossímeis. O Sl 8 também revelou possuir uma lógica dentro do âmbito criacional, e ainda que o mesmo tenha revelado um certo turbamento quanto à possibilidade de uma tardia inserção (vv.2c-3), pôde se observar sua unidade interna linguística. Tendo sido o Sl 8 examinado, fora possibilitada sua visualização estrutural, bem como sua característica métrica, simétrica, merismo, o uso de quiasmos, que muito auxiliaram na definição de sua forma e a sua possibilidade divisional, nos movimentos decrescente ( vv.2-5 ) e crescente ( vv.6-10 ), dentro de seu padrão em moldura (v.2 e v.10). O Sl 8 é inteiramente dirigido a YHWH na segunda pessoa do singular, uma marca muito pouco frequente<sup>354</sup>, e que mostra a exaltação de forma bem direcionada.

O pronome  $\overline{\text{הוּ}}$  que auxilia na percepção da delimitação do Sl 8, também se mostra como uma característica muito comum dentro do estilo hínico, como um louvor descritivo acerca da criação. O fato de o Sl 8 ser um hino de louvor a YHWH por sua criação, seria o principal ponto em que se poderia situa-lo no período pós-

<sup>354</sup> Cf. H. GUNKEL, *introducción a los Salmos*, p. 62.

exílico, também seu horizonte universalista e sua ênfase no nome de YHWH, pontos importantes quanto ao indicativo de seu *Sitz im Leben*.

A tradição da criação é evidente dentro do Sl 8, como visto nas múltiplas afinidades e motivos com Gn 1,1–2,4a. e com Gn 2,4b-25. Fora levantada a possibilidade da evocação da tradição de Sião quando considerada a fundação de “um baluarte” como sendo uma referência a Jerusalém. Sião então estaria de forma implícita ligada à habitação de YHWH (baluarte), uma ideia presente no AOP (*imago mundi*) em que a habitação de uma divindade estaria ligada a um templo terreno. A hipótese da tradição do Êxodo também fora abordada, sendo uma possibilidade, a metonímica atestação אֲנִי + YHWH que diz respeito ao que Ele é, em relação com a libertação em Ex 6,2.6-8. O nome de YHWH se destaca pela repetição no início (v.2) e no fim (v.10) do Sl 8, revelando sua importância. A predominância no entanto se mostrou nas tradições da criação.

O comentário exegético do Sl 8, no quarto capítulo seguiu os delineamentos fornecidos pela crítica da forma. Desta maneira, a moldura ( vv. 2 e 10 ) e a tríplice atestação do pronome אֲנִי , possibilitou não só a análise dos vocábulos em cada seção, mas também o esquadrinhamento das ideias (decrecente e crescente) que parecem estar incutidas nos movimentos seccionais, onde a primeira seção (vv.1-5) conduz para o אֲנִי central (v.5), que integra a primeira seção à segunda seção (vv.6-10).

O Sl 8 revela um aspecto da criação, se tratando especificamente dos elementos noturnos, e teria seu contraponto no Sl 19A que traz elementos diurnos. O homem no Sl 8 tem uma posição central, externando também o אֲנִי central em tom de estupor diante de sua efemeridade, como aquele que cercado por inumeráveis maravilhas, se vê ainda sublimado numa condição pouco inferior a dos deuses, dotado de uma dádiva régia, como tendo recebido uma procuração do Rei/Criador por excelência. O homem é então visibilizado no âmbito terreno como um rei, não uma classe específica, o que faz do termo אֲנִי do v.5 possuir uma aproximação universalista com Gn 1,26, com referência à humanidade.

Pode se concluir então que o Sl 8 intenciona mais do que manifestar o ato criativo de YHWH, quer principalmente situar o ser humano na condição de realeza

dentro da criação, possuindo um domínio democratizado e não particularizado a uma classe específica. A criação foi para a humanidade, e a humanidade deve zelar por essa graça recebida de graça.

A presente pesquisa não visa esgotar as questões acerca da temática da criação no Saltério ou nas narrativas de Gn 1,1 – 2,25, antes, visa alavancá-la, possibilitando a abertura de novos horizontes.

## 6.

### Referencias bibliográficas

#### 6.1

##### Fontes

**BIBLIA Sacra Vulgata: Iuxta Vulgatem Versionem.** Electronic edition of the 3rd edition. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969.

**BIBLIA Sacra: Psalmi iuxta Hebraicum et Varia Lectio.** Electronic edition of the 3rd edition. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969.

ELLIGER, K. – RUDOLPH, W. (ed.). **Bíblia Hebraica Stuttgartensia.** Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1967/77.

**Naḥal Ḥever Psalms.** Bellingham, WA: Lexham Press, 2010.

RAHLFS, A., HANHART, R orgs. **Septuaginta: SESB Edition.** Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

#### 6.2

##### Dicionários e léxicos

ALONSO SCHÖKEL, L. **DBHP.** São Paulo: Paulus, 1997.

- “עזי”, DBHP, p. 487.
- “אָדיר”, p. 26.
- “יסד”, p. 281-282.

BOTTERWECK, G. J. – RINGGREN, H. **TDOT.** Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co, 1997.

- FABRY, “רוח”, TDOT, vol. XIII, p. 368-369.
- KOCH, “כין”, TDOT, vol. VII, p. 89-90.
- WAGNER, “אָנוש”, TDOT, vol. I, p. 345-347
- G. ANDRÉ, “פקד”, TDOT, vol XII, p.50-51.
- H. J. ZOBEL, “רדה”, TDOT, vol. XIII, p. 330.
- H. GROSS, “משל”, TDOT, vol. IX, p.68.

BROWN, F. – DRIVER, S. – BRIGGS, C. **The brown-driver-briggs hebrew and english lexicon.** Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 2014.

- “משל” BDB, p. 605.

CLINES, D, J. A. **TDCH.** Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993.

- “פקד”, vol. VI, p. 737.
- “חסר”, vol III, p.284.

GESENIUS, W., TREGELLES, S. P. **Gesenius’ Hebrew and Chaldee lexicon to the Old Testament Scriptures.** Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2003.

- “עז”, GESENIUS ,p.616.
- “משל”, p. 517.
- “כון”, p. 386-387.
- “שית”, p. 819.
- “קה”, p. 452.
- “אדיר”, p. 13.

KOEHLER, L. et al. **The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament.** Leiden; New York: E.J. Brill. 1999.

- “תנה”, HALOT, p. 1760.
- I e II “עז”, p. 805-806.
- “משל”, p.648.
- “כון”, p.464-465.
- “שית”, p. 1484.

LIDDELL, H. G. et al. *A Greek-English lexicon.* Oxford: Clarendon Press. 1996.

- LSJ, “ἐπαίρω”. p.604.

VANGEMEREN, W. A. (org.). **NDITEAT.** São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

- R. WAKELY, “עז”, NDITEAT. vol. III. p.372-373.
- E. A. MARTENS, “כון”, NDITEAT. vol. II, p.615-616.
- S. MEIER, “שית”, NDITEAT. vol. IV p.101.
- \_\_\_\_\_, “חסר”, NDITEAT, vol II. p.223.
- G. H. WILSON, “ישב”, NDITEAT. vol. II, p.549.
- \_\_\_\_\_, “משל”, NDITEAT, vol II, p.1134.
- A. P. ROSS, “שם”, NDITEAT, vol IV, p.149.
- L. C. ALLEN, “זכר”, NDITEAT, vol II, p.1073.
- P. J. NEL, “משל”, NDITEAT, vol III, p.1052

WHITAKER, W. **Dictionary of Latin Forms.** Bellingham, WA. 2012.

- DLF, “elevata”

– DLF, “posuisti”

### 6.3

#### Bibliografia principal

- ALEXANDER, J. A. **The Psalms Translated and Explained**. Edinburgh: Andrew Elliot; James Thin, 1864.
- ALONSO SCHÖKEL, L. – CARNITI, C. **Salmos**. vol. I. São Paulo: Paulus, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Salmos**. vol. II. São Paulo: Paulus, 1998.
- BARNES, A. **Notes on the Old Testament: Psalms**. London: Blackie & Son, 1870–1872.
- BULLOCK, C. H. **Encountering the Book of Psalms: A Literary and Theological Introduction**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2001.
- BRATCHER, R. G., REYBURN, W. D. **A translator’s handbook on the book of Psalms**. UBS Handbook Series. New York: United Bible Societies, 1991.
- BRIGGS, C. A., BRIGGS, E. G. **A critical and exegetical commentary on the book of Psalms**. vol 1. New York: C. Scribner’s Sons, 1906–1907.
- \_\_\_\_\_. *A critical and exegetical commentary on the book of Psalms*. vol 2. New York: C. Scribner’s Sons, 1906–1907.
- BUTTENWIESER, M. *The Psalms: Chronologically Treated with a New Translation*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1938.
- CHEYNE, T. K. **The Book of Psalms**. vol. 2. New York: Thomas Whittaker, 1904.
- CRAIGIE, P. C., TATE, M. E. **Psalms 1–50**. Vol. 19. 2nd ed. Word Biblical Commentary. Nashville, TN: Nelson Reference & Electronic, 2004.
- DAHOO, M. S.J. **Psalms I: 1-50**. New Haven; London: Yale University Press, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Psalms III: 101-150**. New Haven; London: Yale University Press, 2008.
- DRIVER, S. R. **Studies in the Psalms**. London; New York; Toronto: Hodder and Stoughton, 1915.

- ESTES, D. J. **Handbook on the Wisdom Books and Psalms**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2005.
- GAEBELEIN, F. E. et al. **The Expositor's Bible Commentary: Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs**. Vol. 5. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1991.
- GARR .W. R. **In his own image and likeness, humanity, divinity, and monotheism**. Brill, Leiden; Boston. 2003.
- GERSTENBERGER, E. **Psalms Part 1**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1988.
- GOLDINGAY, J. **Baker Commentary on the Old Testament: Psalms 1–41**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Baker Commentary on the Old Testament: Psalms 90–150**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2006.
- GRUBER, M. I. **Rashi's Commentary on Psalms**. Brill, Leiden; Boston. 2004.
- HARMAN, A. **Psalms: A Mentor Commentary**. vol. 1–2. Mentor Commentaries. Ross-shire, Great Britain: Mentor, 2011.
- HENGSTENBERG, E. W. **Commentary on the Psalms**. vol. 1. Edinburgh: T&T Clark, 1869.
- \_\_\_\_\_. **Commentary on the Psalms**. vol. 3. Edinburgh: T&T Clark, 1869.
- KEIL, C. F., DELITZSCH, F. **Commentary on the Old Testament**. Peabody, MA: Hendrickson, 1996.
- KIDNER, D. **Psalms 1–72: an introduction and commentary**. vol. 15. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1973.
- KIRKPATRICK, A. F. **The Book of Psalms**. Cambridge: Cambridge University Press, 1906.
- Kissane, E. **The Book of Psalms**, Browne and Nolan, Dublin, 1953.
- KRAUS, H-J. **A Continental Commentary: Psalms 1–59**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A Continental Commentary: Psalms 60–150**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A Continental Commentary: Theology of the Psalms**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1992.

- LANGE, J. P., et al. **A commentary on the Holy Scriptures: Psalms**. Bellingham, WA, 2008.
- LONGMAN, T, III., GARLAND, D. E. orgs. **The Expositor's Bible Commentary: Psalms**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008.
- MAYS, J. L. **Psalms**.. Louisville, KY: John Knox Press, 1994.
- MITCHELL, D. C. The message of the psalter: an eschatological programme in the books of Psalms, **JSOTSup**. 252. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.
- MOWINCKEL, S. **The psalms in Israel's worship**. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2004.
- PECHAWER, L. **Poetry and prophecy**. Cincinnati, OH: Standard Publishing, 2008.
- PEROWNE, J. J. Stewart. **The Book of Psalms**. London; Cambridge: George Bell and Sons; Deighton Bell and Co., 1883.
- PLUMER, W. S. *Studies in the Book of Psalms*. Philadelphia; Edinburgh: J. B. Lippincott Company; A & C Black, 1872.
- SEYBOLD, K. **Introducing the psalms**. London; New York. T&T Clark. 1990.
- TERRIEN, S. **The Psalms: strophic structure and theological commentary**. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2003.
- TOURNAY, R. J. Seeing and Hearing God with the Psalms: The Prophetic Liturgy of the Second Temple in Jerusalem. Vol. 118. **JSOTSup**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1991.
- WALTNER, J. H. **Psalms. Believers Church Bible Commentary**. Scottsdale, PA; Waterloo, ON: Herald Press, 2006.
- WALTON, J. H. **Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary (Old Testament): The Minor Prophets, Job, Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs**. vol. 5. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary (Old Testament): Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers, Deuteronomy**. vol. 1. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009.
- WATTS, J. W. Psalm and story: Inset Hymns in Hebrew narrative. Vol. 139. Sheffield: **JSOTSup** Press, 1992.
- WHYBRAY, N. *Reading the Psalms as a book*. Vol. 222. **JSOTSup**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996.

## 6.4

**Bibliografia de apoio**

- ALTER, R. **The Art of Biblical Poetry**. basic books, New York, 1985.
- ALLEN, L. C. **Psalms 101–150**. Dallas: Word, Incorporated, 2002.
- BRAUDE, W. G. **The Midrash on Psalms**. New Haven, Yale University Press, 1959.
- BRUEGGEMANN, W. **The Message of the Psalms: A Theological Commentary**. Minneapolis: Fortress Press, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Theology of the Old Testament: testimony, dispute, advocacy**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2005.
- COATS, G. W. **Genesis: With an Introduction to Narrative Literature**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983.
- GARR, W. R. **In his own image and likeness, humanity, divinity, and monotheism**. Brill, 2003
- GILLINGHAM, S. E. **The Image, the Depths and the Surface: Multivalent Approaches to Biblical Study**. London; New York: Sheffield Academic Press. 2002.
- HALLO, W. W., YOUNGER, K. L. **The context of Scripture**. Leiden; New York: Brill, 1997.
- HERSHON, P. I. **Genesis: With a Talmudical Commentary**. London: Samuel Bagster and Sons, 1883.
- HOSSFELD, F., ZENGER, E. **Psalms 3: A Commentary on Psalms 101–150**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2011.
- MATHEWS, K. A. **The New American Commentary: Genesis 1-11:26**. Publishing Group, Nashville: Tennessee, 1996.
- MATTHEWS, V. H., CHAVALAS, M. W., WALTON, J. H. **The IVP Bible background commentary: Old Testament**. Electronic ed. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000.
- MIRCEA ELIADE. **História das crenças e das religiões**, vol 1, Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- NEUSNER, J. **The Babylonian Talmud: A Translation and Commentary**. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2011.

- NICKELSBURG, G. W. E., VANDERKAM, J. C. **1 Enoch 2: A Commentary on the Book of 1 Enoch, Chapters 37–82**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2012.
- PRITCHARD, J. B. **The ancient Near East an anthology of texts and pictures**. Princeton: Princeton University Press, 1969.
- VON RAD, G. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Aste, 2006.
- WALTKE, B. K., FREDRICKS, C. J. **Genesis: a commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2001.
- WENHAM, G. J. **Psalms as Torah: Reading Biblical Song Ethically**. Studies in Theological Interpretation. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Genesis 1–15**. Dallas: Word, Incorporated, 1998.
- WESTERMANN, C. **A Continental Commentary: Genesis 1–11**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1994.
- WISDOM, T. **A Royal Destiny: The Reign of Man in God's Kingdom**. Greenville, SC: Bob Jones University Press, 2006.

## 6.5

### Artigos e capítulos

- CHILDS, B. S. “*Psalm 8 in the context of the christian canon*”. **Interpretation**, 23 no 1 Jan 1969. P. 20-31.
- CREACH, J. F. D. *Yahweh as refuge and the editing of the Hebrew psalter*. Vol. 217. **JSOTSup**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996.
- DAY, J Chapter 11: How Many Pre-exilic Psalms Are There? In Search of Pre-exilic Israel: **Proceedings of the Oxford Old Testament Seminar**, p. 238–239.
- DOMINIQUE, P. Harmony of Spheres: from Pythagoras to Voyager 2. Valls-Gabaud, D. & Boksenberg, A. (eds.). *The Role of Astronomy in Society and Culture*. Proceedings of the IAU Symposium No. 260, 2009. International Astronomical Union, 2011, p. 358-367.
- FERNANDES, L. A. *Deus, a pessoa humana e a criação: Salmo 8*. In: FERNANDES, L. A. – GRENZER, M. *Dança, ó terra: interpretando Salmos*. São Paulo: Paulinas, 2013.

- GAROFALO, A. L. “L`uomo alla presenza di Dio. L`e esperienza del divino nei testi poetici e sapienziali dell` Antico Testamento. In: **ApTh I** (2015), 2, p. 277-304.
- KAISER Jr, W. C. “The structure of the book of Psalms”. **Bibliotheca Sacra** 174, (2017), p. 3-12.
- KRAUT, J “The birds and the babes: The structure and meaning of Psalm 8”. **The Jewish Quarterly Review**, vol. 100, No. 1, (2010), p. 10- 24.
- MARÉ, L. P. The Messianic Interpretation of Psalm 8:4–6 in Hebrews 2:6–9., **Psalms and Hebrews: Studies in Reception** (2010), p. 110.
- MCCANN, J. C., Jr. The Book of Psalms. **New Interpreter’s Bible**, vol. 4. Nashville: Abingdon Press. (1994–2004). p. 710.
- MILLER, P. D. *The Beginning of the Psalter*. In: J. C. McCANN, *The Shape and shaping of the Psalter*, **JSOTSup**, 159. Sheffield: Sheffield Academic Press. (1993), p. 90.
- MORGENSTERN, J. Psalms 8 and 19A. **Hebrew Union College Annual**, p 491-523, 19 1945 – 1946.
- SMITH, M. S. Psalm 8:2b-3: “New proposals for old problems”. **The Catholic Biblical Quarterly**, 59 no 4 Oct 1997, p 637-641.
- SOGGIN, J. A. “Textkritische untersuchung von Ps. VIII vv. 2-3 und 6”. **VT**. 21, (1971), p. 565-571.
- TATE, M. E. “An Exposition of Psalm 8”. **Perspectives in Religious Studies**, 28 no. 4, 2001, p 343-359.
- WALTKE, B. K. “the creation account in genesis 1:1-3; Part V: the theology of Genesis 1.” **Bibliotheca Sacra** vol. 132. (1975), p. 327-42.
- WHITEKETTLE, R. “Zoological classification in Psalm 8”. **JBL** 125, no. 4 (2006), p. 749-795.

## 6.6

### Ferramentas

- ALEXANDER, T. D., BAKER, D. W. **Dictionary of the Old Testament: Pentateuch**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003.
- ALONSO SCHÖKEL, L. **Manual de poetica hebrea**. Madrid: Crisandad, 1987.

- FREEDMAN, D. N. et al. **The Anchor Yale Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992.
- JOÛON, P. – MURAOKA, T. **Gramática del hebreo bíblico**. Navarra: Verbo Divino, 2009.
- LIMA, M. L. C. **Exegese bíblica: teoria e prática**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- LONGMAN, T. III. **Dictionary of the Old Testament: Wisdom, Poetry & Writings**. Downers Grove, IL; Nottingham, England: IVP Academic; InterVarsity Press, 2008.
- TOV, E. **Crítica textual da bíblia hebraica**. Bv Books, 2017.
- VAN DER TOORN. et al. **Dictionary of deities and demons in the Bible**. Leiden; Boston; Köln; Grand Rapids, MI; Cambridge: Brill; Eerdmans, 1999.
- WATSON, W. G. E. **Classical hebrew poetry**. *JSOT*, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Traditional Techniques in Classical Hebrew Verse**. *JSOT*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1994.